

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**AS EXPERIÊNCIAS DOS SOBREVIVENTES E SUAS
CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO E
ACONSELHAMENTO PSICOPASTORAL NA
PREVENÇÃO INDICADA AO SUICÍDIO**

Por

Vardilei Ribeiro da Silva

São Bernardo do Campo

Setembro de 2025

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**AS EXPERIÊNCIAS DOS SOBREVIVENTES E SUAS
CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO E
ACONSELHAMENTO PSICOPASTORAL NA
PREVENÇÃO INDICADA AO SUICÍDIO**

Por

Vardilei Ribeiro da Silva

Tese apresentada em cumprimento às exigências do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo – Diretoria de Pós-graduação e Pesquisa para obtenção do grau de Doutor.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Clarissa De Franco

São Bernardo do Campo

Setembro de 2025

FICHA CATALOGRÁFICA

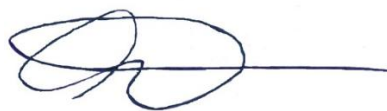
Si38e Silva, Vardilei Ribeiro da
As experiências dos sobreviventes e suas contribuições para o cuidado e aconselhamento psicopastoral na prevenção indicada ao suicídio / Vardilei Ribeiro da Silva -- São Bernardo do Campo, 2025.
182 p.

Tese (Doutorado em Ciências da Religião) --Diretoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2025.
Orientação de: Clarissa De Franco.

1. Suicídio - Aspectos psicológicos 2. Suicídio - Aspectos religiosos 3. Aconselhamento pastoral I. Título

CDD 253.5

A Tese intitulada: “**AS EXPERIÊNCIAS DOS SOBREVIVENTES E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO E ACONSELHAMENTO PSICOPASTORAL NA PREVENÇÃO INDICADA AO SUICÍDIO**”, elaborada por **Vardilei Ribeiro da Silva**, foi apresentada e aprovada em 12 de Setembro de 2025, perante banca examinadora composta por Profa. Dra. Clarissa De Franco (Presidente/UMESP), Profa. Dra. Adriana Barroso de Azevedo (Titular/UMESP), Prof. Dr. Valdinei Aparecido Ferreira (Titular/FATIPI), Dr. Júlio César Adam (Titular/EST) e Dr. Thiago Antonio Avellar de Aquino (Titular/UFPB).



Profa. Dra. Clarissa De Franco

Orientadora e Presidente da Banca Examinadora



Prof. Dr. Marcelo Carneiro

Coordenador do Programa de Pós-Graduação

Programa: Pós-Graduação em Ciências da Religião

Área de Concentração: Religião, Sociedade e Cultura

Linha de Pesquisa: Religião e Dinâmicas psicossociais e pedagógicas

Esta pesquisa foi realizada com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

DEDICATÓRIA

Aos participantes desta pesquisa e a todos os sobreviventes do suicídio.

AGRADECIMENTOS

Ao término desta pesquisa meu coração transborda de gratidão ao Criador que me possibilitou chegar até aqui. Entretanto, essa chegada não foi solitária, pelo contrário, atravesso a linha da chegada de mãos dadas com muitas pessoas sem as quais me perderia no caminho e desistiria da prova.

Agradeço a minha família, meu porto seguro nas tempestades da vida. Minha esposa Fabrícia tem sido minha grande incentivadora, ela me elogia bondosa e generosamente afirmando que me tornei um intelectual que não deixou de lado a humildade e a capacidade de conversar sobre as coisas simples da vida. Sou grato ao meu filho Alexandre que me olha com admiração e diz se inspirar na minha peregrinação, talvez ele não tenha total discernimento disso, mas ele é uma das motivações para tudo quanto faço na vida, seja no âmbito acadêmico ou não. Durante a graduação em Teologia, tantas e tantas vezes o Alexandre reclamou minha presença quando o que tinha era a ausência devido a necessidade de estudar e trabalhar quando ele ainda era criança, agora pela mesma situação, mas com menor intensidade, passa a Vitória que veio ser família com a gente aos dez anos de idade e que de quando em quando me abraça por detrás da cadeira e pergunta: “meu pai é o que hein? Professor, pastor, estudante? Minha gratidão é também a ela, especialmente por encarar o desafio de ser filha de alguém como eu.

Expresso minha gratidão ao meu pai Milton Ribeiro da Silva, homem de pouco estudo, mas com convicções éticas bem arraigadas e que soube transmiti-las aos seus filhos e minha mãe Maria de Jesus Brígido Silva (In Memoriam), presença constante em minhas memórias. Mãe! Seu filho é Doutor!

Sou grato aos irmãos e irmãs da Igreja Presbiteriana Independente do Parque Ipê por me permitirem pastoreá-los ao longo de mais de uma década. Na IPI do Parque Ipê vi desabrochar minha vocação pastoral e porque não dizer, acadêmica também. No chão da vida, onde as pessoas experimentam os seus dilemas aprendi a importância da reflexão para ajudar os outros e a IPI do Parque Ipê me possibilitou isso.

Minha gratidão também se estende ao Rev. Vicente Canhoto Dias, amigo de longa data, que generosamente aceitou o convite para ler a Tese em

seu formato final e fazendo-o, realizou apontamentos pertinentes a partir da perspectiva pastoral.

Não poderia deixar de manifestar gratidão a todos os professores e professoras que me acompanham desde o tempo da graduação em Teologia, eles e elas contribuíram para que eu destruísse meu castelo de afirmações fundamentalistas e construísse uma casa mais arejada onde o conhecimento pudesse acessar livremente o interior do meu ser.

Sou agradecido a Professora Doutora Blanches de Paula que foi minha orientadora durante o Mestrado em Ciências da Religião e durante o primeiro ano do Doutorado na UMESP, doutorado que foi fortemente incentivado e viabilizado por ela. A crise institucional que se abateu sobre a Universidade Metodista de São Paulo fez com que alguns professores e professoras fossem demitidos e entre tais estava a professora Blanches. Sua saída abalou as estruturas emocionais daqueles que estavam sob sua orientação e comigo não foi diferente.

Naquele momento de crise mãos firmes se apresentaram. Nesse sentido, minha gratidão se estende também ao Professor Doutor Marcelo Carneiro, Coordenador do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da UMESP, pois ele não deixou a peteca cair e trouxe confiança a todos os discentes dentre os quais me incluo, em um tempo marcado por incertezas quanto ao futuro acadêmico.

Expresso minha imensa gratidão a Professora Doutora Clarissa De Franco que na crise agiu plenificada de criatividade e desdobrando-se assumiu diversas orientações e dentre elas a minha. Sua paciência, interferências, objetividade e liberdade que me concedeu na escrita foram fundamentais para a conclusão dessa Tese.

Minha gratidão se estende também às professoras e professores membros das Bancas de Qualificação e Defesa: Doutora Blanches de Paula (Qualificação), Doutora Aline de Souza Taconeli (Qualificação), Doutor Júlio César Adam (Qualificação e Defesa), Doutor Valdinei Aparecido Ferreira (Defesa), Doutor Thiago Antonio Avellar de Aquino (Defesa) e Doutora Adriana Barroso de Azevedo (Defesa). Todas as professoras e todos os professores, contribuíram de forma significativa com as críticas, elogios e sugestões que foram fundamentais para o desenvolvimento e conclusão da Tese.

Minha origem é periférica, meus recursos davam conta das obrigações mensais. Assim, minha gratidão também é destinada a CAPES, que fomentou por meio da Bolsa de Pesquisa tanto o meu Mestrado quanto o Doutorado. Minha gratidão à CAPES se expressa também para além das palavras por meio de produções acadêmicas como entrevistas concedidas, cursos ministrados, artigos, livro e capítulos de livros publicados. Meu anseio e expectativa é de que o investimento seja agora revertido para a sociedade de forma geral.

SILVA, Vardilei Ribeiro. **AS EXPERIÊNCIAS DOS SOBREVIVENTES E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO E ACONSELHAMENTO PSICOPASTORAL NA PREVENÇÃO INDICADA AO SUICÍDIO.** Tese de Doutorado em Ciências da Religião. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). São Bernardo do Campo, 2025.

RESUMO

As mortes por suicídio, foram e continuam sendo cercadas pelo tabu que impede a reflexão e compreensão de algo tão complexo que acaba por atentar contra a vida humana. O tabu se explica porque o fenômeno do suicídio sempre foi refletido a partir da moralidade cristã, onde quem se matava o fazia por haver pecado contra Deus. A partir de tal premissa teológica, o “suicida” se tornava merecedor de suplícios e vexames terrenos, além das punições eternas. Os anos e séculos se passaram e o imaginário cristão continuou refém das premissas medievais quanto ao suicídio e o tabu foi se fortalecendo cada vez mais. Outras razões para além das premissas cristãs no medievo começaram a ser apontadas para as mortes por suicídio, ainda que nos âmbitos religiosos o tema continuasse cercado pelo silêncio que estigmatiza aqueles que cometeram suicídio, seus familiares e aqueles que no âmbito desta pesquisa são denominados de sobreviventes. Com o objetivo de transpor o imaginário medieval e tabu que cercam o tema do suicídio, na presente Tese procurou-se refletir sobre o fenômeno do suicídio a partir dos diferentes campos epistemológicos e, sobretudo, a partir das experiências dos sobreviventes também denominados na Tese de participantes. Os sobreviventes que se tornaram participantes da Tese foram cooptados a partir de convite para entrevistas realizado por meio do Google Forms em grupos relacionados a igrejas cristãs, sendo escolhidos três participantes. A partir das experiências dos sobreviventes e do aporte teórico de diferentes autores, em especial Viktor Emil Frankl e Carl Rogers foi possível o estabelecimento de uma proposta para o Cuidado e Aconselhamento Psicopastoral, destacando, sobretudo, a importância da interdisciplinaridade para a transposição dos princípios moralistas ou fundamentalistas que culpabilizam a pessoa e não promovem transformações.

Palavras-chave: Sobreviventes do suicídio, Aconselhamento Pastoral, Experiência, Prevenção, Sentido da vida.

SILVA, Vardilei Ribeiro. **THE EXPERIENCES OF SURVIVORS AND THEIR CONTRIBUTIONS TO PSYCHOPASTORAL CARE AND COUNSELING IN SUICIDE PREVENTION**. Doctoral thesis in Religious Studies. Graduate Program in Religious Studies at the Methodist University of São Paulo (UMESP). São Bernardo do Campo, 2025.

ABSTRACT

Deaths by suicide have been and continue to be surrounded by a taboo that prevents reflection and understanding of something so complex that it ultimately threatens human life. The taboo can be explained by the fact that the phenomenon of suicide has always been viewed from the perspective of Christian morality, where those who killed themselves did so because they had sinned against God. Based on this theological premise, the “suicide” became deserving of earthly torment and humiliation, in addition to eternal punishment. Years and centuries passed, and the Christian imagination remained hostage to medieval premises about suicide, and the taboo grew stronger and stronger. Other reasons beyond Christian premises in the Middle Ages began to be pointed out for deaths by suicide, even though in religious circles the subject remained shrouded in silence that stigmatizes those who committed suicide, their families, and those who, in the context of this research, are referred to as survivors. With the aim of transcending the medieval imagery and taboo surrounding the topic of suicide, this thesis seeks to reflect on the phenomenon of suicide from different epistemological fields and, above all, from the experiences of survivors, also referred to in the thesis as participants. The survivors who became participants in the thesis were recruited through invitations to interviews conducted via Google Forms in groups related to Christian churches, with three participants being chosen. Based on the experiences of the survivors and the theoretical contributions of different authors, especially Viktor Emil Frankl and Carl Rogers, it was possible to establish a proposal for Psychopastoral Care and Counseling, highlighting, above all, the importance of interdisciplinarity for the transposition of moralistic or fundamentalist principles that blame the person and do not promote change.

Keywords: Suicide survivors, Pastoral counseling, Experience, Prevention, Meaning of life.

AUTOBIOGRAFIA

Meu nome é Vardilei Ribeiro da Silva, nasci em 01/12/1977, Rio Casca – MG. Permitam-me começar assim esta autobiografia, pois o que vou me tornando é devedor de toda a minha trajetória de vida, incluindo alguns rincões das Minas Gerais. Apesar de uma breve passagem por Sorocaba, interior de São Paulo em minha infância, até o meu casamento aos 23 anos de idade, minhas memórias foram formadas em Minas. Sobre Sorocaba, o que sempre ouvia dos meus pais quando visitávamos os álbuns de fotografias onde me via juntamente com meus dois irmãos, por volta dos 4 ou 5 anos, era que voltamos para Minas porque eu tive pneumonia por não conseguir me adaptar ao clima de São Paulo e a recomendação médica aos meus pais era de que eles procurassem outro lugar para morar se quisessem preservar minha vida.

Em Minas e em particular na cidade de Ponte Nova, cresci e me desenvolvi. Eu era uma criança introvertida, talvez como mecanismo de defesa devido a gagueira que em certo grau ainda hoje me acompanha. Sempre gostei de brincadeiras solitárias onde pudesse ter tempo para refletir, assim gastava boa parte do tempo livre desenhando ou construindo casinhas de barro no quintal de casa. Fui crescendo e alimentando o sonho de ser desenhista, por algum tempo realmente achava que era essa a única coisa para a qual havia nascido.

Morando em uma cidade com média de 60 mil habitantes cursei o ensino fundamental II aos trancos e barrancos, pois o ambiente escolar sempre me foi hostil em vista da minha dificuldade de fala. Somado a isto, estava inserido em uma cultura familiar que não favorecia o prosseguimento aos estudos, o que importava mesmo era a mínima formação necessária para se conseguir um emprego mediano.

Durante a minha juventude atuei em diferentes atividades laborais. Trabalhei como servente de pedreiro nas obras administradas por meu pai que era Mestre de Obras, como garçom em diferentes bares e restaurantes e por incrível que pareça, como desenhista de moda em algumas lojas da cidade após realizar um curso livre no SENAC da capital mineira.

Neste vivenciar do cotidiano, a Fabrícia (minha esposa) se tornou uma experiência marcante e permanente. Nos conhecemos, namoramos, nos casamos e já sem perspectivas de trabalho na cidade, acertamos que iríamos

tentar a vida exatamente em Sorocaba, lugar onde permaneceram alguns familiares de terceiro grau, que para lá foram em êxodo na metade do século passado e que haviam recentemente recebido meu irmão mais velho que também havia ido para lá em busca de emprego. Este foi quem me acolheu, possibilitando que um mês depois, já estabelecido e empregado em uma fábrica onde ajudava na criação de roupas infanto-juvenis, pudesse trazer a Fabrícia.

Ir para Sorocaba não foi uma decisão fácil, pois deveria deixar para trás os meus pais que com o que tinham em mãos me possibilitaram o viver. Minha mãe, sofria sequelas no corpo em decorrência de derrame que havia sofrido pouco depois de perder meu irmão mais novo de forma trágica. Sem minha pessoa, o berço materno estaria plenamente vazio, mas ainda assim, estava certo do que deveria fazer e assim o fiz.

Em Sorocaba, recém-casado e com um bebê recém-nascido me dei conta de que precisava continuar os estudos se quisesse desfrutar de uma qualidade de vida melhor. Assim, ingressei em um curso supletivo que me possibilitou concluir o Ensino médio, ali, na vivência estudantil outra experiência me tomou. Ouvi um professor se dirigir a um aluno, afirmando que não podemos ser medíocres, o fato é que era exatamente assim que me sentia. Aquela exortação me capturou de tal modo que nunca mais deixei de estudar. Paralelamente ao supletivo consegui concluir minha primeira formação técnica na ETEC da cidade. Com o curso técnico em Desenho de Construção Civil consegui um emprego melhor e melhor qualidade de vida para a família. Além disso comecei a sonhar um pouco mais, queria ser pastor.

Com a morte do meu irmão mais novo (seis anos antes de me estabelecer em Sorocaba), que foi tragicamente encontrado por mim “afogado”¹ em um rio, me voltei de maneira profunda para a espiritualidade, buscando de alguma forma preencher o vazio que estava experimentando. Nessa busca pelo transcendente ou até mesmo pelo sentido da vida, experimentei o Espiritismo Kardecista, mas foi em uma igreja evangélica reformada que me estabeleci e me reconheci cristão.

¹ A morte do meu irmão mais novo, continua ainda hoje, sendo uma grande incógnita. No atestado de óbito constava causa desconhecida. Como família carregamos a possibilidade de afogamento, assassinato e eu em particular, até mesmo de suicídio.

Com indicação da minha igreja de origem em Minas Gerais (Igreja Presbiteriana do Brasil) procurei uma igreja para congregar em Sorocaba, conheci a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil em Brigadeiro Tobias, onde fui recebido, acolhido e onde pude ver desabrochar minha vocação pastoral. A referida igreja, seguindo os trâmites do presbiterianismo me encaminhou ao presbitério e este à Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

Já no primeiro ano de Faculdade de Teologia tempestades sobrevieram. Minha mãe faleceu em decorrência de uma complicação cirúrgica, fiquei sem chão. Naquele contexto o afeto da minha esposa e filho foram imprescindíveis para continuar a caminhada. A igreja que me enviou à Faculdade de Teologia experimentou uma divisão por divergências entre a liderança (pastor e presbítero), a mim, foi requerido apoio a uma das partes em tom de ameaça, pois caso discordasse da destituição do pastor (já que também era presbítero na ocasião) seria denunciado junto ao órgão oficial da denominação “O Estandarte”, como o presbítero que insistia na renovação de um comissionamento pastoral que traria prejuízos para a igreja no próximo ano.

Entre a cruz e a espada busquei orientação junto a um professor da Faculdade que na ocasião era o redator de O Estandarte. Fui acolhido e assegurado de que nada poderia prejudicar meus estudos nem mesmo as querelas da igreja local. Junto a isso, reconheço que cheguei à Faculdade empedernido pelo meu fundamentalismo religioso, fui provocado e me rendi ao processo de aprendizagem. As tempestades não foram suficientes para me fazer submergir.

Passados quatro e difíceis anos de formação teológica, ingressei em um curso de história, seguido de uma Pós Lato Sensu em Projetos Sociais e de outra em Cuidado e Aconselhamento Pastoral. Essa última pós, me abriu os horizontes para o Mestrado em Ciências da Religião e assim aconteceu. Transformei o artigo da pós que propunha uma aproximação entre Aconselhamento Pastoral e Logoterapia² em um projeto de Pesquisa e o encaminhei a professora Doutora Blanches de Paula que prontamente me respondeu e estimulou para o ingresso

² A logoterapia é uma abordagem psicoterapêutica desenvolvida por Viktor Frankl e possui como pressuposto que o ser humano pode, a despeito do sofrimento encontrar um sentido para o viver.

no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista.

Ladeado por mestres que me provocaram o saber, expressei minha profunda gratidão a todos os professores e todas as professoras da Universidade Metodista que possibilitaram uma reflexão teológica mais arejada, bem como uma análise mais profunda do fenômeno religioso em interface com tantas outras áreas do conhecimento humano.

A busca pelo conhecimento fez penetrar em mim uma inquietação com as dores do mundo e no contexto da Covid-19, com mais de 700 mil mortes e entendendo a culpabilidade do Governo Federal devido a sua inação ou ação ineficaz, resolvi publicizar minha contrariedade com o mesmo. Tornei-me *persona non grata* para alguns, em especial, no que tange a minha denominação, fui demitido da função de Administrador Acadêmico, por haver participado de um ato ecumênico contra Bolsonaro, fora do meu horário de trabalho e sem representar oficialmente a denominação. Se bem que minha intuição aponta que a revolta e conchavos dos meus algezes estivessem relacionados à perturbação que sentiram por uma foto tirada com a querida Reverenda Alexya Salvador no referido evento.

Naquele ano de 2022, muitas ambições denominacionais morreram, sofri e chorei pelas consequências da minha atitude, mas sofri e chorei muito mais por perceber em minha denominação o pacto de tantos com o falso messias, com o racismo, com a misoginia e com a homofobia. As palavras de Jesus nunca fizeram tanto sentido: “de que adianta ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma” – essa frase foi por muito tempo um alento.

Confesso que o ocorrido abalou inclusive meu relacionamento com a igreja local, pois a partir de então posicionei-me firmemente no que diz respeito aos direitos de toda e qualquer pessoa e contra toda forma de racismo, machismo, misoginia, homofobia e, sobretudo, contra a instrumentalização política da igreja pela Extrema-Direita.

Destituído da minha função retornei à Educação Básica como professor de História e Filosofia, disciplinas que lecionava na Rede Estadual de Educação antes de aceitar o convite para trabalhar na Faculdade de Teologia durante a implementação do curso EAD. No decurso dessa nova fase realizei três concursos públicos sendo aprovado em dois, o que me possibilitou assumir o

cargo de professor de História, agora como efetivo. Curiosamente o concurso que prestei para professor de História ocorreu no dia 08 de janeiro de 2023, dia da tentativa de golpe amplamente midiaticizada e que fui tomar conhecimento apenas após deixar o local da prova, por volta das 19h daquele dia. É assim que hoje me refiro àquele acontecimento durante as aulas de História – tentativa de GOLPE.

Ainda em 2023 outra experiência me capturou. Estávamos desde 2019 no processo de adoção e uma chamada telefônica com identificação do Fórum interrompeu o Colóquio de Doutorado. Fui informado que deveria ir ao Fórum para conhecer a história da Vitória para em seguida dar início ao processo de aproximação até a adoção definitiva. Juntamente com a Fabrícia participamos de todo o processo (aproximação, guarda provisória, adoção) até que o nosso sobrenome se tornou o dela também.

Sou pastor Presbiteriano Independente, sou professor de História na Rede Municipal de Educação São Paulo. Em São Paulo, a partir do segundo ano da Faculdade de Teologia me estabeleci e já se foram 21 anos desde que deixei meu Estado e terra Natal. Em todas as minhas férias, Minas torna-se itinerário obrigatório, por causa dos familiares, tanto meus como da Fabrícia que lá residem, mas também porque as cidades por onde morei possuem um sentido sacramental para mim, ao revisitá-las, memórias afetivas são reativadas e celebradas no interior do meu ser, que louva ao Criador Supremo, pelo que fui, pelo que sou e pelo que ainda serei nesta metamorfose contínua que nos impõe o viver. No mais, posso dizer, sou uma pessoa feliz!

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Elaborado pelo autor - SA: Setembro Amarelo	48
Tabela 2 - Visão Deweyana da experiência.....	84

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Triunfo sobre toda a tentação na hora da morte	14
Figura 2 - Cubo suicida de Shneidman.....	17
Figura 3 - Processo do suicídio: Modelo ecológico da OMS.....	19
Figura 4 - Mapa T no O	31
Figura 5 - A Redenção de Cam.....	32
Figura 6 - A morte de Werther.....	42
Figura 7 – Papageno	44
Figura 8 - Ponderação sobre o Suicídio da CNHP	69
Figura 9 - Vale dos Suicidas.....	71
Figura 10 – Dimensão Biopsicoespiritual	114
Figura 11 - A felicidade como efeito da vontade de sentido como motivo	124
Figura 12 - Padrão patogênico da neurose obsessiva	133

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
1. O SUICÍDIO COMO FENÔMENO QUE NOS INTERPELA.....	9
1.1. Uma análise interdisciplinar sobre o suicídio.....	11
1.1.1. O comportamento humano diante da morte e do morrer	12
1.1.2. Análise do fenômeno do suicídio a partir da Psicologia e Psicanálise.....	16
1.1.3. Análise do fenômeno do suicídio a partir da Sociologia.....	20
1.2. Análise do Boletim Epidemiológico de 2024, a partir dos marcadores de raça e gênero e suas implicações para o Cuidado e Aconselhamento Pastoral	22
1.2.1. O suicídio dos povos originários e sua relação com a economia capitalista e evangelização conversionista	28
1.2.2. Religião, racismo e suicídio: Fenômenos que se interrelacionam ...	30
1.2.3. O suicídio de grupos LGBTQIAPN+ como denúncia a opressão da igreja.....	34
1.3. Entre o Efeito Werther e o Papageno: O aconselhamento indireto das Igrejas Protestantes Históricas frente a realidade do suicídio	40
1.3.1. O Efeito Werther: um fenômeno de contágio que preocupa	41
1.3.2. O Efeito Papageno como representação de superação diante da crise.....	43
1.3.3. A campanha <i>Setembro Amarelo</i> nos Órgãos Oficiais de Igrejas Protestantes no Brasil entre 2020 a 2022: entre o receio de Werther e a abertura para o Papageno	46
2. O ACONSELHAMENTO PASTORAL FRENTE AO FENÔMENO DO SUICÍDIO.....	52
2.1. Análise Conceitual, histórica e teológica do Aconselhamento Pastoral	53
2.1.1. Análise Conceitual do Aconselhamento Pastoral.....	53
2.1.2. O Aconselhamento Pastoral no contexto veterotestamentário e neotestamentário	58
2.1.3. O Aconselhamento Pastoral na Patrística e Escolástica	59
2.1.4. O Aconselhamento Pastoral no período da Reforma Protestante ...	61
2.1.5. A prática do Aconselhamento entre o Gabinete e o Divã	62

2.2. O Aconselhamento Pastoral na atualidade: limitações e avanços frente ao fenômeno do suicídio	64
2.2.1. O Modelo Noutético ou fundamentalista de Aconselhamento Pastoral.....	65
2.2.2. O Modelo holístico de libertação e crescimento e o Modelo Contextual de uma poimênica de libertação: Uma interação possível	66
2.2.3. O Aconselhamento Pastoral em diálogo com a Logoterapia	67
2.3. O Aconselhamento Pastoral na atualidade: Reminiscências da cosmovisão medieval quanto aos suicidas e seu destino	68
2.3.1. O Imaginário Medieval sobre o inferno e o destino dos que matam a si mesmos.....	70
2.3.2. As reações eclesíásticas no medievo frente a realidade do suicídio	72
2.3.3. Influência do Imaginário e Teologia Medieval no Aconselhamento pastoral na atualidade.....	74
3. QUERO TE OUVIR: AS EXPERIÊNCIAS VIDIDAS PELOS SOBREVIVENTES DO SUICÍDIO.....	79
3.1. Fundamentação Teórica da Pesquisa Narrativa	80
3.1.1. A Pesquisa Narrativa como epistemologia em construção	80
3.1.2. O conceito de experiência a partir da Pesquisa Narrativa	83
3.1.3. O campo como lugar de pesquisa e experiências no viver, contar, recontar e reviver de histórias.....	86
3.2. Narrativas das experiências vividas pelos sobreviventes ao suicídio.....	87
3.2.1. Entrevista com o participante Antônio Carlos (Participante 01)	89
3.2.2. Entrevista com o participante José (participante 02)	93
3.2.3. Entrevista com a participante Vitória (Participante 03)	98
3.2.4. Considerações preliminares sobre as narrativas	106
3.2.5. Temas centrais para o estabelecimento de caminhos para o Cuidado e Aconselhamento Pastoral	109
4. CAMINHOS PARA O ACONSELHAMENTO PSICOPASTORAL NA PREVENÇÃO INDICADA AO SUICÍDIO A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS VIDIDAS.....	111
4.1. O Aconselhamento Psicopastoral: Propostas de trabalho em rede junto aos sobreviventes	115
4.1.1. A atuação Psicopastoral no espaço religioso e clínico	118
4.1.2. O encaminhamento psicoterápico como dimensão do Cuidado e Aconselhamento Pastoral	120

4.2. Aconselhando para a autotranscendência.....	121
4.2.1. Aconselhando para a autotranscendência por meio do valor criacional.....	125
4.2.2. Aconselhando para a autotranscendência por meio do valor vivencial.....	128
4.2.3. Aconselhando para a autotranscendência por meio do valor atitudinal.....	130
4.3. Aconselhando para o Autodistanciamento.....	132
4.3.1. Aconselhando para o autodistanciamento por meio da Intenção Paradoxal.....	132
4.3.2. O Autodistanciamento de alguns personagens bíblicos	134
4.4. A relevância do Aconselhamento Psicopastoral centrado no sobrevivente	135
4.4.1. Carl Rogers e o processo de tornar-se pessoa.....	136
4.4.2. O Aconselhamento Psicopastoral e o empoderamento do sobrevivente para a vida	138
4.4.3. A escuta empática no Aconselhamento Psicopastoral a partir de uma abordagem Rogeriana	139
4.4.4. O acolhimento no Aconselhamento Psicopastoral a partir da abordagem Rogeriana	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIAS	147
ANEXOS.....	154
ANEXO A – TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	154
ANEXO B – Anuência para a Pesquisa.....	158
ANEXO C – Declaração de Responsabilidade do(a) Pesquisador(a).....	159
ANEXO D: Parecer consubstanciado	160

INTRODUÇÃO

Fico a me perguntar quando e como foi que o tema do suicídio me fascinou a ponto de se tornar objeto de pesquisa no Mestrado e Doutorado em Ciências da Religião. Para responder a essa pergunta recorro a memória e tento percorrer estradas diferentes que se encontraram e formaram a avenida da minha trajetória acadêmica.

Eu estava no primeiro ano da Faculdade de Teologia, e como todo seminarista tinha alguns pregadores que me inspiravam e gostava de ouvir. Foi ouvindo um destes pregadores (Ed René Kivitz) enquanto caminhava em direção a Faculdade que tomei conhecimento de um teórico chamado Viktor Frankl, um psiquiatra que havia desenvolvido uma psicoterapia, a “Logoterapia” e que nos campos de concentração sendo ele próprio, um prisioneiro na Alemanha nazista de Adolf Hitler, pode testificar na prática os fundamentos da sua psicoterapia, ou seja, que a despeito da tragicidade é possível encontrar um sentido para a vida.

O tema do sermão era “*Os sonhos não envelhecem*” e inspirado em Josué capítulo 14, quando Calebe dizia ao líder Josué que apesar da velhice ele ainda tinha forças para conquistar sua Hebrom, o pregador mencionou Viktor Frankl que apesar da condição desumana a que estava sujeito nos diferentes campos de concentração, trazia consigo um sonho, sobreviver e contribuir socialmente com a sua psicoterapia. Aquela mensagem me ensinou que não importavam as circunstâncias nem tampouco a idade, o sonho tem o potencial de nos manter vivos.

A partir daquele sermão procurei pesquisar um pouco mais a respeito do Viktor Frankl e os seus textos acabaram por fazer muito sentido para mim, pois de certo modo, naquela conjuntura eu mesmo perseguia um sentido para o meu próprio viver.

Com Viktor Frankl aprendi a máxima nietzschiana “*quem tem pelo que viver pode suportar qualquer coisa*”. O ano era 2009, eu estava como seminarista na Faculdade, enfrentava, como seminarista, momentos difíceis na igreja que me interpelavam quanto a vocação pastoral. Era também o primeiro

ano sem minha mãe que havia falecido em decorrência de uma complicação cirúrgica.

Conclui o curso de Teologia, fui ordenado e assumi o pastorado de uma igreja local. Na referida igreja (Igreja Presbiteriana Independente do Parque Ipê), a convite de uma instituição Paraeclesiástica aceitei o desafio de atuar como capelão voluntário em um Batalhão da Polícia Militar e foi ali que conscientemente me deparei pela primeira vez com a realidade do suicídio. O Policial Militar, enquanto Agente de Segurança Pública se insere em uma das profissões que são elencadas como as mais estressantes³ e por algumas vezes inserido naquele contexto tomei conhecimento da prática do suicídio de alguns policiais. Foi então que os escritos de Viktor Frankl se tornaram mais uma vez necessários, pois alguns dos suicídios apontavam para a “frustração e vazio existencial” termos preconizados nos escritos de Frankl.

Com o intuito de tentar contribuir pastoralmente com pessoas desesperadas da própria vida, ingressei em um curso de Cuidado e Aconselhamento Pastoral e em seguida com o resultado do artigo obrigatório daquela pós-graduação *Latu Sensu*, apresentei meu projeto de pesquisa ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da UMESp que adquiriu o seguinte tema final: *Aconselhamento Pastoral e Logoterapia: convergências possíveis frente ao Suicídio*.

Falar da morte é falar da própria vida, nesse sentido, o tema do suicídio me fascina exatamente porque a vida me fascina e desejo ainda contribuir para qualidade de vida de tantas outras pessoas que tiverem contato com os textos que tenho produzido dentro dessa temática, bem como, com a Tese aqui apresentada.

O leitor e a leitora perceberão na presente Tese a Pesquisa Narrativa como recurso metodológico, por entender, conforme preceitua Adriana Azevedo et al. (2021) que:

A aplicação de uma metodologia de pesquisa de natureza qualitativa e de caráter investigativo na modalidade narrativa, tem por premissa o pesquisador buscar conhecer a experiência

³ Alves et. al., 2022, p. 439.

dos participantes em relação ao fenômeno objeto da sua investigação (Azevedo et. al., 2021, p. 79).

É no desvelar da experiência na interação entre pesquisador e participantes que almejo encontrar caminhos para o Aconselhamento Pastoral que levem em consideração a experiência dos sobreviventes que a despeito da dor e por vezes, do desejo de morte, conseguiram ressignificar suas vidas. Comumente optarei na escrita pela linguagem em primeira pessoa do singular, também por se coadunar com a proposta da Pesquisa Narrativa.

No primeiro capítulo da Tese apresento uma reflexão sobre o suicídio, enquanto fenômeno que nos interpela, assim, destaco o comportamento humano diante da morte ao longo da história, comportamento que perpassa a aceitação em sua naturalidade até a negação. Quanto ao fenômeno do suicídio de forma específica procuro destacar como diferentes áreas do conhecimento humano abordam o tema, a saber, a Psicologia e a Sociologia.

Ainda no primeiro capítulo apresento alguns desafios que o fenômeno do suicídio impõe ao Cuidado e Aconselhamento Pastoral na atualidade. Para isso, a partir de dados estatísticos procuro refletir a respeito da responsabilidade da igreja, diante dos suicídios dos grupos considerados minoritários em nossa sociedade, a saber: indígenas, negros e grupos LGBTQIAP+. No que diz respeito a essa questão o que me preocupa saber é a postura de seguimentos cristãos que acaba por promover sofrimento e sugerir o suicídio a partir de suas omissões ou comissões evangelísticas, quando deveriam acolher para promover a vida.

De igual modo, procuro demonstrar os desafios que se apresentam na campanha *Setembro Amarelo*⁴, onde poucas igrejas históricas apresentam atuações propositivas no combate ao suicídio. Na análise do comportamento das igrejas frente a campanha procuro destacar o quanto poderiam estabelecer uma espécie de aconselhamento indireto nas matérias divulgadas em seus meios de comunicação.

⁴ A campanha do Setembro Amarelo teve início no Brasil no ano de 2015, mas sua origem está relacionada ao suicídio de um jovem chamado Mike Emme em 1994. Mike havia restaurado um Mustang 68, pintando-o de amarelo. Conta-se que em decorrência deste feito, em seu velório amigos e parentes o homenagearam com fitas e cartões amarelos, com dizeres valorizando a vida.

No segundo capítulo da Tese me preocupo inicialmente em conceituar o Aconselhamento Pastoral, termo que diz respeito tanto a uma área da Teologia Prática, quanto a práxis pastoral orientada pela teoria desta área teológica em especial. Em diálogo com diferentes teóricos procuro explicitar conceitualmente o aconselhamento enquanto prática pastoral diante das crises experimentadas pelas mais diferentes pessoas que recorrem a ajuda pastoral.

Entendendo que conceitos podem ser reféns das mutações históricas, procurei, de igual modo, explicitar o desenvolvimento do Aconselhamento Pastoral ao longo da história e a partir das diferentes perspectivas teológicas refletidas pela igreja ao longo do tempo.

Em seguida, apresento os diferentes modelos de aconselhamento pastoral na atualidade, bem como as contribuições destes modelos para as situações em que os aconselhados apresentam intenções suicidas. Frente aos mais variados modelos o que será possível perceber é a abertura interdisciplinar de alguns e o recrudescimento de outros, neste caso, em explícito flerte com a teologia medieval que criminaliza/culpabiliza a pessoa que comete suicídio.

No terceiro capítulo apresento a Pesquisa Narrativa como metodologia que no âmbito desta Tese se ocupa das narrativas dos sobreviventes do suicídio para a partir delas refletir a respeito de caminhos para o Aconselhamento Psicopastoral. Estes possíveis caminhos serão delineados no quarto capítulo. Ainda no terceiro capítulo, registro em sua íntegra as narrativas dos sobreviventes a partir de uma entrevista semiestruturada, para maior fluidez e liberdade narrativas. No trabalho de campo percepções para além do que se narra e registra são possíveis, assim, procuro também apresentar por meio do diário de bordo⁵ aquilo que senti na interação com os participantes, seja por meio do sorriso, choro, respiração ofegante, receios, anseios e afetos. Ainda no terceiro capítulo procuro destacar temas comuns nas narrativas que poderiam servir de fundamentação para um Aconselhamento Pastoral na prevenção indicada ao suicídio.

⁵ Diário de Bordo se refere as anotações feitas no trabalho de campo que buscavam demonstrar minhas percepções diante de cada participante/sobrevivente, ou seja, aquilo que estava nas entrelinhas (emoções, reações, desconfortos, embargos da voz etc.). A proposta do Diário de Bordo é de fato registrar o não dito, mas nem por isso menos importante no trabalho de campo.

Por fim, no quarto capítulo procuro a partir das narrativas dos sobreviventes delinear caminhos para o Aconselhamento Psicopastoral junto aos sobreviventes do suicídio.

A partir das narrativas dos sobreviventes e a partir da interação dessas narrativas com a literatura, seja ela da área teológica, psicológica ou sociológica procuro estabelecer caminhos para a prática do aconselhamento junto aos sobreviventes. Teóricos como Viktor Frankl, Carl Rogers dentre outros se apresentam relevantes para a pavimentação deste caminho.

Tanto Frankl, quanto Rogers teóricos da Psicologia, contribuem significativamente para o Aconselhamento Pastoral. O primeiro por se focar no sentido da vida e por apontar caminhos para a ressignificação do viver apesar da tragicidade da vida e do drama do suicídio. Retomo algumas proposições de Frankl iniciadas no Mestrado e as aprofundo na presente Tese. O segundo, pelo modelo de aconselhamento centrado no cliente que possibilita à pessoa em crise, a partir da ajuda do conselheiro o crescimento e desenvolvimento pessoal. O que procuro demonstrar é a convergência dos pressupostos destes teóricos com a perspectiva teológica, sobretudo, a partir do relacionamento que Jesus estabelecia com as pessoas, emancipando-as e proporcionando-lhes vida abundante.

Assim, a proposta da Tese é que a partir da interface entre Teologia e outras áreas do conhecimento humano, sobretudo, a partir das narrativas dos sobreviventes, seja possível a reflexão a respeito de caminhos que possibilitem um melhor viver. Acredito que a partir do campo das Ciências da Religião essa preocupação e ocupação epistemológica trará contribuições para as ações nos espaços religiosos/eclesiásticos visando sempre o crescimento e desenvolvimento do ser humano.

1. O SUICÍDIO COMO FENÔMENO QUE NOS INTERPELA

Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância – João
10.10

Vida abundante na perspectiva cristã é vida que caminha na direção da integralidade das dimensões biopsicoespiritual do ser humano, ou seja, saúde física, emocional e espiritual. Não se pode deduzir que esta vida abundante seja vida isenta de problemas que são próprios da contingência que nos impõe o viver, mas vida que a despeito das intempéries, caminha na direção da plenitude do sentido do viver. Quando o sentido se esvai, o suicídio pode se apresentar como solução do viver ou da forma de vida indesejada.

Diante da complexidade deste fenômeno, o Filósofo existencialista Albert Camus, inicia o seu texto intitulado o *Mito de Sísifo*, com uma provação inquietante ao afirmar existir apenas um problema filosófico realmente sério, ou seja, o suicídio, pois a partir deste problema somos interpelados a respeito do propósito ou sentido da vida (Cf. Camus, 2004, p. 08). O fenômeno do suicídio perpassa a existência humana em todas as épocas e contextos culturais e no contexto medieval sob o domínio e moralização da religião cristã no ocidente, o suicídio foi criminalizado e veementemente combatido. Entretanto, a despeito da condenação da sua prática desde tempos antigos, o fenômeno do suicídio continua presente na sociedade atual e suscita questionamentos, afinal, por que não persistir na vida, tendo em vista a inevitabilidade da morte, em outros termos, a inevitabilidade da morte não deveria fazer com que valorizássemos a existência?

Diferentes teóricos nos ajudam a compreender as motivações para o suicídio ou *morte de si mesmo*⁶, termo comumente utilizado antes que o próprio termo *suicídio* fosse cunhado. Dentre estes teóricos, Émilie Durkheim, por exemplo, procurou compreender esse aspecto multifatorial por meio da tipificação do suicídio classificando-o como altruísta, egoísta, fatalista e anômico, buscando relacionar cada tipo às questões sociais que os suscitavam.

⁶O próprio termo “suicídio”, que aparece pouco antes de 1700 e substitui a expressão, até então utilizada, “morte de si mesmo”, é um sinal dessa evolução (Minois,2018, p. 04).

Por meio da tipificação do suicídio, Durkheim, relaciona o fenômeno com a situação do indivíduo em sua sociedade, micro ou macro. Diferentemente de Durkheim, Karl Marx “tenta aplicar sua teoria social a casos individuais” (Bertolote, 2012, p. 34) para explicar o fenômeno do suicídio. Conforme descrevo em estudo anterior, “Marx pretendeu com seu breve escrito fazer uma crítica à sociedade, ao passo que Durkheim buscou entender de forma pormenorizada esta sociedade geradora de suicídio” (Silva, 2024, p. 56-57).

Na contramão de Marx e Durkheim, Camus, citado anteriormente, percebe na prática do suicídio uma reação a absurdidade da vida. Para ele, trata-se muito mais que um fenômeno social, “trata-se, para começar, da relação entre o pensamento individual e o suicídio. Um gesto desses se prepara no silêncio do coração, da mesma maneira que uma grande obra” (Camus, 2018, p. 20). Quando, na percepção de Camus, o Ser se dá conta do vazio de sentido em meio ao cotidiano repetitivo, o suicídio se apresenta como solução contra o absurdo. No entendimento de Camus, para viver e não se submeter ao suicídio é preciso que haja uma constante revolta contra o absurdo que não encontra sentido na vida *Per se*.

Seria Camus um niilista? Viviane Mosé, aponta que de acordo com Deleuze, o niilismo⁷ pode ser compreendido em Friedrich Nietzsche de quatro formas, a saber: niilismo negativo – onde predomina a negação da vida em função de uma vida imaginada superior a partir do platonismo e ou cristianismo; niilismo reativo – onde se busca o paraíso não em outra realidade para além da própria vida, mas nesta vida por meio da razão científica; niilismo passivo – onde tudo perde o sentido, Deus e o humano se resumem ao nada; niilismo ativo – onde a vida em si mesmo torna-se o maior valor (Cf. Mosé, 2018, p. 44). Camus parece se adequar à concepção ativa do niilismo, abraçando a existência de forma revoltosa, enquanto aqueles e aquelas que desistem do viver parecem se adequar ao niilismo passivo, pois tudo perdeu o sentido.

Conforme será apontado adiante, para outros teóricos o fenômeno do suicídio pode estar relacionado ao chamado *Efeito Werther*, onde uma determinada morte por suicídio pode despoletar em outras pessoas o desejo de morrer, imitando aquele que anteriormente cometeu suicídio. Em estudo anterior

⁷ Niilismo do Latim Nihil que significa Nada.

(Silva, 2024), pontuei o quanto a teoria do desejo mimético de René Girard pode contribuir para que percebamos o quanto estamos sujeitos a permeabilidade e o quanto o desejo de imitação, inclusive do que tange ao suicídio, pode incidir sobre nós.

O suicídio é um fenômeno multifatorial e é sob esta perspectiva que ele deve ser analisado. Entretanto, seja qual for a perspectiva sobre a qual se analisa o fenômeno, fato é que pessoas continuam desistindo da vida pela via do suicídio. Dados da Organização Mundial da Saúde⁸ (OMS) apontam que “Todos os anos, 727.000 pessoas tiram a própria vida e há um número muito maior de pessoas que tentam suicídio” (OMS, 2025), nesse sentido, este fenômeno tantas vezes silenciado devido ao tabu que o cerca e silencioso, porque nem sempre é possível prever objetivamente o seu acontecimento, precisa ser alvo de reflexão para que seja combatido da melhor forma possível.

1.1. Uma análise interdisciplinar sobre o suicídio

Neste capítulo me ocupo em discorrer sobre o fenômeno do suicídio a partir das diferentes epistemologias, tendo em vista a complexidade do fenômeno. Nesse sentido, olhares a partir da Psicologia, da Psicanálise e Sociologia são imprescindíveis para compreensão do humano que por diferentes motivos se tornam vítimas de suicídio. Uma análise dos Boletins Epidemiológicos contribuirá para maior compreensão em termos quantitativos das vítimas de suicídio no Brasil.

Os atravessamentos de gênero, raça e etnia que perpassam os Boletins Epidemiológicos me levaram à reflexão sobre a relação da igreja com os chamados grupos minoritários.

Ainda no presente capítulo discorro a respeito da possibilidade do Aconselhamento Pastoral, mesmo que indiretamente por meio dos órgãos oficiais de algumas denominações históricas nas campanhas sobre o Setembro Amarelo.

⁸ <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/suicide>

Entretanto, procuro inicialmente estabelecer uma reflexão a respeito da morte, tendo em vista, que marcadamente a morte é tema tabu na sociedade, quanto mais, a morte por suicídio.

1.1.1. O comportamento humano diante da morte e do morrer

Até onde se sabe, nós, seres humanos, somos os únicos seres vivos que possuem consciência da morte e essa consciência fez com que modificássemos o modo como lidamos com a ela ao longo do tempo. Numa análise a respeito do comportamento humano diante da morte, Phillippe Ariés, um estudioso das mentalidades apresenta diferentes percepções.

A primeira delas é a denominada *Morte domada*, onde mediante a inevitabilidade da morte, não se busca a sua negação, pelo contrário, por meio de relatos dos mais variados personagens, Ariés destaca o controle exercido pelos moribundos que conscientes da proximidade da morte procuravam exercer uma postura de vanguarda diante dela. Assim ele afirma:

Tratava-se também de uma cerimônia pública. O quarto do moribundo transformava-se, então, em lugar público, onde se entrava livremente. Os médicos do fim do século XVIII, que descobriram as primeiras regras de higiene, queixavam-se do excesso de pessoas no quarto dos agonizantes. [...] Era importante que os parentes, amigos e vizinhos estivessem presentes. Levavam-se as crianças – não há representação de um quarto de moribundo até o século XVIII sem algumas crianças (Ariés, 2017, p.37).

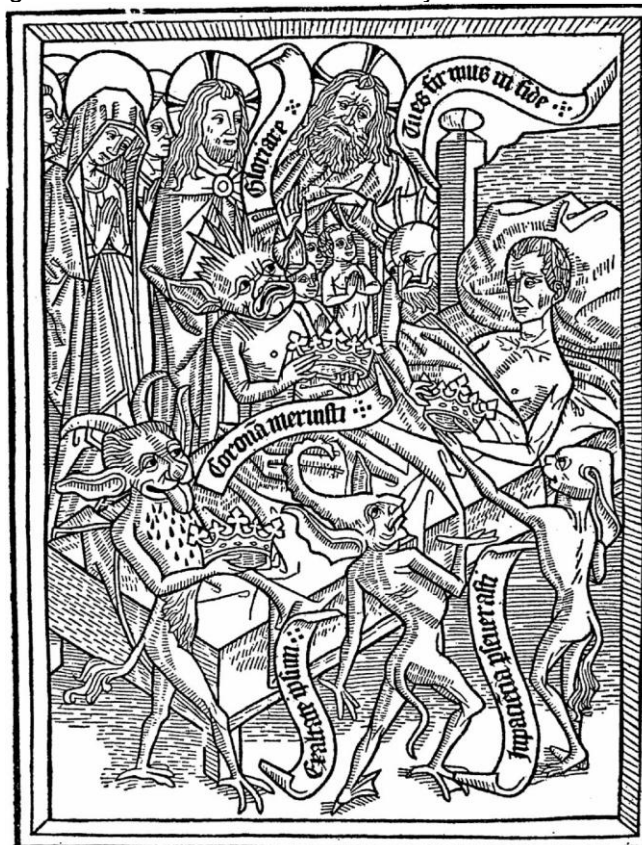
Na *Morte domada* não se privava sequer as crianças do enfrentamento desta condição humana, numa espécie de educação para a morte. Na atualidade, comportamento comum “é o afastamento das crianças daquele local. Meninos e meninas são levados imediatamente para outro local e, quando perguntam o que aconteceu, os adultos procuram mil e uma explicações para nada explicarem” (D’Assumpção, 1984. p. 29).

Se na *Morte domada*, o moribundo evidenciava certa aceitabilidade frente ao seu inevitável destino, na atualidade, ainda perdura a ideia de fases do morrer, conforme preconizado por Elizabeth Küber-Ross. Essa estudiosa

detectou possíveis estágios do morrer frente aos seus pacientes terminais que eram: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Para alguns pesquisadores atuais há que se fazer críticas ao modelo de Küber-Ross, pois “as pessoas à morte não são, portanto, compreendidas nas suas particularidades, porque essa concepção de fases do morrer é aplicada como regra” (Franco, 2021, p. 75), por outro lado, Rodrigo Luz e Daniela Freitas Bastos entendem que “os estágios não são estanques e podem coexistir ou se combinar de maneira bastante complexa, sem que haja um tempo determinado ou mesmo uma ordem para as reações emocionais dos pacientes” (Bastos; Luz, 2019. P. 63). Para além das possíveis críticas a Küber-Ross o que pretendo demonstrar é a mudança de postura do ser humano moderno em relação ao do período Medieval.

Ao apresentar a *Morte de si*, como outra faceta do comportamento humano no medievo diante da morte, sobretudo, a partir do século XII, Ariés não identifica um abandono pleno do comportamento anterior, mas uma mudança sutil que enfatiza o particular em detrimento do coletivo. Na representação da *Morte de si*, começa a se apresentar uma moralização que objetiva apontar o destino do moribundo a depender da sua postura na vida. Representações do juízo final, do quarto do moribundo, onde se visualiza seres sobrenaturais comprimindo a cabeceira do jacente (Cf. Ariés, 2017, p. 51) ou mesmo alterações na arte tumular, evidenciavam a mudança de comportamento diante da morte. A imagem abaixo, explicita este comportamento.

Figura 1 – Triunfo sobre toda a tentação na hora da morte



Fonte: Ars Moriendi

A *Morte do outro*, é outra denominação que explicita, conforme o historiador, comportamento que vai se estabelecendo a partir do século XVIII. Este novo comportamento é caracterizado pela emoção que de certo modo era contida na Morte domada. De acordo com Ariés:

No século XIX, uma nova paixão arrebatou a assistência. Ela é agitada pela emoção, chora, súplica e gesticula. Não recusa os gestos ditados pelo uso. Pelo contrário, cumpre-os, eliminando-lhes o caráter banal e costumeiro. A partir de então, são descritos como se fossem uma invenção inédita, como se fossem espontâneos, inspirados por uma dor apaixonada e única do gênero (Ariés, 2017, p. 66).

Em relação a Morte do outro, Clarissa De Franco (2010) afirma que a “lamentação romântica promove uma necessidade à família do morto: visitar o tumulo do ente querido, como um sinal de respeito ao luto” (Franco, 2010, p. 105). Os diferentes comportamentos diante da morte conforme explicitados até aqui, se sobrepuseram lentamente, não sendo possível perceber, conforme

Ariés, mudanças que delimitassem claramente um comportamento do outro (Cf. Ariés, 2017, p. 82). Essa diferenciação mais explícita se perceberá na denominada *Morte Interdita*, ou seja, na tentativa de proibi-la ou de pelo menos minimizar seus efeitos nos sobreviventes, no moribundo e na sociedade de forma geral.

Os moribundos passavam a morrer nos hospitais, tendo em vista que estes se tornaram os lugares de efetivo cuidado dos enfermos. A sinceridade com que se lidava com a condição do moribundo passou a ser mascarada, evitando-se ao máximo publicizar sua real condição de saúde. As visitas aos túmulos se tornaram cada vez mais escassas tendo em vista, as simplificações dos próprios túmulos e início das cremações, conforme explicitado por Ariés “uma vez esvaziada a morte, não há mais razão para visitar seu túmulo. Nos países onde a revolução da morte é radical, na Inglaterra por exemplo, a cremação torna-se a forma dominante de sepultamento” (Ariés, 2017, p.85).

Ainda, “só se tem o direito de chorar quando ninguém vê nem escuta” (Ariés, 2017, p.85). Todo este comportamento explicita o caráter selvagem da morte que já não pode ser dominada, mas que pode ser “ignorada”, estabeleceu-se então o tabu. Tabu está relacionado a proibição, algo do qual não se toca ou não se fala. Para Freud:

O significado de “tabu” se divide, para nós, em duas direções opostas. Por um lado, quer dizer “santo, consagrado”; por outro, “inquietante, perigoso, proibido, impuro”. O contrário de “tabu”, em polinésio, é *noa*, ou seja, “habitual, acessível a todos”. Assim, o tabu está ligado à ideia de algo reservado, exprime-se em proibições e restrições, essencialmente. A nossa expressão “temor sagrado” corresponde frequentemente ao sentido de “tabu” (Freud, 2012, p. 26).

A morte, em sua concepção interdita se apresenta como algo vergonhoso que acaba por invadir de forma intransigente o fluxo da vida feliz. Deve-se evitar a morte, falar da morte ou até mesmo expressar sofrimento em decorrência da morte. Na atualidade, deve-se reconhecer temas tabus, sobretudo, em ambientes religiosos, tais como: sexualidade e morte. Se a morte como condição humana se apresenta como tabu, quanto mais a morte por

suicídio. Assim, requer-se uma análise mais aprofundada do fenômeno como pretendo a seguir.

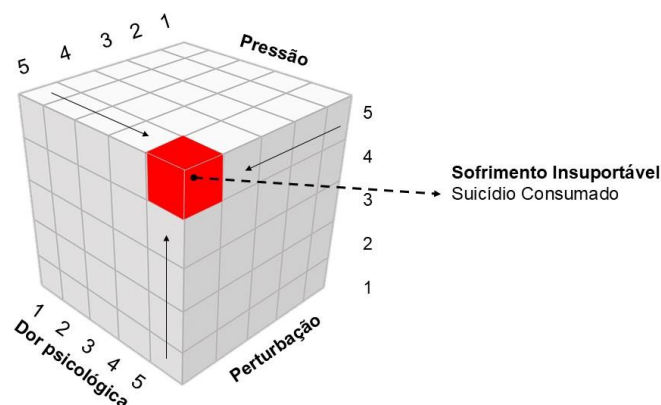
1.1.2. Análise do fenômeno do suicídio a partir da Psicologia e Psicanálise

As diferentes perspectivas psicológicas são imprescindíveis para a compreensão do fenômeno do suicídio, assim, ainda que resumidamente, apresento algumas dessas perspectivas que apontam as possíveis motivações para a crise suicida, bem como, caminhos para a superação e ressignificação da vida.

Necessário se faz começar por Edwin Shneidman⁹, considerado o pai da suicidologia elaborou o denominado “cubo suicida de Shneidman” que procura demonstrar como a confluência máxima de três disposições mentais podem culminar no suicídio. Nessa teoria, a dor máxima aliada a perturbação máxima e a pressão máxima que se percebe na esquina 5-5-5 são determinantes para a consumação do suicídio. A convergência dessas disposições são explicitadas na figura abaixo para maior compreensão da teoria de Shneidman.

⁹ Edwin Shneidman (1918-2009) nasceu em York e morreu em Los Angeles. Psicólogo de formação, viria a ser um eminente investigador na área do suicídio e da tanatologia. Para muitos, é tido como o pai da suicidologia. Foi um dos pioneiros do Centro de Prevenção do Suicídio de Los Angeles e da Associação Americana de Suicidologia. Professor na Universidade da Califórnia, ajudaria a fundar a revista “Suicide and Life-Threatening Behavior”. Autor de vasta obra, destacam-se: “The definition of suicide” (1985), “Suicide as psychache” (1993), “The suicidal mind” (1996). A homenagem a Edwin Shneidman. Disponível em: <<https://www.spsuicidologia.com/generalidades/biblioteca/artigos-cientificos/82-suicidio-de-durkheim-a-shneidman-do-determinismo-social-a-dor-psicologica-individual>> acesso em 11 de novembro de 2024.

Figura 2 - Cubo suicida de Shneidman



Fonte: Adaptado pelo autor de Benavides e Rosero, (2010, p. 10)

A dor psicológica (psique) constitui-se fator principal que fomenta o suicídio quando alcança a escala da insuportabilidade. Antoon A. Leenaars afirma a partir de Shneidman, que a dor psicológica se torna insuportável na somatização de outras emoções negativas como culpa, vergonha, humilhação, raiva dentre outros (Cf. Leenaars, 2010, p. 10).

A máxima perturbação deriva, de acordo com Benavides e Rosero, do estreitamento do pensamento que diante das situações da vida sucumbe a desesperança e a impulsividade (Cf. Benavides e Rosero, 2010, p. 11). Por fim, a pressão deriva das diversas situações externas que podem se elevar ao nível da insuportabilidade (Cf. Benavides e Rosero, 2010, p. 13). Fica evidente, a partir de diferentes estudiosos, que na perspectiva de Shneidman, o suicídio é evitado na medida em que por meio da ajuda psicológica a pessoa consegue baixar os níveis da dor, perturbação e pressão.

A partir das proposições de Shneidman, deve-se estar atento à relevância da ajuda psicológica que deve estar acessível aqueles e aquelas que por diferentes motivos se veem profundamente perturbados e pressionados, caso contrário o suicídio como realidade ameaçadora poderá se apresentar.

Para Viktor Emil Frankl, formulador da Tese do otimismo trágico é possível ressignificar a vida a partir da adoção de uma postura otimista frente a

tríade trágica: *dor, culpa e morte*. Para Frankl “quando se tem na vida algum porquê, qualquer como se pode suportar” (Frankl, 1989, p.90), assim ele afirma que a despeito da dor é possível transformar o sofrimento numa conquista e numa realização humana, a despeito da culpa é possível transformá-la em oportunidade de mudar a si mesmo para melhor, a despeito da morte é possível fazer da vida que é inevitavelmente transitória um incentivo para realizar ações responsáveis (Cf. Frankl, 2021, p. 161).

Obviamente, as proposições de Frankl não tentam responsabilizar a pessoa que experimenta o vazio existencial para a superação da crise suicida sozinha, pelo contrário, afirma-se o sentido da vida a partir da ajuda logoterapêutica que possibilitará à pessoa uma nova perspectiva, apresentando ao ser em sofrimento as possibilidades do desenvolvimento dos valores criativos, vivenciais e atitudinais.

Do ponto de vista psicanalítico o suicídio constitui-se fenômeno relacionado a pulsão de morte que se constitui numa luta pelo retorno ao estado de inércia, onde a capacidade do ser humano lidar com as adversidades da vida é atacada desvitalizando as suas relações consigo mesmo e com o mundo (Cf. Cassorla, 2017, p. 13). Para Roosevelt Cassorla o suicídio pode ser inconsciente ou consciente, no primeiro caso a pulsão de morte se manifesta subjetivamente por meio de comportamentos arriscados como dirigir em alta velocidade, esportes perigosos etc. para o mesmo autor, o suicídio pode ainda ser total ou parcial, na primeira possibilidade pensa-se no suicídio objetiva e efetivamente consumado, na segunda possibilidade, pensa-se na deterioração do corpo tantas vezes ocasionada pela displicência da própria pessoa.

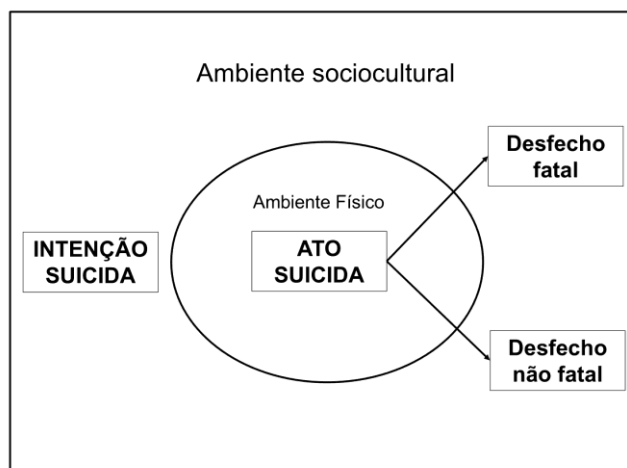
Para Flavio Jose de Lima Neves o suicídio “é uma situação psicótica” (Neves, 1984, p. 218) e para este autor “falar de núcleos e conteúdos psicóticos da personalidade significa falar de fantasias e processos psíquicos muito primitivos” (Neves, 1984, p. 219). De fato, em seu livro, *Suicídio*, Cassorla destaca a partir de casos reais com personagens identificados por pseudônimos que a aparente motivação para o suicídio esconde a partir de uma análise psicanalítica as fantasias primitivas. Assim ele descreve um caso:

Mesmo numa visão sumaria, verificamos que Nair fantasia uma vida melhor, amada por João ou vingada do sofrimento que ele lhe teria causado. A visualização da morte em si, é precária, mas durante o tratamento, verificamos que as fantasias pós-morte de Nair são mais complexas (Cassorla, 2017, p. 44).

Neste caso, o desejo de se matar poderia ser atribuído a uma crise relacional, ao término de um namoro, mas no subconsciente outras motivações poderiam ser exploradas fazendo do término do namoro apenas a gota d'água. Do ponto de vista da psicanálise a prevenção ao suicídio perpassa os cuidados afetivos na primeira infância como também pela estruturação de uma sociedade que possibilite a dignidade do viver. Destaca-se ainda, a necessidade de autoconhecimento por meio da busca por ajuda psicológica ou psiquiátrica.

O termo Ideação suicida comumente utilizado na literatura, nem sempre faz jus ao desejo de morrer, podendo ser na concepção de José Manoel Bertolote uma consideração mais ou menos vaga sobre a morte e o morrer (Cf. Bertolote, 2012, p. 22). Por isso, fundamentado no mesmo autor, na Tese opto pelo termo Intenção Suicida, quando a ideação ganha maior consistência. Sobre esta intenção suicida a imagem abaixo contribui para maior compreensão.

Figura 3 - Processo do suicídio: Modelo ecológico da OMS



Adaptado de Bertolote, 2012, p. 23

A partir da imagem o que se pode inferir é a multicausalidade da intenção suicida a depender do ambiente sociocultural. Essa intenção pode levar a pessoa

ao planejamento do ato suicida a partir da preparação ou escolha do ambiente que culminará em um desfecho fatal ou não.

Por hora, o que procuro demonstrar por meio das abordagens psicoterapêuticas apresentadas é a complexidade do fenômeno do suicídio, a necessidade de se conhecer as motivações causais a partir da psicologia e a necessidade de apoio que deve ser ofertado à pessoa em crise para que consiga analisar as circunstâncias difíceis e transpor as barreiras que impedem a vida em sua plenitude.

1.1.3. Análise do fenômeno do suicídio a partir da Sociologia

No campo da Sociologia, Émile Durkheim foi precursor no estudo do fenômeno do suicídio, conforme mencionei anteriormente é a partir de Durkheim que se estabelece uma tipificação do suicídio que alcança importância no âmbito acadêmico sendo considerada até a atualidade, ainda que sob vários questionamentos dos sociólogos contemporâneos.

Posterior a Durkheim, outros pensadores propuseram tipificações para o suicídio, a exemplo de Jean Baechler, sociólogo francês que propôs quatro tipos: “escapistas, agressivos, oblativos e lúdicos”, seguidos de quatro subtipos, o evasivo divide-se em fuga, luto e castigo, o agressivo divide-se em crime, vingança, chantagem e apelo, o lúdico divide-se em sacrifício e passagem e o lúdico divide-se em ordálico e jogo (Cf. Antoniazzi, 1984, p. 223). Apesar das proposições de Baechler no imaginário social prevalece as tipificações durkheimianas.

Essas tipificações durkheimianas foram exploradas em minha dissertação de mestrado, aqui, cuido apenas de reforçar tais conceitos para após apresentar um contraponto explicitado por Marzio Barbagli. No suicídio egoísta o indivíduo expressa pouca integração social, disso decorre a despreocupação com os efeitos da própria morte naqueles que ficam. No suicídio altruísta, ao contrário, a integração social é intensa ao ponto de provocar a morte de si

mesmo, teoricamente em benefício do outro. Já nas tipologias fatalistas e anômicas revela-se, concomitantemente excessiva ou pouca regulação social.

Para Barbagli, um dos críticos de Durkheim, o seu equívoco foi o de considerar o fenômeno do suicídio apenas como um sintoma de patologia social ignorando as contribuições de outras áreas do conhecimento humano. Tal postura, de acordo com Barbagli levou em consideração dois fatores, o receio de que a sociedade europeia se desagregasse e o desejo de que a sociologia obtivesse o pleno reconhecimento no mundo acadêmico (Cf. Barbagli, 2019, p.15). Para o autor há que se considerar que “o suicídio depende de um grande número de causas, psicossociais, culturais, políticas e também biológicas, e deve ser analisado a partir de pontos de vista muito diferentes” (Barbagli, 2019, p.15).

Em sua análise sobre o fenômeno Barbagli considera o suicídio a partir de quatro tipos: *egoísta*, *altruísta*, *agressivo* e *arma de luta*. Quanto ao suicídio egoísta e altruísta o autor afirma:

Limito-me aqui a dizer que essa tipologia prevê quatro tipos diferentes de suicídio, levando em consideração duas dimensões desses propósitos: as pessoas pelas quais e contra as quais se tira a vida. os primeiros dois tipos se referem às pessoas pelas quais se realiza esse gesto. Eles conservam o nome de “egoísta” e “altruísta” e correspondem aos propostos não por Durkheim, mas por George Henry Savage, isto é, referem-se somente às intenções dos indivíduos e não às causas (sociais) que os geram: pode-se despedir do mundo somente por si mesmo ou também pelos outros (Barbagli, 2019, p.14).

Em relação ao suicídio agressivo e arma de luta, concomitantemente Barbagli afirma que “de um lado, há os que se matam “para fazer mal aos outros” por motivos pessoais, individuais [...]. Por outro lado, porém, há os que agem assim por uma causa coletiva (política ou religiosa), considerada nobre, como os kamikazes” (Barbagli, 2019, p.15).

A despeito das tipologias que se prefira utilizar para a reflexão do fenômeno do suicídio a depender do referencial sociológico, fato é que o fenômeno não pode ser compreendido apenas a partir das causalidades referenciadas por Durkheim, o ser humano, em sua complexidade existencial

não pode ser compreendido apenas a partir da interação ou regulação social, tampouco, a partir de uma única área do conhecimento humano.

1.2. Análise do Boletim Epidemiológico de 2024, a partir dos marcadores de raça e gênero e suas implicações para o Cuidado e Aconselhamento Pastoral

Durante a pesquisa de Mestrado analisei diversos Boletins Epidemiológicos (BE) disponibilizados pelo Ministério da Saúde. Em relação aos anteriores, o BE disponibilizado em 2024, se apresenta mais abrangente incluindo de forma mais detalhada informações sobre grupos minoritários como negros, indígenas e comunidade LGBTQIAPN+. Entretanto, apesar dos dados apresentados e que serão explicitados a seguir, o suicídio ainda se apresenta como epidemia silenciosa e silenciada. Tal realidade epidêmica se deve em parte ao tabu que cerca o tema da morte e em especial a morte por suicídio.

A respeito do silenciamento Bertolote nos informa a existência de sub-registros nos números repassados à OMS por meio dos países parceiros. Tal silenciamento que acaba por camuflar a realidade no que tange ao suicídio tem como origem fatores diversos como o próprio Bertolote pontua: “diversos fatores são responsáveis por esse sub-registro da mortalidade devida ao suicídio: religiosos, financeiros, securitários, sociais etc.” (Bertolote, 2012, p. 46).

Neury José Botega afirma que no Brasil evidenciam-se subnotificações e sub-registros. Quanto a essa realidade ele afirma:

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ao comparar suas projeções demográficas com o total de óbitos registrados nos cartórios brasileiros, estima que 15,6% dos óbitos não foram registrados em cartório (sub-registro). Em relação às estatísticas do Ministério da Saúde, o IBGE calcula que 13,7% dos óbitos ocorridos em hospitais, no mesmo ano, podem não ter sido notificados (sub-notificação) (IBGE, 2006) (Botega, 2014, p. 232).

O B.E de 2024¹⁰ do Ministério da Saúde apresenta dados significativos a respeito do suicídio no Brasil. Além de maior acentuação aos grupos minoritários em comparação ao B.E de número 33, disponibilizado em 2021, destaca-se o fato de incluir a influência da pandemia nos números de suicídio no Brasil.

A primeira questão para a qual chamo atenção no B.E é para a faixa etária dos óbitos por suicídio no Brasil em 2021. Na faixa etária entre 5 e 14 anos, o suicídio aparece como 11^a causa de morte, entre 14 e 19 anos, o suicídio aparece como a 3^a causa de morte, entre 20 e 29 anos, o suicídio aparece como a 4^a causa de morte, entre 30 e 49 anos, o suicídio aparece como a 9^a causa de morte, entre 50 e 69 anos, o suicídio aparece como 12^a causa de morte e entre 70 e mais, o suicídio aparece como a 14^a causa de morte.

Essas informações servem de alerta para as faixas etárias mais vulneráveis ao suicídio, a saber entre 14 e 49 anos. Obviamente outras informações para além da faixa etária devem ser analisadas para maior compreensão do fenômeno do suicídio, pois como o próprio boletim afirma:

O suicídio emerge de uma complexa interação de determinantes, tanto individuais quanto coletivos, que abrangem aspectos **biológicos, psíquicos, sociais, culturais e econômicos**. A literatura destaca vários determinantes para o suicídio relacionados à saúde mental e a perspectivas socioculturais (Boletim Epidemiológico, 2024, p. 01 – grifo nosso).

Ainda focando-se no ano de 2021, levando-se em consideração o sexo, os óbitos por suicídio no sexo masculino predomina sobre o feminino, isso, em razão de maior acesso aos meios e ou objetos letais, intoxicação, armas de fogo e afogamento, conforme apresentado no B.E. Numa proporcionalidade geral de mortes, as mortes por suicídio obtiveram 1,2% do total de mortes no sexo masculino em 2021, percentual três vezes maior que os 0,4% observados no sexo feminino (Cf. Boletim Epidemiológico, 2024, p. 05). Nesta percentualidade

¹⁰ <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2024/boletim-epidemiologico-volume-55-no-04.pdf/view>

cabe destacar uma informação importante do B.E em relação a raça, homens negros e mulheres negras cometem mais suicídio que homens brancos e mulheres brancas.

O B.E cuida de explicitar que essa predominância masculina nas mortes por suicídio é constante entre anos de 2010 e 2021, reforçando o já evidenciado em B.E anteriores disponibilizados pelo Ministério da Saúde. Quanto as violências autoprovocadas, o levantamento do ano de 2021 chama a atenção, pois 70,3% ocorreram em pessoas do sexo feminino contra 29,7% em pessoas do sexo masculino (Cf. Boletim Epidemiológico, 2024, p. 09). Cabe ressaltar aqui a importante inclusão da orientação sexual para computação dos percentuais de violências autoprovocadas. A importância se dá para maior conhecimento dos índices em relação aos grupos minoritários, ignorados em boletins anteriores, conforme explicitado por mim e pelas Doutoradas Clarissa De Franco e Blanchés de Paula nos seguintes termos “essa informação generalizante aponta para a necessidade de um olhar mais direcionado para as minorias ou grupos em maior vulnerabilidade, para que políticas públicas que visem a prevenção ao suicídio sejam mais efetivas” (Silva, De Franco e Paula, 2022, p. 154).

Conforme destaque ao início deste tópico, a análise do B.E abrange a questão da saúde pública ao contemplar os casos de suicídio no período pandêmico. Quanto a essa questão se repete o já evidenciado em boletim anterior¹¹ onde se destaca a região sul do Brasil como região da Federação com maiores índices de suicídio. Entretanto, chama a atenção que nas regiões norte e nordeste tenha ocorridos “maiores incrementos percentuais” (Boletim Epidemiológico, 2024, p. 07). Essa informação, no entanto, já havia sido atestada por Jesem Orellana e Maximiliano Ponte em *Excess suicides in Brazil: inequalities according age groups and regions during the Covid-19 pandemic* (Excesso de suicídios no Brasil: desigualdades segundo faixas etárias e regiões durante a pandemia de Covid-19), publicado no International Journal of Social Psychiatry em 2020.

Os analistas do B.E apontam algumas implicações a partir dos dados estatísticos apresentados. Ressaltam em primeiro lugar que no ano de 2021

¹¹ Boletim Epidemiológico número 33.

houve mais de 15,5 mil suicídios, equivalente a uma morte a cada 34 minutos (Cf. Boletim Epidemiológico, 2024, p. 12). Bertolote aponta que em 2008 o número de óbitos por suicídio foi de 9.206 (Cf. Bertolote, 2012, p. 59), logo, pode-se perceber um crescente significativo que requer atenção redobrada.

As vítimas de violências autoprovocadas são em sua maioria, mulheres que irão tentar reiteradas vezes o suicídio até a sua efetivação por meios mais letais. Assim:

É necessário compreender que o suicídio não é um mero fenômeno biológico, mas também social. Desse modo, os papéis sociais de gênero culturalmente estabelecidos são fundamentais para compreender as diferenças de gênero no processo suicida. Este pode ser entendido como um conjunto de ações interligadas em um fluxo cronológico que se inicia com a ideação, evolui para o planejamento e **tentativas recorrentes**, com meios cada vez mais letais, até a consumação do ato (Cf. Boletim Epidemiológico, 2024, p. 12 – grifo nosso).

Aqueles e aquelas que sobrevivem ao suicídio devem ser alvos de constantes cuidados que promovam a ressignificação do viver, pois do contrário, o risco do suicídio continuará se apresentando e ameaçando a vida. De acordo com o B.E, a prática do suicídio entre homens está intrinsecamente relacionada às questões do trabalho, renda, virilidade e ou outros aspectos culturais. Por exemplo, “em homens idosos, a aposentadoria desempenha um efeito importante no aumento do risco de suicídio” (Boletim Epidemiológico, 2024, p. 12).

Outra informação importante se refere à relação entre suicídio e abuso sexual na infância e adolescência, pois “no contexto brasileiro, de 2015 a 2021 foram notificados mais de 200 mil casos de violência sexual contra crianças e adolescentes, sendo 86% das vítimas do sexo feminino” (Boletim Epidemiológico, 2024, p. 12). Deve-se dar importante atenção as informações apresentadas pelo B.E sobre as populações indígenas e grupos LGBTQIAPN+:

No que tange a população indígena, discute-se que a transição para a vida adulta representa um período crítico para os jovens. Diversos fatores de risco para o suicídio entre indígenas têm sido apontados na literatura, incluindo o consumo abusivo de álcool e drogas, as mudanças socioculturais decorrentes do contato com a sociedade não indígena, com abandono das tradições e

decorrente fragilização cultural, o enfraquecimento de laços familiares e comunitários, a falta de acesso a educação e ao trabalho, o confinamento territorial entre outros (Boletim Epidemiológico, 2024, p.13).

No que diz respeito aos grupos LGBTQIAPN+ é dito:

A questão do suicídio entre indivíduos LGBTQIA+ também é uma preocupação crescente em saúde pública, evidenciando a vulnerabilidade dessa população em relação ao resto da sociedade. A teoria do estresse de minoria sugere que os membros de grupos minoritários, como a comunidade LGBTQIA+, enfrentam estresses únicos, não encontrados na população em geral, oriundos de estigmatização, preconceito e discriminação. Esses estresses, muitas vezes exacerbados pela rejeição familiar, pela discriminação no trabalho ou pela violência, contribuem significativamente para um risco elevado de problemas de saúde mental e comportamentos suicidas (Boletim Epidemiológico, 2024, p.14).

Considerando-se que as faixas etárias mais vulneráveis ao suicídio são de 14 a 49 anos, considerando-se ainda, as questões de gênero, etnia/raça e condição social, os apontamentos do B.E servem de subsídio para se pensar o Cuidado e o Aconselhamento Pastoral que se proponha fomentador da vida.

Nesse sentido, frente a realidade do suicídio, se faz necessária a reflexão sobre as implicações e desafios para a religião, em especial a cristã, frente ao suicídio de grupos minoritários no Brasil. Destaco dentre tais grupos as populações indígenas, negros e negras e a população LGBTQIAPN+. Estes, apesar de descritos como minoritários, não são minoria neste país de dimensões continentais. Entretanto, a despeito do contingente significativo, tais grupos são por vezes negligenciados numa sociedade xenofóbica, estruturalmente racista, misógina, transfóbica e homofóbica.

Dentro destes próprios grupos, pode-se refletir o impacto do preconceito na saúde mental que por certo, será mais latente em uma mulher negra, se comparado a um homem negro, tendo em vista que aquela, além do racismo, tem como desafio o próprio sexismo e a misoginia. Guardado as proporções, *Mutatis mutandis*, às populações indígenas e LGBTQIAPN+ pode se aplicar a mesma lógica. Aqui, não restrinjo, porém, a estas diferenciações priorizando

uma reflexão dirigida a realidade do suicídio presente nos referidos grupos de forma genérica.

O sentimento de não pertença, preconceitos, rompimento com as culturas tradicionais e ancestrais, exploração econômica, avanço do agronegócio, comissão ou omissão religiosa estão entre os fatores que propiciam a prática do suicídio nos grupos destacados acima. No Brasil, o descaso para com os povos originários existe desde sua “invenção”, mas nossa história recente, sobretudo, a partir de 1910 evidencia o anseio integracionista das populações indígenas pelos detentores do poder, sob o pretexto do cuidado que revela o ímpeto desenvolvimentista do capitalismo que desapropria os donos da terra. A Tese do Marco Temporal rejeitada pelo STF, bem como o Projeto de Lei 2903 desnudam o interesse capitalista, mesmo sob o risco de suicídio dos povos originários.

Quanto ao racismo reconhecidamente estrutural¹² em nosso país, não há dúvidas das cicatrizes que sua existência deixa no corpo e na alma da população negra, que se vê tantas vezes à margem dos seus direitos, como resultado de um planejado processo histórico e político de subalternização. Essa condição, fomenta, a prática do suicídio como explicitaremos adiante.

O Relatório do Grupo Gay da Bahia atesta números preocupantes de suicídio entre os LGBT+¹³ no ano de 2019. Os dados decorrem das inúmeras formas de violência a que estão sujeitos os grupos LGBTQIAPN+. A violência se percebe no ataque aos corpos estigmatizados pelo imaginário social heteronormativo, se percebe na atuação política de grupos fundamentalistas vinculados ao cristianismo como no projeto de Lei 5167/09 que tentava inviabilizar o casamento homoafetivo, já consolidado desde 2011.

Em 31 de maio de 2023 participei de um evento relacionado ao suicídio que foi promovido pelo departamento de Psicologia da USP e que trazia o seguinte tema em seu convite: *Suicídio: quem nunca?* O evento coordenado pela

¹² O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O Racismo é estrutural (Almeida, 2021, p.50)

¹³ Sigla utilizada no Relatório do Grupo Gay da Bahia. A sigla LGBTQIAPN+ será utilizada sempre que houver referência direta por parte do autor.

Professora Doutora Maria Julia Kovács reuniu diferentes palestrantes que abordaram a partir de diferentes enfoques e perspectivas o fenômeno do suicídio. Thiago Bloss, um dos palestrantes, ao discorrer sobre o suicídio na população LGBTQIAPN+ destacou ao início de sua fala que a prevenção do suicídio neste grupo começa com o combate a homofobia e transfobia. Penso que a mesma observação se aplica ao racismo ou preconceito étnico em relação aos negros e povos originários.

O que se segue é uma demonstração da participação da igreja, direta ou indiretamente, objetiva ou subjetivamente na contribuição das mortes por suicídio em vista da postura assumida frente aos grupos analisados e aos diferentes atores políticos envolvidos nessa dinâmica. Neste subtópico o que procuro demonstrar é a responsabilidade da Instituição Cristã, na preservação da vida, não apenas a partir da prática do aconselhamento, mas sobretudo, no cuidado epistemológico da própria teologia que a depender da diretriz promove ou destrói vidas.

1.2.1. O suicídio dos povos originários e sua relação com a economia capitalista e evangelização conversionista

Segundo Censo Demográfico de 2010 havia no Brasil 896.917 mil indígenas. Entretanto, a partir do censo de 2022 constatou-se 1.694,836 milhão¹⁴ de indígenas, 0,83% em relação a população total do país. Este aumento substancial é explicado “por mudanças metodológicas” (FUNAI, 2023) no censo.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que do contingente de indígenas no Brasil, 63,25% vivem fora de suas terras. Essa diáspora pode ser explicada por fatores como inserção do capitalismo no modo de vida indígena ou mesmo por desapropriação de terras por grandes latifundiários, além de ser obviamente resultado de uma política integracionista, ainda presente no Brasil, mas pujante a partir de 1910 até o período da Ditadura

¹⁴ <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-demografico-2022.html?edicao=37417&t=resultados>

Civil-Militar¹⁵. O imbróglio sobre a temática do *Marco Temporal* que almeja delimitar o direito indígena à terra, apenas àquelas habitadas anteriores a promulgação da Constituição Federal de 1988, desnuda os interesses latifundiários que fomenta tensão entre o Congresso Nacional, STF e Executivo.

Fato é que sem acesso à terra, a cultura dos ancestrais, a saúde de qualidade que deveriam ser possibilitadas pelos órgãos governamentais, dentre tantos problemas enfrentados pelos povos originários, o suicídio se apresenta como fenômeno que merece atenção. Sobre o suicídio entre indígenas Botega afirma que:

A epidemia de suicídio na comunidade Guarani, na região de Dourados (MS), chamou a atenção da imprensa na década de 1980. As taxas de suicídio nas tribos Guarani, Kaiowá e Nandeva permanecem elevadas até os dias atuais. A maior parte dos suicídios ocorre por enforcamento, é sequencial e envolve adolescentes do sexo masculino. Devido ao avanço da agropecuária, esse grupo indígena de 31 mil pessoas perdeu a maior parte de sua terra – com a qual há forte ligação cultural e espiritual. As pessoas vivem em condições sanitárias precárias, submetidas a pobreza, violência, depressão e alcoolismo (Botega, 2015, p. 76).

Jacyra Azevedo Paiva de Araújo et. al, em estudo publicado pela *The Lancet Regional Health – Américas*, abordam a temática do suicídio entre os povos indígenas nos anos 2000 a 2020, enfatizando além dos pontos destacados por Botega, a perda da *identidade indígena*, a violência sexual e impactos na economia como fatores promotores do suicídio (Cf. Araújo et. al, 2023. p. 05).

As implicações da economia, sobretudo, em seu aspecto capitalista, portanto, predatório, são mais que evidentes na saúde indígena. Entretanto, é preciso destacar que o próprio projeto evangelístico, tantas vezes não alheio aos

¹⁵ O Brasil aplicava uma política “tutelar” e “integracionista” em relação aos povos indígenas iniciada oficialmente em 1910 com o Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Em 1967, durante o governo militar, criou-se a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), “com a finalidade de estabelecer diretrizes da política indigenista baseadas nos princípios de respeito ao índio e suas comunidades, garantir a posse permanente das terras que habitam e o uso exclusivo dos recursos naturais, preservação de seu equilíbrio ecológico e cultural, conservação e valorização do patrimônio indígena e o respeito à aculturação espontânea do índio” (art. 1º I). Seu mandato tende a promover educação apropriada para o indígena com vistas a sua progressiva integração na sociedade nacional (art. 1º V)88. Essa política perdurou legalmente até a carta constitucional de 1988 (Alcantara et. al., 2014, p. 103)

interesses econômicos como se pode perceber desde a invenção do Brasil, constitui-se fomentador do suicídio ao possibilitar a inculturação e perda da identidade indígena.

Em seu estudo de caso sobre suicídio entre jovens indígenas Guarani, Indianara Ramires Machado, et. al, destaca como a presença de missões evangélicas inviabiliza aos jovens o conhecimento da “narrativa mítica que explica a tradição Guarani” (Alcantara et. al., 2014, p. 136). Os pesquisadores destacam que as diferentes vertentes do cristianismo são responsáveis por esta sacralidade híbrida que acaba por apagar a tradição, pois:

Possuem uma sacralidade híbrida porque só possuem fragmentos da narrativa mítica tradicional. Sendo assim, essa se constrói como resultado de um diálogo entre os fragmentos da tradição e o cristianismo. Na reserva existem aproximadamente 33 igrejas pentecostais, uma católica e uma presbiteriana (Alcantara et. al., 2014, p. 137).

O ímpeto conversionista, fruto de uma mentalidade fundamentalista que relega ao inferno cristão, aqueles que não confessam Jesus, como Senhor e Salvador, impõe aos indígenas, para o seu “próprio bem”, a perda da sua própria cultura. Tais missões, a despeito das possíveis contribuições em diversas áreas¹⁶ junto aos povos indígenas, não podem fechar os olhos para o fenômeno do suicídio subjacente as suas próprias missões.

1.2.2. Religião, racismo e suicídio: Fenômenos que se interrelacionam

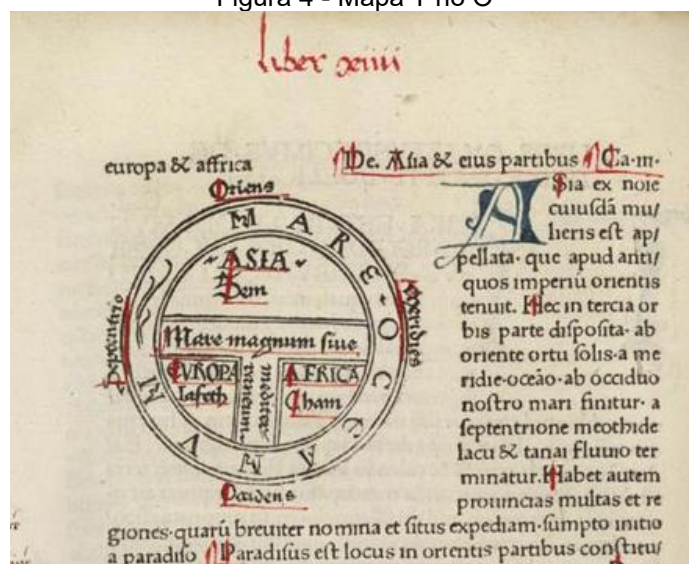
Sou negro, pastor, pesquisador na área de Ciências da Religião e professor de História na Rede Municipal de Educação. Como professor de História nos anos finais do fundamental II e Ensino Médio, me vejo imbuído da responsabilidade de lecionar sobre a trajetória do negro na América como um todo e no Brasil de forma mais específica em alguns bimestres do ano. Diante dessa realidade e seguindo as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular -

¹⁶ <https://missaocaiua.org.br/>

BNCC, leciono a respeito do vasto período escravista, dos navios negreiros que foram chegando ao Brasil até a proibição do tráfico pela Lei Eusébio de Queiroz (1850), a respeito do Darwinismo Social e outras pseudociências que tinham por objetivo classificar as raças, delegando ao negro status inferior. Leciono sobre a abolição da escravatura frente ao desejo de modernização do Império, sobre a política de imigração europeia e sobre o projeto político de miscigenação com o propósito de apagar o negro da sociedade brasileira etc.

Em todos estes temas é impossível não tangenciar a respeito do papel da Igreja no endosso e em muitos momentos na cumplicidade à escravização que fomentou o racismo que perdura até os dias atuais de forma estrutural na sociedade. Em sala de aula, gosto de explicar a “escravidão, racismo e miscigenação” tomando por base a cosmovisão do mundo medieval a partir dos pressupostos teológicos da igreja de então. Naquele contexto, os continentes conhecidos antes do início das grandes navegações foram atribuídos, a partir de uma leitura duvidosa do mito de Noé, aos seus três filhos, sendo a África, atribuída aos descendentes de Cam, filho amaldiçoado por debochar do pai em sua nudez. Essa cosmovisão geográfica e teológica é explicitada no Mapa T no O, elaborado por Isidoro de Sevilha em *Etymologiae*, conforme imagem abaixo:

Figura 4 - Mapa T no O



Fonte: Isidoro de Sevilha, *Etymologiae*, impresso por Günther Zainer, Augsburg, 1472

Com o início das grandes navegações e com a necessidade de mão de obra para as colônias, diferentes países da Europa, mas em especial Portugal e Espanha no que tange a colonização da América Latina, deram início a escravização dos negros, com a tutela e apoio da igreja sob a argumentação de que na escravização, os pecados dos descendentes de Cam seriam expurgados.

Na verdade, a *Redenção de Cam*, sob a ótica da sociedade imperial brasileira viria apenas através do processo de miscigenação, tendo em vista a inviabilidade da escravidão devido a vários fatores. A política de miscigenação que expressa o pensamento racista que conecta a Europa Medieval ao Brasil Imperial se percebe de diferentes maneiras, mas também na obra apresentada abaixo cujo título foi descrito no início do parágrafo:

Figura 5 - A Redenção de Cam



Fonte: A Redenção de Cam (1895), de Modesto Brocos –
Museu Nacional de Belas Artes

Na pintura, a avó, negra retinta, ergue as mãos ao céu e agradece a Deus pelo neto branco, fruto da relação entre sua filha parda e seu genro branco. Assim, a criança representação de Cam está no cenário como aquele que não sofrerá como seus antepassados. *Escravidão, racismo e miscigenação* são

temas que podem ser explorados em várias aulas a partir das duas imagens compartilhadas acima e a partir do arcabouço teórico que temos a disposição. Optei por iniciar este tópico discorrendo sobre minha atividade educacional, porque acredito na educação como caminho de reeducação do imaginário social que relega ao negro o lugar de subalternidade, o estereótipo de marginal e de raça inferior. Essa visão teológica e politicamente construída, além de fomentar e perpetuar o racismo, contribui para o suicídio do negro.

Em estudos anteriores (Silva, 2021) destaquei com base em informações do Ministério da Saúde que a cada dez jovens que cometem suicídio, seis são negros. Destaquei ainda que o risco de suicídio entre jovens negros é 45% maior do que entre jovens brancos, devido a ausência de sentimento de pertença e isolamento social (Cf. Silva, 2021, p. 12-13). No B.E de 2024 a “análise descritiva dos dados demonstrou predomínio de notificações entre negros (45,4%) e brancos (44,1%)” (Boletim Epidemiológico, 2024, p. 10).

O fenômeno do suicídio do negro desde o Brasil Colônia até o Brasil Imperial foi devidamente estudado e denunciado por Roger Bastide em *O Suicídio do Negro Brasileiro*, no estudo de Bastide as motivações objetivas para o suicídio eram das mais variadas, mas todas elas relacionadas subjetivamente as consequências da escravização praticada pelo Estado e cancelada pela Igreja.

A igreja que outrora contribuiu na formulação teológica do racismo, que compactuou e endossou a escravidão, pode na atualidade ser dentre as instituições da sociedade civil, aquela que ao lado da educação formal, educa de maneira antirracista ao tempo em que se reconcilia com o seu passado e expressa em atitudes concretas o pedido de perdão aos ancestrais, que em nome da fé foram aviltados em seus direitos e dignidade humana, dignidade que quando não é percebida no próprio ser, pode o levar ao desespero existencial que culmina no suicídio.

Como destaquei em estudo anterior “a igreja deve assumir a vanguarda que dela se espera em questões onde a vida humana é aviltada. Ações que se apresentem antirracistas (como debates e estudos sobre o racismo à luz da fé cristã) precisam ser promovidas em nossas igrejas” (Silva, 2020).

Curiosamente, na contramão do que proponho acima, o Congresso Evangélico, organizado Pela Visão Nacional para a Consciência Cristã (VINACC) anunciou que em sua edição de 2024 traria como um dos palestrantes o Pastor norte-americano Douglas Wilson, reconhecido por relativizar a prática escravista anterior a Guerra da Secessão. O *Intercept Brasil*¹⁷ por meio de artigo produzido por Ronilso Pacheco, um dos expoentes da Teologia Negra no Brasil denunciou o convite, alegando que: “Com a vinda de Douglas Wilson, porém, o congresso cruzará uma linha inaceitável – a da defesa aberta da naturalização da escravidão” (Intercept Brasil, 2024). Devido as pressões por meio de diferentes veículos de comunicação e coletivos evangélicos o convite a Douglas Wilson foi cancelado pela organização do evento, alegando cuidado para com a sua integridade física conforme nota da VINACC em seu perfil do Instagram.

O racismo que se apresenta estrutural e todas as consequências que dele decorre, inclusive o suicídio, deve ser alvo da preocupação da igreja. Neste caso, a prevenção do suicídio está na atuação enérgica e sistemática da igreja contra todas as expressões de racismo na sociedade, a começar no âmbito da própria instituição religiosa.

1.2.3. O suicídio de grupos LGBTQIAPN+ como denúncia a opressão da igreja

O vivenciar da sexualidade em sua expressão homossexual sempre foi tolhido pela igreja, sobretudo, a partir da sua interpretação bíblica no que diz respeito ao matrimônio e a moral sexual. Nessa interpretação, sedimentada ao longo da história da Igreja, a homossexualidade é pecado, e àqueles atraídos por pessoas do mesmo sexo restam poucas alternativas.

¹⁷ Nota Explicativa: O Intercept Brasil é uma organização jornalística brasileira, versão em português do veículo de mídia americano The Intercept, que se dedica a investigações e reportagens sobre política, corrupção, meio ambiente, segurança pública e outros temas relevantes no Brasil

Não é minha intenção debruçar-me sobre as interpretações que a igreja vem fazendo ao longo dos séculos das diferentes, mas parcas passagens bíblicas para fundamentar a homossexualidade como pecado, muitos autores já se ocupam de fazê-lo com maestria, sobretudo, aqueles que se ocupam da exegese bíblica em perspectiva decolonial, feminista e *queer*. Opto pela reflexão das implicações de tais interpretações, sobretudo, no que tange a responsabilidade da igreja nas diferentes formas de violência perpetradas contra os homossexuais e de forma mais específica no suicídio como uma destas formas de violência.

Em texto publicado no Brasil em 2008 pela Fonte Editorial, John B. Cobb, Jr., destacou as diretrizes da sua igreja, ressaltando avanços na Igreja Metodista Unida dos Estados Unidos, mas em linhas gerais afirmava o seguinte em relação aos homossexuais que ali se achegam: “A mensagem oficial é que os homossexuais devem escolher entre ser cristãos e ser sexualmente realizados, ao mesmo tempo que os heterossexuais podem ser agraciados pelas duas coisas” (Cobb, Jr. 2008, p.41). Pode-se dizer que o posicionamento da Igreja Metodista Unida dos Estados Unidos naquele contexto convergia com o posicionamento de muitas igrejas cristãs protestantes que acolhem os homossexuais, mas não acolhem suas práticas sexuais.

Para Cobb Jr, a postura intransigente da Igreja acaba por incentivar a promiscuidade nos relacionamentos homossexuais (Cf. Cobb, Jr. 2008, p.42) e devido a rigidez da moralidade sexual imposta “alguns jovens com tendência à homossexualidade, a incapacidade de se conformar com modelos impostos é tão grande que chegam mesmo a se **suicidar**” (Cobb, Jr. 2008, p.38 – grifo nosso). Atualmente a igreja Metodista Unida dos Estados Unidos enfrenta uma tensão entre progressistas e tradicionalistas quanto ao tema da plena inclusão de homossexuais na igreja, conforme ressalta artigo de Heather Hahn¹⁸. Tal

¹⁸ Igreja nos EUA vê mudança em direção à inclusão LGBTQ. Disponível em: <<https://www.umnews.org/pt/news/church-in-us-sees-shift-toward-lgbtq-inclusion>>. Acesso em 22 de janeiro de 2024.

abertura teológica com vistas a inclusão dos homossexuais já provocou divisões como o surgimento da Igreja Metodista Global de cunho mais conservador.

É preciso que pensemos com seriedade nas implicações de posicionamentos obtusos por parte da igreja. Ao refletir sobre estes posicionamentos Luiz Mott afirma:

[...] vivemos tempos sombrios sob o pontificado de João Paulo II, que mais do que outro qualquer Papa, foi quem estigmatizou de forma mais cruel o amor entre pessoas do mesmo sexo, ao oficializar a intolerância do Inquisidor-Mor Ratzinger, declarando que “a homossexualidade é intrinsecamente má.” Nenhum Papa, nem mesmo Pio IV, Gregório XIII e Paulo V, os sumos pontífices que delegaram poderes à Inquisição portuguesa para perseguir os sodomitas, nem estes chegaram a uma conceituação tão malévola contra os praticantes do amor unissexual – pois algo ser *intrinsecamente* mau não oferece escapatória: é a própria essência do mal, tão diabólico como o próprio Diabo¹⁹.

É possível imaginar o estrago que a afirmação “a homossexualidade é intrinsecamente má” pode causar em vidas de pessoas que escapam ao padrão heteronormativo e que desejam vivenciar tanto a sua espiritualidade quanto a sua sexualidade. Para estas pessoas marginalizadas pela religião, o caminho do suicídio pode se apresentar como um caminho de salvação contra o desespero.

O Relatório do Grupo Gay da Bahia organizado por José Marcelo Domingos de Oliveira e Luiz Mott, aponta para “297 homicídios (90,3%) e 32 suicídios (9,8%)” (Oliveira e Mott, 2020, p. 16) em 2019. Sobre as mortes por suicídio o relatório destaca que:

Suicídios de LGBT têm sido computados nas pesquisas sobre mortes violentas na medida em que em muitos casos a vítima era egodistônica, vivendo no armário e sofrendo algum tipo de LGBTfobia internalizada devido ao bullying provocado por sua orientação sexual ou identidade de gênero reprimidas pela família e grupos relacionais. Quanto ao suicídio de LGBT no Brasil em 2019, dos 32 casos localizados nos meios de comunicação, 40,6% eram trans, 37,5% gays e 21,8% lésbicas. 26,3% dos suicidas tinham menos de 20 anos, o mais jovem com 14 anos e com 44 o mais velho. Predominaram suicidas

¹⁹ A IGREJA E A QUESTÃO HOMOSSEXUAL NO BRASIL. Disponível em: <<https://luizmottblog.wordpress.com/artigos/a-igreja-e-a-questao-homossexual-no-brasil/>>.

Acesso em 15 de Dezembro de 2024.

estudantes e o enforcamento como solução final para a morte provocada (Oliveira e Mott, 2020, p. 18-19)

O relatório não estabelece uma relação entre suicídio e religião, mas inegavelmente o imaginário religioso que se constrói a partir dos posicionamentos das instituições cristãs, influenciam na prática da homotransfobia que possibilita o suicídio como enredo final de uma vida marcada por dor e sofrimento.

É nesse sentido que Mott, afirma em entrevista concedida a Diadorim que “o governo, assim como a igreja, as principais instituições, têm as mãos sujas de sangue LGBT. Porque além de não divulgarem pesquisas e números estáticos sobre essas mortes²⁰, negam as características de ódio de tais ocorrências” (Diadorim, 2021).

A referência que Mott faz ao posicionamento da igreja sob o postulado de João Paulo II remonta ao século passado. Naquele contexto o cardeal Ratzinger influenciou o pontífice, cardeal que viria a se tornar o sucessor de João Paulo II, no presente século como Bento XVI. Para aqueles e aquelas que se viam estarecidos pelos pronunciamentos não haveria, portanto, em curto espaço de tempo possibilidades de uma reflexão arejada na igreja sobre sexualidade para além dos padrões heteronormativos.

Entretanto, recentemente, como facho de luz no fim do túnel, fiéis católicos pertencentes aos grupos LGBTQIAPN+ foram autorizados pelo Papa Francisco a receberem uma bênção, que obviamente difere da bênção matrimonial conforme segue:

No horizonte aqui traçado reside a possibilidade de bênçãos de casais em situação irregular e de casais do mesmo sexo, cuja

²⁰ As dificuldades para a coleta e divulgação de dados sobre homicídios e suicídios de LGBT no Brasil se devem ao fato de que é feito praticamente há 40 anos por uma ONG, de utilidade pública municipal e estadual da Bahia — estatísticas de ódio que, nos Estados Unidos, por exemplo, são feitas pela CIA, pelo FBI, e que aqui deviam ser feitas pelo governo. Durante dois anos – se não me engano, entre 2012 e 2013 —, a Secretaria de Direitos Humanos fez esse levantamento, mas desistiu logo em seguida. Primeiro porque coletaram menos dados do que os apresentados pelo GGB; segundo porque se deram conta de que é um trabalho muito árduo, sujeito a muitas críticas das famílias que negam que seus filhos ou seus parentes eram homossexuais e foram mortos por causa da homofobia; terceiro porque recebem críticas também do próprio movimento, que considera, por exemplo, que nem todas as mortes são por homofobia; e porque são questionados pela polícia, pela delegacia, que diz que os crimes não são homofóbicos (DIADORIM, 2021).

forma não deve encontrar qualquer fixação ritual por parte das autoridades eclesiais, para não produzir confusão com a bênção própria do sacramento do matrimônio. Nestes casos, é concedida uma bênção que não só tem um valor ascendente, mas que é também a invocação de uma bênção descendente do próprio Deus sobre aqueles que, reconhecendo-se desamparados e necessitados da sua ajuda, não reivindicam a legitimação da sua própria condição, mas imploram que tudo o que é verdadeiramente bom e humanamente válido, que está presente na sua vida e nas suas relações, seja investido, curado e elevado pela presença do Espírito Santo. Estas formas de bênção expressam um apelo a Deus para que conceda as ajudas que vêm dos impulsos do seu Espírito - que a teologia clássica chama de "graças atuais" - para que as relações humanas possam amadurecer e crescer na fidelidade à mensagem do Evangelho, libertar-se das suas imperfeições e fragilidades e expressar-se na dimensão cada vez maior do amor divino (SALA STAMPA DELLA SANTA SEDE, 2023 – traduzido pelo autor).

De maneira inequívoca, o Papa Francisco caminha em direção oposta a seus antecessores ao autorizar tal bênção e com isso, reconhece a dignidade humana deste grupo minoritário que na marginalização do ser, flerta com o suicídio. No campo cristão protestante, sobretudo, nas igrejas tradicionais em terras tupiniquins prevalece o ostracismo e a incapacidade de avanços significativos nesta pauta. Aqueles e aquelas que não abrem mão da sua fé, acabam por encontrar em comunidades inclusivas ou afirmativas o fôlego necessário para viver e para continuar a luta contra aqueles cujas mãos permanecem sujas de sangue e impossibilitadas pelo recrudescimento teológico de se verem limpas, por ações de justiça e reparatórias contra aqueles e aquelas que continuam morrendo numa sociedade suicidal.

Frente a essa realidade emergente que desafia a instituição cristã, é preciso perguntar/questionar: de que maneira as diferentes vertentes do cristianismo podem dar continuidade à ordem de evangelização prescrita em seu texto sagrado, sem que com isso, acabem interferindo em aspectos culturais que conectam os indígenas ao próprio sentido do viver? De que maneira podem assumir postura relevante cuidando das necessidades dos indígenas, tão negligenciadas, sem se envolverem com os propósitos desenvolvimentistas e colonialistas do Estado? Em estudo anterior aponto que uma reflexão sobre o *sentido da expiação a partir de epistemologias contemporâneas* pode trazer luz

sobre a própria prática evangelística que deixaria de obrigatoriamente se guiar pela lógica conversionista, tendo em vista que Jesus morreu em solidariedade humana e não para pagar qualquer dívida, ou como descrevo:

A morte de Cristo se apresenta como ação solidária de Deus aos seres humanos. O Deus solidário que em sua morte, e apesar dela, ressurge para proclamar a todos que nele os próprios seres humanos encontram garantia de vida que emerge do amor e da solidariedade que as forças destruidoras não puderam conter, ou seja, a partir de Cristo e em Cristo, é possível viver resistindo as forças externas e internas que escravizam o ser, pois a solidariedade de Cristo nos alcança ontologicamente de modo que podemos afirmar a vida apesar e a despeito da morte (Silva, 2023, p.22)

As ponderações acima se estabeleceram a partir do diálogo com autores como Rene Girard, Leonardo Boff, Franz Himkelammert e Andrés Torres Queiruga que defendem, cada qual a seu modo, o repensar da Teologia da Expição já sedimentada. Richard Rohr, um místico e biblista que defende uma interessante diferenciação e complementaridade entre Jesus e o Cristo, pode trazer significativa contribuição para a práxis cristã, quanto a evangelização, pois para ele, Jesus se apresenta como a manifestação histórica do Cristo eterno que sempre esteve e sempre estará, pois, citando Jung, Rohr afirma: “invocado ou não invocado, Deus estará presente (Jung, apud Rohr, 2019, p. 99). Nessa perspectiva, antes mesmo das missões evangelísticas em território indígena, Deus já estava e está. A partir de uma nova assimilação da morte e do ser de Cristo, a própria prática evangelística seria substancialmente transformada, passando a ser o que deveria, considerando a essência da mensagem, boas novas de salvação em Cristo que alcança a todos, ainda que não converta todos ao cristianismo ocidental, pois como já apontou Desmond Tutu, “é claro que Deus não é Cristão” (Tutu, 2012, p. 31).

No final do século XIX, antes mesmo da assinatura da Lei Áurea, o gramático e pastor protestante, Eduardo Carlos Pereira afirmou o seguinte²¹:

A' luz destas verdades incontestáveis, qual deve ser a attitude do pulpito em face da escravidão? Deverá ser a attítude negativa da reserva? Porque? Haverá perigo de partir do pulpito a fagulha productora de um incendio social? Sobre 11 milhões de homens

²¹ Na citação procurei respeitar a linguagem da época.

livres, haverá neste Imperio 100 milhões de escravos, cujo estado convulso, inflammavel, espere, soffrego, a primeira faisca incendiaria? [...]. Pregue-se o evangelho, dirá talvez alguém, e no dia em que elle plantar-se no coração do senhor, cahirão por terra as cadeias de seus escravos (Pereira, 1886, p. 30-32).

A coragem que se demonstrou outrora no púlpito precisa ser encontrada atualmente, onde oficialmente não existe mais escravidão, mas onde se enfrenta o racismo como sua inerente consequência. Não se faz necessário esforço teológico para a condenação da escravidão e tampouco do racismo, mas como este se percebe estruturalmente impregnado na sociedade, necessário se faz ser confessado e combatido com todas as forças pela igreja, que se coloca como promotora da vida.

Por fim, no que diz respeito a questão homoafetiva, a igreja contemporânea se encontra numa bifurcação: ou abre-se para refletir a questão com vistas ao pleno acolhimento da população LGBTQIAPN+ ou continua em seu recrudescimento teológico e irrelevância diante de um contexto com questões tão emergentes. Na primeira hipótese, o caminho que se apresenta, além de uma profunda exegese bíblica é o do diálogo, junto àqueles que por sentirem no corpo e na alma as dores da exclusão, se apresentam como os mais capacitados para ensinar sobre os seus desejos, afetos e fé. Os desafios são múltiplos, mas uma vez assumidos acredito que poderão contribuir para que muitos prestes a desistirem da vida, encontrem motivos e sentidos para o viver.

1.3. Entre o Efeito Werther e o Papageno: O aconselhamento indireto das Igrejas Protestantes Históricas frente a realidade do suicídio

Quando o tema é suicídio, o melhor é falar ou calar? Quanto a essa questão há divergências de opiniões entre aqueles que estudam o tema do suicídio e essas divergências se justificam por um lado, pelo receio de que ao se falar do suicídio, outros suicídios possam ocorrer e, por outro lado, pela convicção de que sem tocar no tema tabu não é possível combatê-lo.

As divergências explicitadas acima, podem ser fundamentadas a partir dos Efeitos Werther e Papageno, conceitos que serão explicados de forma pormenorizada a seguir.

1.3.1. O Efeito Werther: um fenômeno de contágio que preocupa

Avimar Ferreira junior e Marcos Emanuel Pereira (2018) atestam que o Efeito Werther²² se trata de um fenômeno que preocupa a própria OMS, tendo em vista tratar-se de fenômeno de contágio observado entre jovens que cometem suicídio pouco tempo depois de tomar conhecimento do suicídio de alguém próximo ou de um ídolo (Junior; Pereira, 2018, p. 261).

Em o sofrimento do jovem Werther, de autoria de Johann Wolfgang Goethe, Werther comete suicídio após chegar à conclusão do amor impossível que nutria por Carlota, moça já compromissada com Alberto. Quanto a morte de Werther, Goethe a descreve:

Quando o médico chegou até onde estava o infeliz, achou-o prostrado ao chão, sem salvação. O pulso ainda batia, os membros estavam todos paralisados. Por sobre o olho direito, a bala lhe atravessara a cabeça, arrancando os miolos. De mais a mais, aplicou-se-lhe uma sangria, o sangue correu, ele ainda buscava ar (Goethe, 2004. p. 188).

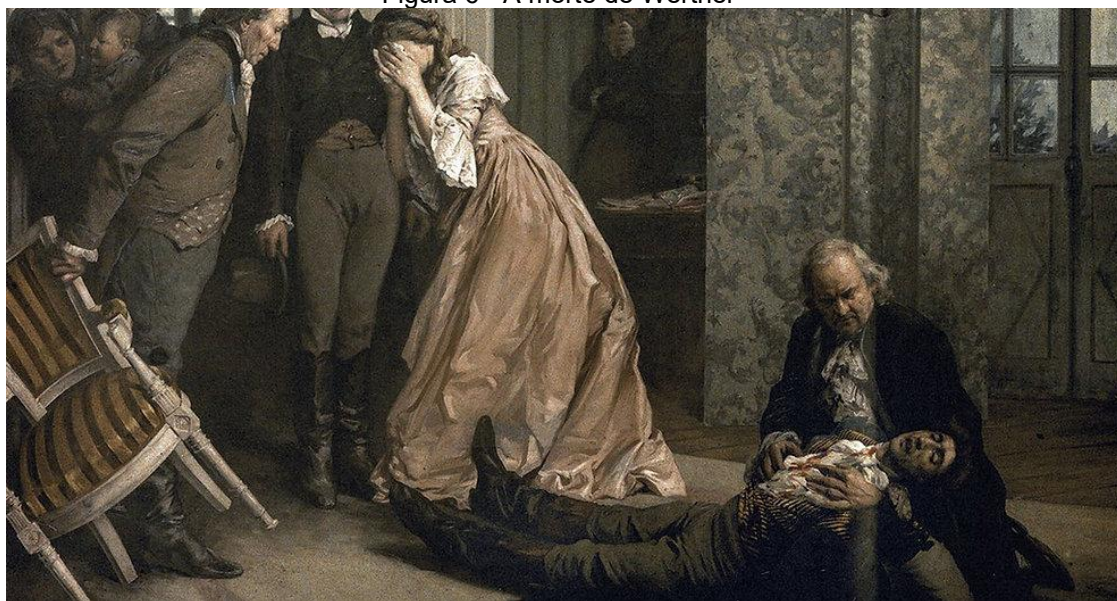
Sobre os efeitos de Werther no contexto em que se deu o lançamento e divulgação do livro, o historiador George Minois destaca o seguinte:

O livro é traduzido para o francês em 1775, alcançando quinze edições no espaço de dez anos; um grande número de adaptações é escrito. Quatro traduções inglesas aparecem entre 1779 e 1799, depois outras três antes de 1810. E as imitações começam imediatamente: em 1777, o jovem sueco Karstens se mata com um tiro de pistola tendo um exemplar de Werther aberto ao seu lado; no ano seguinte, Christiane Von Lassberg,

²² O fenômeno recebeu esse nome devido ao livro *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Johann Wolfgang von Goethe, publicado em 1774. A obra de Goethe recebeu sem evidências concretas, a culpa dos inúmeros suicídios que aconteceram no contexto de lançamento da obra. Entretanto, Ana Filipa Almeida destaca que para o criador do termo Efeito Werther, a obra acaba apenas por desinibir pessoas com tendências suicidas. Assim ela registra as considerações de David Phillips: “[...] as provas existentes parecem ser pelo menos compatíveis com a hipótese de existir uma desinibição de tendências suicidas” (Phillips, apud Almeida, 2000, p. 39).

acreditando ter sido abandonada por quem ela ama, afoga-se com um Werther no colete; em 1784, uma jovem inglesa se mata na cama com um Werther debaixo do travesseiro, e assim por diante, até Karl Von Hohenhauser, em 1835. “Werther provocou mais suicídios do que a mulher mais bela do mundo” escreve Madame de Staël (Minois, 2018, p. 335).

Figura 6 - A morte de Werther



Fonte: François-Charles Baude, 1911.

Mais que culpabilizar a obra de Goethe é preciso considerar que o suicídio é um fenômeno multifatorial, ou seja, sua causa pode estar relacionada àquilo que José Manoel Bertolote (2012) chamou de fatores predisponentes e ou precipitantes, o primeiro relacionado aos aspectos biológicos ou psicológicos e o segundo relacionado aos aspectos circunstanciais. Ressalto, entretanto, que para além dos aspectos multifatoriais que podem fomentar o suicídio, a morte de uma pessoa pode ter efeito mimético sobre outras que já evidenciam tendências suicidas.

Nesse sentido, o *Efeito Werther*. ocorre em virtude da veiculação das mortes por suicídio de forma sensacionalista nas diferentes mídias, abrindo a possibilidade de outras pessoas pensarem em suicídio quando estiverem em situação de vulnerabilidade e intenso sofrimento (Cf. Fukumitsu, 2019, p. 78). Como exemplo desta cobertura sensacionalista, Karen Scavacini destaca com base em estudos anteriores, que ocorreu “aumento de 10% no número de casos

de suicídio nos cinco meses posteriores à morte do ator Robin Williams” (Scavacini, 2018, p. 16). Essas mortes subsequentes apontam para o mimetismo a que algumas pessoas estão sujeitas, especialmente se se identificarem em algum aspecto com o falecido.

1.3.2. O Efeito Papageno como representação de superação diante da crise

Em contraponto ao *Efeito Werther* foi cunhado o *Efeito Papageno*. A OMS, bem como outras instituições têm insistido, não no silenciamento do assunto, mas na necessidade de se falar do suicídio a partir da valorização da vida. Compete aos diferentes veículos de comunicação a abordagem responsável visando o que se espera alcançar com o denominado *Efeito Papageno*, ou seja, a superação da crise suicida e a ressignificação da vida.

Papageno é um personagem de *A Flauta Mágica*, de Mozart, que ao enfrentar uma situação difícil planejou tirar a própria vida, mas foi persuadido por três gênios a desistir do suicídio. Conforme excerto abaixo a sua desilusão com a vida se deveu em decorrência da desesperança de rever o seu amor.

Estou cansado da minha vida, A morte acaba com o amor, mesmo que o coração ardesse tanto (pega a corda) Eu vou enfeitar, então, esta árvore, nela apertarei bem este pescoço, porque a vida não me alegra mais; Boa noite, mundo falso. Já que tu me tratas de modo ruim e não permites para mim uma linda moça, então acabou, agora, morrerei. Linda menina pensa em mim. Mas haverá uma misericordiosa que antes de eu, coitado, pendurar, ainda me ouça? Bem, vamos ver o que ocorre, ao menos falem "não" ou "sim". (escuta). Mas ninguém responde, tudo é calmo, então esta é a vossa vontade? Papageno tens que ser ligeiro e acaba com isto a tua vida! Mas espero um pouco, talvez ainda contarei: um-dois-três. Um! Dois! Três! Nada, nada. Bem, assim é. E já que ninguém está me segurando, mundo falso, boa noite! OS TRÊS MENINOS GÊNIOS: Para Papageno e pensa bem: temos uma vida se a vivemos bem! PAPAGENO: A vossa fala é boa, até há piada nela, mas se ardesse o amor dentro de vós - Como em mim, tereis que andar também atrás de ••• uma. OS TRÊS: Então deixa soar as tuas Campânulas, elas trarão a ti a tua menina! PAPAGENO: Eu, tolo, esqueci-me dessas coisas. Campânulas, então soem! Soem! Terei que ver a cara linda. Ecoem, ecoem, lindos sininhos, façam que ela apareça! Soem, ecoem, campânulas. Façam que ela venha logo! OS TRÊS: Agora, Papageno, olha bem! (aparece Papagena jovem e linda)

(Disponível em: <<http://www.calatonia.org/download/a-flauta-magica-libreto/>> acesso em 09 de agosto de 2023).

Baseado em Papageno Niederkrotenthaler et al. (2010) cunhou o termo *Efeito Papageno* para fazer oposição ao *Efeito Werther* na promoção a prevenção ao suicídio. Nesse sentido, o *Efeito Papageno* constitui-se na intencionalidade de abordagem da problemática do suicídio na perspectiva da valorização da vida.

Figura 7 – Papageno



Fonte: Dibujo de la portada del libreto: Emanuel Schikaneder representando a Papageno

Para Karen Scavacini (2018) a efetivação do *Efeito Papageno* perpassa uma “tríade da mudança”, formada pela conscientização, pela competência e pelo diálogo. A autora supracitada explicita a tríade de mudança nos seguintes termos:

Consciência não é somente falar mais sobre o assunto, é ver de forma diferente, é ser sensibilizado e mobilizado pelo assunto

e pelas pessoas. **Competência** em prevenção do suicídio (suicide literacy – SL) é um termo derivado da competência em saúde mental (mental health literacy – MHL), que significa o uso das informações de maneira correta para fins de tomada de decisões e de resolução de problemas. Dessa forma, o desenvolvimento da SL está intimamente ligado ao aumento da capacitação sobre o assunto. O **diálogo** está relacionado à comunicação efetiva diante do ato de falar e de ouvir, de conversar (Scavacini, 2018, p. 17 – grifo nosso).

Essa tríade necessária para a efetivação do *Efeito Papageno* requer da Mídia de forma geral maior responsabilidade na divulgação dos casos de suicídio, evidenciando maior consciência e competência. Tendo essa preocupação em mente, a OMS (2000) divulgou um manual para profissionais da mídia que incluía de modo geral, evitar a cobertura sensacionalista de mortes por suicídio de celebridades, evitar a descrição detalhada de métodos e de como eles foram adquiridos, além de enfatizar de diferentes formas a valorização da vida a despeito de qualquer morte por suicídio.

Obviamente que para além dessa comunicação mediada, a comunicação imediata, ou seja, aquela que ocorre face a face deve de igual modo priorizar a abordagem do tema do suicídio na perspectiva da vida para que dentre os Efeitos apresentados, o *Papageno* prevaleça.

Tendo em vista a responsabilidade da mídia, procurei analisar as contribuições de algumas Igrejas Protestantes em seus órgãos oficiais de comunicação “jornais e ou revistas”, para a valorização da vida em tempos de crise pessoal ou coletiva.

1.3.3. A campanha *Setembro Amarelo* nos Órgãos Oficiais de Igrejas Protestantes no Brasil entre 2020 a 2022: entre o receio de Werther e a abertura para o Papageno

A campanha *Setembro Amarelo*²³ teve início em 2015 no Brasil, a campanha surgiu a partir das evidências alarmantes quanto ao número de óbitos por suicídio. O Setembro Amarelo tem por objetivo falar sobre o suicídio na perspectiva da valorização da vida com o intuito de alcançar aqueles e aquelas que sofrem com o drama do suicídio. No entanto, um estudo recente²⁴ coordenado pelo psiquiatra Rodolfo Furlan Damiano demonstra que:

No geral, houve um aumento progressivo na taxa de número relativo (por 100.000 habitantes) de suicídios ao longo do tempo entre 2000 e 2019 (aumento de 57%). A JA detectou uma mudança na inclinação da curva representando uma aceleração nos suicídios a partir do ano de 2015. O RDD ajustado revelou que o ano em que o Setembro Amarelo começou mudou significativamente a inclinação da associação entre tempo e taxas de suicídio (interação $p < 0,01$), e a análise marginal detectou que o coeficiente aumentou de 0,07 (IC95% 0,04–0,10) para 0,27 (IC95% -0,07-0,60) suicídios/ano por 100.000 habitantes (Damiano et. al., 2024).

Entretanto, os pesquisadores apontam que:

Encontramos um aumento nas tendências suicidas no Brasil, contra a tendência global que coincide com o início de uma grande campanha nacional de conscientização. Embora não possamos atribuir causalidade, nossos resultados reforçam a necessidade de mais estudos para entender melhor o papel das campanhas de conscientização nas intervenções de redução do suicídio, incluindo potenciais efeitos não intencionais (Damiano et. al., 2024).

²³ O dia 10 de setembro, outrora conhecido como Dia mundial do Suicídio, recebeu a devida importância e se transformou em “Setembro Amarelo”, o mês de prevenção do suicídio. No entanto, ainda cabe ressaltar que a prevenção do suicídio não deve se restringir a somente um dia ou apenas a um mês (Fukumitsu, 2019, p. 79).

²⁴ Associações entre uma campanha brasileira de conscientização sobre suicídio e tendências de suicídio de 2000 a 2019: análise de ponto de junção e descontinuidade de regressão. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0165032724013661> acesso em: 06 de novembro de 2024.

A despeito dos possíveis efeitos colaterais da campanha Setembro Amarelo, apresento a seguir as ações ou inações de algumas igrejas históricas por meio de seus veículos de comunicação oficial (jornais e revistas). Para além das práticas de aconselhamento nas igrejas locais procuro destacar como os órgãos oficiais de igrejas históricas lidaram dentro de um determinado período com o tema do suicídio, entendendo que a própria membresia destas igrejas tenham acesso a estes materiais e possam encontrar neles, uma espécie de aconselhamento indireto ou quem sabe o encorajamento para a procura por ajuda. Os resultados apresentados apontam, via de regra, para o silenciamento no âmbito das igrejas de tema tão emergente. Tal silenciamento pode apontar para o receio de se fomentar o Efeito Werther ou mesmo pelo simples fato de o tema ser um tabu.

Considerando o Efeito Papageno, parto do pressuposto de que o diálogo responsável pode contribuir para a prevenção do suicídio, inclusive no âmbito evangélico, onde também se percebe mortes por suicídio, procurei verificar quais denominações se ocuparam da temática da prevenção ao suicídio no triênio 2020-2022 durante o mês de setembro, mês destinado a campanha de prevenção ao suicídio, denominada Setembro Amarelo.

Para análise foram acessados os sites das seguintes denominações cristãs: Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB), Presbiteriana Renovada no Brasil (IPRB), Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (IPU), Igreja Presbiteriana Conservadora do Brasil, Igreja Metodista, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e Convenção Batista. O objetivo do acesso foi para verificar se em seus órgãos oficiais foram divulgados a campanha do Setembro Amarelo nos anos de 2020, 2021 e 2022. Com o propósito de verificar o quanto os jornais ou revistas abordaram o tema da campanha Setembro Amarelo (SA) utilizei a ferramenta busca palavras, por meio de algumas palavras chaves como “Setembro Amarelo, suicídio, depressão, ansiedade”.

A escolha dessas denominações se deu em vista do recorte necessário em decorrência da abrangência de igrejas evangélicas no Brasil, mas também por se tratar de denominações reconhecidas como históricas e de missão, em

sua maioria, com presença em solo brasileiro desde o século XIX. A escolha do triênio 2020-2022 também foi intencional, tendo em vista o enfrentamento da pandemia de Covid-19 e o ambiente de polarização política. A análise que foi de caráter quantitativo será explicitada a seguir por meio da planilha de levantamento seguida de breve discussão:

IPI DO BRASIL			IPR	IPU	IPCB	IPB
	O Estandarte	Vida e Caminho	Jornal Renovado	Traço de União	Presbiteriano Conservador	Brasil Presbiteriano
2020	Não disponível online	Tema relacionado ao SA	Sem registro	Não disponível online	Sem registro	Sem registro
2021	Tema relacionado ao SA	Sem registro	Há nota indicando uma autora sobre o tema	Não disponível online	Sem registro	Sem registro
2022	Sem registro	Tema relacionado ao SA	Sem registro	Sem registro	Sem registro	Sem registro

	Metodista	IECLB					Convenção Batista
	Expositor cristão	O Semeador	O caminho	O galo canta	JOREV - Luterano	Joinville Luterano	O jornal Batista
2020	SA	Sem registro	Sem registro	Sem registro	SA	Sem registro	Disponível apenas edições de 2023 online
2021	Não disponível online	Sem registro	Tema relacionado ao SA	Sem registro	SA	SA	
2022	Não disponível online	Sem registro	SA	Sem registro	Sem registro	SA	

Tabela 1 - Elaborado pelo autor - SA: Setembro Amarelo

Além de *O Estandarte* como órgão oficial, a IPIB, possui a *Revista Vida e Caminho* com bom trânsito dentro e fora da própria instituição. O jornal *O Estandarte* tratou do tema relacionado ao suicídio em setembro de 2021, apesar de não fazer referência explícita a campanha do Setembro Amarelo. A edição de

setembro de 2020 não estava disponível para acesso online, na edição de setembro de 2022 não houve matéria referente a campanha. Por outro lado, a *Revista Vida e Caminho* abordou temas relacionados a prevenção do suicídio nas edições trimestrais que inclui o mês de setembro nos anos de 2021 e 2022.

A IPRB apenas disponibilizou uma nota na edição de setembro de 2021 do *Jornal Renovado*, indicando uma autora que aborda o tema da prevenção ao suicídio. O *Traço de União* da IPU não abordou o tema na edição de 2022 e as edições de 2020 e 2021 não estavam disponíveis online. A IPB e IPC não abordaram o tema da campanha Setembro Amarelo em nenhuma das edições dos respectivos jornais: *Brasil presbiteriano* e *Presbiteriano Conservador*, nos anos de 2020 a 2022.

O *Expositor Cristão*, órgão da Igreja Metodista abordou o tema da campanha Setembro Amarelo em sua edição de 2020, no entanto, não foi possível verificar se o mesmo ocorreu nas edições de 2021 e 2022 nos meses de setembro por não estarem disponíveis online.

A IECLB merece um destaque. A denominação reúne vários jornais, revistas e boletins por meio dos quais dialoga com seus paroquianos. Diante de tamanha variedade optei por pesquisar apenas cinco informativos, conforme segue com os devidos registros de abordagem quanto a campanha do Setembro Amarelo: *O Semeador* (nenhum registro), *O Caminho* (nenhum registro em 2020, tema relacionado em 2021, e registro em 2022), *O Galo canta* (nenhum registro), *JOREV Luterano* (registro em 2020 e 2021, nenhum registro em 2022), *Joinville Luterano* (nenhum registro em 2020, registros em 2021 e 2022). Ressalto por fim, que a Convenção Batista possui disponível em seu site apenas edições online de 2023 de *O Jornal Batista*, portanto, fora do escopo da presente pesquisa.

Exposto este levantamento, ressalto que não negligencio a possibilidade de as diferentes denominações terem abordado a temática em âmbito institucional por meio de estudos nas igrejas locais, congressos etc. Apenas destaco a pertinência de se refletir a questão nos veículos institucionais de maior abrangência em vista da abrangência do problema que enfrentamos quanto ao tema do suicídio.

Com exceção da IPI do Brasil nenhuma outra denominação presbiteriana tratou sistematicamente sobre a campanha Setembro Amarelo ou veiculou artigos com temas relacionados ao Setembro Amarelo, como depressão, ansiedade, síndrome do pânico etc. Essa omissão, sobretudo, em período tão turbulento como o pesquisado pelos fatores já apontados, pode denotar certa negligência para com a saúde mental dos seus eclesianos. Minha intuição é que tal negligência possa estar relacionada a concepção noutética de aconselhamento pastoral, presente ainda hoje em algumas denominações cristãs presbiterianas. Tal concepção ignora ainda que indiretamente que depressão e outros sintomas devam ser considerados não apenas a partir da perspectiva espiritual, mas também da saúde mental.

Conforme destacado no tópico anterior, a Igreja Metodista não disponibilizou as edições de setembro de 2021 e 2022, entretanto, em 2020, ano extremamente conturbado apresentou matéria sobre a campanha Setembro Amarelo encarnando o espírito de John Wesley quanto a responsabilidade social da igreja.

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil aparece como aquela em que a campanha do Setembro Amarelo, se fez notória nos mais variados jornais. Parto do suposto de que para além de uma visão teológica mais humanista e em decorrência disso, a IECLB se ocupa da temática em vista do contexto de maior predominância de suas igrejas ser igualmente o contexto de maiores índices de suicídio no Brasil. Conforme Boletim Epidemiológico 33 do Ministério da Saúde, as taxas de suicídio no período de 2010 a 2019 são maiores nas regiões Sul e Sudeste, em escalonamento sempre crescente. A despeito deste último boletim ser anterior ao período da pesquisa, as taxas evidentemente discrepantes em relação as outras regiões do Brasil não endossam a mudança dessa realidade em curto prazo.

Por fim, destaco que não foi possível analisar os jornais ou periódicos da Convenção Batista, pois as edições disponibilizadas online, referem-se ao ano de 2023.

O Efeito Werther aponta para a desinibição de pessoas com tendências suicidas frente a algum relato de suicídio de alguém conhecido, sobretudo,

celebridades. Não são sem motivos as orientações da OMS para que os profissionais da mídia procurem a melhor maneira de divulgação dos casos de suicídio. Quanto a este mimetismo a que estamos sujeitos vale a pena referenciar o que diz Pedrinho A. Guareschi em relação as Representações Sociais:

As razões de por que fazemos o que fazemos passam por outros canais e são legitimados e impulsionados por outros fatores bem mais amplos que o racional e o cognitivo: nessas supostas “razões” estão também presentes elementos míticos, afetivos, religiosos, culturais, tradicionais, ligados a status, poder, prestígio etc. É a isso que chamamos de representações sociais (GUARESCHI, 2000, p. 69).

Guareschi aponta que em certa medida essas representações sociais se evidenciam pela ação dos meios de comunicação, sendo estes, em sua percepção, os construtores da informação que acabam por construir realidades a partir de uma determinada ideologia.

Não se espera das igrejas, por meio dos seus diferentes veículos de comunicação a abrangência daqueles de fora dos espaços religiosos, mas a mídia evangélica, em especial, por meio dos seus jornais, pode, por certo, contribuir para a transformação da nossa realidade no que tange a questão do fenômeno do suicídio. Há que se questionar se o silêncio frente a algo tão urgente contribui para o enfraquecimento do chamado *Efeito Werther*, por outro lado, pode-se considerar que o falar sobre o suicídio a partir da valorização da vida, como é próprio do seu princípio evangelístico, a igreja pode contribuir na conscientização e educação visando a efetivação do chamado *Efeito Papageno*.

Entretanto, urge que se tenha maior criticidade quanto a campanha do Setembro Amarelo, para que não se caia no que Karen Scavacini denomina de “ação de marketing vazia” (Scavacini, 2024), numa crítica à Associação Brasileira de Psiquiatria – ABP, idealizadora da campanha. É preciso que ao fomentar a campanha em seus veículos de comunicação a igreja se preocupe em dar passos significativos a frente, no sentido de possibilitar efetivo cuidado junto àqueles que sozinhos (e tantas vezes responsabilizados para) não conseguem mais pedir ajuda.

2. O ACONSELHAMENTO PASTORAL FRENTE AO FENÔMENO DO SUICÍDIO

Certamente vocês sabem que são o templo de Deus e que o Espírito de Deus vive em vocês. Assim, se alguém destruir o templo de Deus, Deus destruirá essa pessoa, pois o templo de Deus é santo, e vocês são o seu templo – 1Co 3. 16-17

Passagem bíblica extraída de um livreto evangelístico de uma igreja reformada.

O Aconselhamento Pastoral precisa ser conceituado, pois apesar do mesmo encontrar a sua fundamentação teórica nas Escrituras Sagradas, ou seja, a Bíblia como ponto de partida, devemos reconhecer os males que um aconselhamento pode causar ao desconsiderar o contexto do texto e o contexto da pessoa a se aconselhar, sobretudo, àqueles que lidam com o drama do suicídio.

De fato, a prática do Aconselhamento Pastoral encontra subsídio teórico em uma longa trajetória bíblica e teológica. Aprendemos com os profetas, Jesus, os pais da igreja, os reformadores e teólogos contemporâneos caminhos para a cura da alma daqueles que se achegam em busca de ajuda espiritual. O Aconselhamento se mostra relevante em especial no momento de crise, sendo a crise motivada por vários fatores que envolvem o ser humano no trato consigo mesmo e com o outro na sociedade. Assim, no presente capítulo procuro explicitar uma conceituação histórica e teológica do aconselhamento.

Por outro lado, no que tange ao fenômeno do suicídio, o Aconselhamento Pastoral ainda se vê envolto ao tabu que cerca o tema e que por isso mesmo tende a culpabilização das *vítimas do suicídio*²⁵. Nesse sentido, procuro apresentar os modelos contemporâneos de aconselhamento e demonstrar o quanto há necessidade de maior reflexão no âmbito do Aconselhamento Pastoral em relação ao fenômeno do suicídio, tendo em vista, que alguns dos modelos encontram reminiscências na compreensão medieval a

²⁵ O termo Vítima do Suicídio encontra amplo respaldo na literatura, sobretudo, na área da saúde. Reitero, entretanto, o quanto o termo se tornou importante nesta pesquisa a partir da banca de qualificação onde a Prof^a. Dr^a. Aline Taconelli enfatizou que nem sempre as pessoas possuem escolhas como se pudessem escolher entre possíveis caminhos. Se tornaram vítimas porque foi o destino imposto em uma sociedade individualista que não lhes deixaram outras alternativas possíveis.

respeito da morte por suicídio. Outros modelos, como se perceberá, apresentam uma abordagem mais holística quanto ao ser humano, ainda que o fenômeno do suicídio não seja a preocupação central.

Procurou destacar pesquisas recentes, como a dissertação de Mestrado em que trabalho o Aconselhamento Pastoral em interface com a Logoterapia na prevenção ao suicídio e proposições de Lothar Carlos Hoch nessa mesma interface.

2.1. Análise Conceitual, histórica e teológica do Aconselhamento Pastoral

O Aconselhamento Pastoral constitui, enquanto disciplina teológica, subtema da Teologia Prática. Nesse sentido, trata-se de campo estudado nos Seminários e Faculdades de Teologia, sejam essas instituições católicas ou protestantes. O Aconselhamento Pastoral, enquanto disciplina se propõe ao subsídio da prática do Cuidado e Aconselhamento Pastoral por meio dos agentes pastorais, sejam eles ordenados ou não. Nesse sentido, essa prática não acontece no vácuo, desvinculada de conceituações ou transformações históricas e teológicas. Por este motivo, se faz necessário explicitar conceitualmente, historicamente e teologicamente o que seja o Aconselhamento Pastoral a partir de diferentes autores.

2.1.1. Análise Conceitual do Aconselhamento Pastoral

Em contexto Latino-americano, sobretudo, brasileiro não é prudente delinear o conceito de Aconselhamento Pastoral sem considerar os apontamentos de Christoph Schneider-Harpprecht, isso, por se tratar de teórico que há muito, tem se ocupado com a Teologia Prática e seus subtemas, dentre eles, o Aconselhamento Pastoral. Em *Teologia Prática no contexto do América Latina*, texto organizado pelo autor anteriormente referido, há um capítulo em que ele aborda a temática do Aconselhamento Pastoral, apontando inclusive os perigos que derivam desta terminologia. Ele afirma:

Falamos neste capítulo da teoria e prática da poimênica e do aconselhamento pastoral, destacando que esta atividade não se

restringe aos ministros ordenados, que ela implica uma relativização do poder, pois trata-se, em princípio, de uma relação livre entre dois parceiros iguais (Schneider-Harpprecht, 2005, p. 291)

Um dos perigos que Schneider-Harpprecht aponta no termo é o perigo da hierarquização entre conselheiros e aconselhados, em que o primeiro domina a comunicação e o segundo torna-se apenas receptor da informação, ou seja, do saber que poderá aliviar a crise que motivou o aconselhamento. Outro perigo reside da clericalização do aconselhamento, pois, se se trata de aconselhamento pastoral, apenas este agente pode fazê-lo. Ronaldo Sathler-Rosa corrobora com o pensamento de Schneider-Harpprecht ao afirmar que o “o termo aconselhamento é problemático, pois em geral está associado a noção de dar conselhos” (Sathler-Rosa, 2008, p. 10), quanto ao termo pastoral, ele afirma que “por sua vez, não se aplica, exclusivamente, à pessoa ordenada (Sathler-Rosa, 2008, p. 10), ou pelo menos não deveria se aplicar.

A despeito destes perigos, Schneider-Harpprecht propõe em sua reflexão uma compreensão mais abrangente do que seja o aconselhamento pastoral. Conceitualmente para Schneider-Harpprecht, “o aconselhamento pastoral é uma dimensão da koinonia” (Schneider-Harpprecht, 2005, p. 292), neste sentido, ele se efetiva na vida comunitária por meio das relações e interações de seus membros, no vivenciar da fé enquanto oram, cantam, confessam, aprendem e vivem a missão que oriunda da fé. Assim, “o aconselhamento pastoral e as outras dimensões da vida comunitária estão interligados como círculos que se cruzam e assim delimitam uma superfície que têm em comum” (Schneider-Harpprecht, 2005, p. 292).

Por outro lado, é possível perceber que para o próprio Schneider-Harpprecht, as conceituações são reféns de contextos e processos históricos, como exemplo disso, ele afirma:

A compreensão daquilo que é aconselhamento pastoral difere de acordo com o contexto cultural, social, histórico e eclesial. Quero mostrar isso num exemplo: as igrejas evangélicas da Alemanha e em outros contextos europeus prevalece uma orientação individualista, na América Latina e em igrejas do Sul do planeta bem como na Igreja Católica estão incluídas a dimensão coletiva e a comunitária. Um motivo para o individualismo na compreensão de aconselhamento pastoral na

Alemanha é a proteção do sigilo pela lei federal (Schneider-Harpprecht, 2016, 307-308).

Do mesmo modo que Schneider-Harpprecht, Blanches de Paula pontua que:

Sobre o aconselhamento pastoral, uma das facetas indispensáveis do cuidado, pode-se afirmar que as heranças recebidas, principalmente estadunidenses, focaram uma dimensão clínica e individual. Mas para uma realidade latino-americana necessitamos repensar outras intervenções em aconselhamento que envolve um olhar comunitário (Paula, 2011, p. 184).

Com base no excerto acima, o aconselhamento poderia ser definido como a interação entre dois iguais com objetivos curativos de uma das partes ou interação grupal a partir de um líder para o fortalecimento mútuo. Para além dessa conceituação que aponta para o *modus operandi* do aconselhamento, Schneider-Harpprecht ainda aponta o caráter interdisciplinar do aconselhamento pastoral afirmando que:

É necessário desenvolver na Teologia Prática a teoria de uma prática interdisciplinar do aconselhamento pastoral que reflita a sua relação com as outras dimensões da vida comunitária, bem como com as ciências humanas (psicologia, psicoterapia, teoria da comunicação, sociologia, antropologia...) (Schneider-Harpprecht, 2005, 293).

Essa teorização que subsidia a prática é o que muitos teóricos têm procurado explicitar, sobretudo, para espaços acadêmicos e comunitários abertos a essa interdisciplinaridade.

Sobre essa relação interdisciplinar é possível intuir, a partir da descrição de Schneider-Harpprecht, quais dentre as variadas conceituações elaboradas por diferentes propositores, do que seja o Aconselhamento Pastoral estão abertas para o diálogo interdisciplinar:

O que é aconselhamento pastoral? Não existe uma definição geral aceita. As propostas vão de “orientação da palavra de Deus para o indivíduo” ou “disciplina eclesial” (Eduard Thurneysen) ou “psicoterapia no contexto da igreja” (Dietrich Stollberg) até “ajuda cristã para a condução da vida” (Christoph Schneider-Harpprecht). As definições destacam a dimensão teológica, sociológica ou psicológica. Mostra-se que

aconselhamento pastoral é uma prática multidimensional. A compreensão daquilo que é aconselhamento pastoral difere de acordo com o contexto cultural, social, histórico e eclesial (Schneider-Harpprecht, 2016, p. 307).

A primeira conceituação apresentada acima, me parece dialogar e se identificar com o aconselhamento *noutético* (conceito apresentado por Jay Adams, autor que ainda será apresentado ao longo deste capítulo), a segunda e terceira me parecem mais abertas ao diálogo interdisciplinar com a Psicologia, a partir dos termos apresentados para conceituar.

Ainda quanto a conceituação, Sathler-Rosa afirma que o “aconselhamento pastoral é processo no qual as pessoas se encontram para repartir lutas e esperanças. Este processo é animado e iluminado pela esperança do Reino de Deus que restabelece a dignidade humana (Sathler-Rosa, 2008, p. 11). Para Howard J. Clinebell o termo aconselhamento pastoral não pode ser considerado à parte da poimênica, nesse sentido, ele afirma que:

Poimênica é o ministério amplo e inclusivo de cura e crescimento mútuo dentro de uma congregação e de sua comunidade, durante todo o ciclo da vida. Aconselhamento pastoral, que constitui uma dimensão da poimênica, é a utilização de uma variedade de métodos de cura (terapêuticos) para ajudar as pessoas a lidar com seus problemas e crises de uma forma mais conducente ao crescimento e, assim, a experimentar a cura de seu quebrantamento (Clinebell, 2011, p.25).

Como dimensão intrínseca da poimênica, o aconselhamento pastoral compre a sua função à medida em que fomenta a libertação e crescimento do aconselhando que experimentará no decurso do tempo a superação e a cura da crise. Daniel S. Schipani opta pelo termo cuidado pastoral no lugar de poimênica, mas para este autor o que faz do aconselhamento um Aconselhamento Pastoral é a percepção de que a sabedoria de Deus emana da tradição bíblica e do conhecimento de Jesus, do seu saber, o sábio que personifica a sabedoria de Deus (Cf. Schipani, 2004, p. 46).

De modo geral é possível perceber convergências nas conceituações propostas por diferentes autores como Schneider-Harpprecht, Clinebell, Sathler-Rosa e Schipani, a despeito dos contextos em que cada um deles pensam. Ao

descrever o aconselhamento como dimensão da koinonia, Schneider-Harpprecht não está divergindo de Clinebell que o relaciona a poimênica, pois tanto esta como aquela dizem respeito ao cuidado que se experimenta e se oferta na vida comunitária, onde todos e todas se compreendem como agentes pastorais independentemente da ordenação institucional. O pastor e a pastora, possui, obviamente papel importante na prática do aconselhamento aqui conceituado, mas estes não podem fazê-lo numa perspectiva do poder clerical monopolizando a prática e centralizando-a em seu próprio ser. Se conforme pontua Sathler-Rosa, aconselhar vai além de dar conselhos, pode-se pensar conforme destaca Schneider-Harpprecht, no aconselhamento como uma ajuda cristã para a condução da vida. Para essa condução, conselheiros e aconselhados precisam se abrir para a sabedoria de Deus que deve emergir da prática do aconselhamento fundamentado nas Escrituras, conforme pontua Schipani. Nessas interações conceituais o que procuro demonstrar é a preocupação para com o crescimento da pessoa humana que se deve ter na prática do aconselhamento pastoral. Sobre este crescimento em estudos anteriores²⁶ procurei destacar essas convergências entre os diferentes modelos.

Ainda que a compreensão do que signifique crescimento divirja, a depender da concepção teológica do conselheiro, pode-se afirmar que em suma o objetivo do Aconselhamento Pastoral é promover o crescimento do aconselhado. Por exemplo, para o aconselhamento noutético, o crescimento ocorre mediante a confissão da culpa e o arrependimento, que possibilitarão a cura do aconselhado. Em outros modelos, como o apresentado por Clinebell, o crescimento em si se efetivará a partir da integralidade do Ser por meio da confluência das seis dimensões do seu método. Schipani compreende que o crescimento no Aconselhamento Pastoral se evidencia nas seguintes dimensões: “(a) a maneira de ver e saber ou a visão do Deus vivo; (b) a maneira de ser (caráter/coração) ou a virtude de Cristo; (c) a maneira de viver (lazer, trabalho, serviço ao próximo) ou a vocação do Espírito” (SCHIPANI, 2004, p. 75-76). O referido autor compreende que há um círculo hermenêutico ao qual o Aconselhamento Pastoral deve estar submetido e comprometido para que o aconselhado alcance o crescimento (Silva, 2024, 130).

²⁶ Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião sob o título: Aconselhamento Pastoral e Logoterapia: Convergências possíveis frente ao Suicídio.

Ressalto, portanto, que a despeito dos diferentes modelos de aconselhamento apreciados nos âmbitos acadêmicos e eclesiais no Brasil, todos objetivam o crescimento, considerando obviamente, os caminhos e pressupostos de cada modelo para tal crescimento. Nesse sentido, para além das conceituações explicitadas, se faz necessário uma análise histórica e teológica do Aconselhamento Pastoral, pois as próprias conceituações derivam da prática do aconselhamento ao longo do tempo das suas respectivas proposições teológicas.

A compreensão teológica a respeito do aconselhamento pastoral norteia a sua prática, desde tempos antigos. De modo geral, se aplicava ao ser humano em sua integralidade, mas com o tempo, dicotomizações foram acontecendo e foram implicando na prática do aconselhamento, ou seja, dicotomizações entre corpo e alma, secular e sagrado, Teologia e Psicologia etc. É a respeito deste processo teológico que influenciará o processo histórico do aconselhamento que abordo neste tópico.

2.1.2. O Aconselhamento Pastoral no contexto veterotestamentário e neotestamentário

O Aconselhamento constitui-se numa prática que remonta o período veterotestamentário, por meio das mais diferentes personagens ou grupos, a exemplo dos sacerdotes, juízes e profetas. Naquele contexto a partir da assimilação do termo hebraico *nefesch*, o “Aconselhamento Pastoral não se restringe mais apenas à alma, mas ao ser humano em suas diferentes dimensões relacionais” (Silva, 2024, p. 112). *Nefesch* designa na antropologia bíblica, o ser humano em sua integralidade e não apenas a dimensão da alma ou transcendental como enfatizava o pensamento platônico. Ronaldo Sathler-Rosa destaca que:

O termo hebraico *etsah*, usado com frequência para significar conselho, aparece pelo menos oitenta e quatro vezes como substantivo. Consta também como verbo, *yaatz*, mencionado vinte três vezes, no sentido de dar ou receber conselho. Da raiz desse verbo deriva a expressão hebraica para conselheiro (Sathler-Rosa, 2008, p.10).

No período neotestamentário a concepção integral de ser humano permaneceu no aconselhamento a despeito do contato com a cultura greco-romana e concomitantemente com o neoplatonismo. No ministério de Jesus, por exemplo, é possível perceber o cuidado pastoral no que diz respeito as questões que afetavam a vida das pessoas de maneira concreta. Entretanto, Schneider-Harpprecht, não ignora a influência do neoplatonismo na concepção cristã sobre a vida numa valorização metafísica que vai implicar no futuro do aconselhamento. Para ele essa dualidade levou:

[...] paulatinamente a uma compreensão que identifica *psyche* com a verdadeira vida espiritual, constituída pelo pneuma, o Espírito Santo que mora nos crentes, enquanto que a *psyche* como vida neste mundo vai ser identificada com a existência mortal e pecaminosa na carne (Schneider-Harpprecht, 2005, p. 297).

Essa dualidade afirma em outras palavras, a necessidade de encarar a vida e os seus problemas, tantas vezes até de forma resignada, considerando a transitoriedade deste momento que aponta para a condição além da física, onde a vida plenamente feliz será possível.

2.1.3. O Aconselhamento Pastoral na Patrística e Escolástica

Tanto no período da Patrística quanto do Escolasticismo predominou o aconselhamento com exacerbada preocupação metafísica. É neste sentido que Schneider-Harpprecht afirma que:

A integração da tradição bíblica e grega na igreja antiga transformou a mensagem escatológica num dogma sobre a verdade eterna e levou ao uso de novos meios de aconselhamento, como cartas de consolação, processos de auto-investigação e penitência ritualizada com a finalidade de purificar a alma (Schneider-Harpprecht, 2005, p. 297).

Um exemplo do processo de auto-investigação pode ser percebido em Santo Agostinho em seu livro *Confissões*, pois no texto ele analisa o próprio viver antes e após sua conversão a Cristo, podendo dessa forma municiar-se a partir do autoconhecimento, para o cuidado solidário com o outro (Cf. Schneider-

Harpprecht, 2005, p. 298). Diante da epidemia de suicídios no período medieval, percebe-se a ênfase na penitência como caminho que livraria a penitente do desespero que leva ao suicídio. Sobre essa questão George Minois afirma:

É o quarto concílio de Latrão, em 1215, que fixa a regra definitiva: “Todo fiel de ambos os sexos, tendo atingido a idade da razão, deve confessar sinceramente todos os seus pecados ao menos uma vez por ano ao seu próprio cura...”. No século XIII, São Bernardo exorta os fiéis a se confessarem sem demora e a não ceder ao desespero ao constatar que voltaram a pecar (Minois, 2018, p. 40)

Era por meio das confissões que as penitências se efetivavam com o objetivo de contribuir para que o confessor retomasse o caminho da vida, que era obviamente tutelada pela igreja em todos os aspectos.

Schneider-Harpprecht destaca que a concepção de penitência elaborada por Gregório I merece destaque, pois para este, o meio eficaz da poimênica se dava através da conversação pastoral que deveria obedecer a certa sistematização que perduraria até a reforma, a partir do seguinte processo: o partir o coração, a confissão da boca, a absolvição, a satisfação do trabalho (Cf. Schneider-Harpprecht, 2005, p. 299).

Quanto ao *modus Operandi* do aconselhamento Sathler-Rosa destaca que:

Já no período dos Pais Apostólicos, João Crisóstomo preocupava-se em oferecer acompanhamento personalizado. Intentava, dessa forma, isentar as pessoas de serem expostas a humilhações públicas, no caso de ofensas graves, a fim de serem readmitidas à comunhão (Sathler-Rosa, 2008, p. 10)

De modo geral, poucas são as referências ou literaturas quanto ao aconselhamento pastoral nos períodos supracitados, isso se explica devido a preocupação de maior fundamentação cristã no que diz respeito a temas como a natureza de Cristo, salvação, evangelização, Ceia etc. Nesse sentido, a prática do aconselhamento não era fundamentada numa ampla teorização como o eram os outros temas mais emergentes que fundamentam o trabalho pastoral e missional.

2.1.4. O Aconselhamento Pastoral no período da Reforma Protestante

Ao considerar a obrigatoriedade da penitência um abuso, Lutero ressignificou a prática do aconselhamento pastoral ao explicitar sua compreensão da penitência nos quatro primeiros tópicos das 95 teses. Ele afirma:

1. Ao dizer: "Fazei penitência", etc. [Mt 4.17], o nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo quis que toda a vida dos fiéis fosse penitência. 2. Esta penitência não pode ser entendida como penitência sacramental, isto é, da confissão e satisfação celebrada pelo ministério dos sacerdotes. 3. No entanto, ela não se refere apenas a uma penitência interior; sim, a penitência interior seria nula, se, externamente, não produzisse toda sorte de mortificação da carne. 4. Por consequência, a pena perdura enquanto persiste o ódio de si mesmo (isto é a verdadeira penitência interior), ou seja, até a entrada do reino dos céus²⁷.

O rompimento com o modelo romano de aconselhamento fez, entretanto, que Lutero aplicasse à prática do aconselhamento “a sua própria experiência quase um padrão para todos os contemporâneos” (Schneider-Harpprecht, 2005, p. 299), flexibilizando de um lado, mas enrijecendo por outro, ao considerar “toda existência humana pecaminosa e não apenas determinados atos” (Schneider-Harpprecht, 2005, p. 300). Essa compreensão antropológica de Lutero passou a influenciar a prática do Aconselhamento na Reforma que pendulou entre o aconselhamento comunitário destacando o sacerdócio universal de todos os crentes e aconselhamento pastorcêntrico. Essa clericalização do aconselhamento é mais evidente em Calvino, conforme pontua John H. Leith:

Na ordem oficial para a existência da igreja em Genebra, providenciou que os pastores se responsabilizassem pela visitação aos prisioneiros e enfermos e pela instrução catequética e exame dos fiéis antes da administração da Ceia do Senhor. A confissão de pecados e a promessa de perdão, que estão na liturgia do domingo, **podem também ocorrer no**

²⁷ As noventa e cinco Teses. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/95%20Teses%20de%20Lutero.pdf>. Acesso em: 11 de junho de 2024.

encontro entre os cristãos e, em particular, no trabalho pastoral dos ministros (Leith, 1997, p.128-129 – grifo nosso)

Tanto em Lutero como em Calvino percebe-se distanciamento dos postulados romanos quanto a prática do aconselhamento, tanto no que diz respeito ao poder clerical de absolver pecados como no que diz respeito ao poder de estabelecer penitência. A permanência reside na inevitável centralização pastoral a despeito da abertura para a prática de aconselhamento entre irmãos, conforme destacado acima. Estes reformadores iriam influenciar a prática do aconselhamento nos anos que se seguiriam, inclusive no aconselhamento individualizado enfatizado por Richard Baxter aos pastores, conforme aponta Sathler-Rosa: “Richard Baxter, em O pastor reformado (1656), instava seus colegas a desenvolver métodos de instrução individualizada para as famílias” (Sathler-Rosa, 2008, p.11).

2.1.5. A prática do Aconselhamento entre o Gabinete e o Divã

Conforme já pontuado, o aconselhamento em perspectiva bíblica se ocupava com o ser humano em sua integralidade. Com o tempo, a prática se tornou mais pragmática objetivando a salvação das almas e por vezes negligenciando questões subjacentes da vida.

A Reforma Protestante contribuiu para o processo desencantamento do mundo que possibilitou maior reflexão para além dos postulados da igreja, como por exemplo o iluminismo que conseqüentemente possibilitou maior abertura para a ciência. Sobre essa questão Peter Berger afirma:

Simplificando-se os fatos, pode-se dizer que o protestantismo despiu-se tanto quanto possível dos três mais antigos e poderosos elementos concomitantes do sagrado: o mistério, o milagre e a magia. Esse processo foi agudamente captado na expressão “desencantamento do mundo” (Berger, 1985, p.123)

Este desencantamento do mundo possibilitou e acelerou o processo de secularização que constituía na “privatização da fé e maior abertura para o racionalismo que culminou dentre tantas benesses para o mundo moderno, no

surgimento da Psicologia” (Silva, 2024, p. 115). Entretanto, com a ascensão da Psicologia como ciência uma tensão foi progressivamente se estabelecendo com a Teologia, pois esta passou a ver a Psicologia com suspeita ao passo que para alguns teóricos da Psicologia a Teologia/Religião tornou-se desnecessária. Um exemplo dessa tensão se evidencia em Freud de acordo com Hoch ao afirmar que “o surgimento da psicanálise e a crítica de Freud à religião como manifestação patológica de um ser humano dependente fez com que essa relação se deteriorasse mais ainda” (Hoch, 1985, p.255).

Por outro lado, como pode ser percebido em Aconselhamento a partir da Cruz, Elyse M. Fitzpatrick e Dennis E. Johnson, explicitam o pensamento ainda hegemônico no meio religioso quanto ao uso da psicologia. Assim é dito:

A menos que tenhamos procurado intencionalmente discernir e rejeitar os pressupostos do evolucionismo darwiniano e da psicologia freudiana, vamos aceitá-los inadvertidamente e, como Jacó, podemos acordar numa manhã e nos surpreender ao perceber com quem estivemos na cama (Fitzpatrick, Johnson, 2018, p. 230).

Mais a frente, os mesmos autores afirmam referindo-se as mutações das psicoterapias a partir de Freud, “Portanto, a psicologia continua a ser criada e recriada num ciclo infundável de escuridão e futilidade” (Fitzpatrick, Johnson, 2018, p. 232).

Esse clima de tensão entre diferentes áreas do conhecimento que se ocupavam com o humano possibilitou a concorrência entre o que denomino de aconselhamento entre o gabinete (realizado pelo religioso) e o divã (realizado pelo psicólogo). Sobre essa tensão e tentativa de superação afirmo o seguinte afastando-me obviamente do recrudescimento teológico que demoniza a ciência:

Devemos reconhecer ainda que a despeito das tensões supracitadas, com o advento da Psicologia, especialmente a partir do século XX, esta ciência se tornou presença necessária nos seminários teológicos, tendo em vista melhor preparação dos ministros para o desempenho do próprio Aconselhamento Pastoral. A inserção da Psicologia no currículo dos seminários teológicos demonstra que, apesar das tensões existentes entre as distintas áreas, também na Teologia houve significativa abertura para a ciência (Silva, 2024, p. 117).

É a partir das tensões ou tentativas de superação que os modelos de aconselhamento pastoral foram se estabelecendo a partir do séc. XX e favorecendo em algumas situações interessantes interfaces com as diferentes vertentes psicológicas como procuro destacar no próximo tópico.

2.2. O Aconselhamento Pastoral na atualidade: limitações e avanços frente ao fenômeno do suicídio

Karina Fukumitsu, pesquisadora que se estabelece como uma das autoridades no Brasil quanto ao tema da suicidologia vem apontando caminhos para a prevenção e posvenção ao suicídio, sobretudo, a partir da atuação clínica ou por meio da criação de grupos de enlutados. Sobre estes grupos ela afirma:

Acredito que o grupo de apoio aos enlutados pelo suicídio amplia a proposta de acolhimento ao sofrimento. Incentivo que grupos de apoio aos enlutados sejam cada vez mais numerosos no Brasil, porque, além de favorecer a escuta, podem por meio da troca de experiências, auxiliar o enlutado na ressignificação de seus sentimentos e pensamentos e na descoberta de novas formas de compartilhar sua dor, rompendo os padrões de silêncio e dos segredos (Fukumitsu, 2021, p. 75).

A despeito dos mais variados teóricos ou áreas do conhecimento que podem contribuir para a melhor atuação pastoral frente aqueles e aquelas que se achegam com crises suicidas, há pouco avanço e muitas limitações na atuação pastoral quando a questão é o suicídio. As limitações se devem em parte a ausência de um olhar abrangente para aqueles que sofrem com intenções suicidas, buscando-se por vezes fundamentar o aconselhamento em passagens bíblicas desconexas à situação vivencial do aconselhando, mas também a pouca abertura para aconselhamentos em grupos conforme proposição de Fukumitsu.

Nos tópicos que se seguem apresento alguns modelos de aconselhamento vigentes no Brasil, sobretudo, a partir da influência norte-americana. De igual modo discorro sobre aqueles que elaborados em contexto latino-americano buscam realizar sua práxis levando-se em consideração as especificidades contextuais. Na apresentação destes modelos procuro

demonstrar em que medida contribuem ou não para o aconselhamento que leve em consideração o fenômeno do suicídio.

2.2.1. O Modelo Noutético ou fundamentalista de Aconselhamento Pastoral

Fitzpatrik e Johnson, aplicam, a partir do diálogo com Jay Adams²⁸, a seguinte sequência metodológica no aconselhamento: tópico, passagem bíblica, declaração e obrigação. Nos tópicos apresenta-se os mais variados temas que podem provocar a necessidade de aconselhamento como “**adultério, raiva, amargura, problemas de comunicação, depressão, inveja, relações familiares, medo, luto, alcoolismo, preguiça, mentira, falta de amor, orgulho, problemas sexuais dentro e fora do casamento**” (2018. p. 246-263 – grifo nosso), nessa listagem de tópicos é interessante notar a presença de cinco dos setes pecados capitais. Segue-se na metodologia, a passagem bíblica que confronta o tópico, seguido de outras passagens bíblicas que evidenciem a declaração de pecado e obrigação frente ao mesmo.

Nessa postura evidencia-se o aconselhamento noutético onde enfatiza-se a culpa do aconselhando e a necessidade de arrependimento. Não há preocupação com a subjetividade do ser que em crise, ainda que acometido por um dos tópicos acima ou outros tantos, deve ser considerado em sua singularidade e especificidade. No aconselhamento noutético, a Bíblia deve ser a única ferramenta para confrontação do aconselhando que, conforme afirmado anteriormente deve confessar seus pecados e caminhar na direção de um arrependimento sincero para alcançar a superação da crise e consequentemente a salvação.

Nesse sentido, o modelo noutético ou fundamentalista pouco contribui, em minha perspectiva, para o aconselhamento junto às pessoas sobreviventes²⁹ que ainda são acompanhadas pela intenção suicida, pois estas, que já carregam

²⁸ O teólogo norte-americano Jay E. Adams é sem dúvida o maior responsável pela inserção deste modelo no Brasil, pois seus livros, que enfatizam a necessidade de um aconselhamento noutético, são extremamente consumidos nos círculos teológicos mais conservadores (Silva, 2024, p. 118).

²⁹ Conceito central na Tese e que é explicado no início do terceiro capítulo.

consigo a *frustração que fomenta o vazio existencial*³⁰ têm de enfrentar o estigma e a culpabilização que este modelo impõe.

2.2.2. O Modelo holístico de libertação e crescimento e o Modelo Contextual de uma poimênica de libertação: Uma interação possível

Em estudo anterior, destaquei que o modelo holístico de libertação e crescimento, utilizado no contexto latino-americano em espaços com abertura para a interdisciplinaridade possui “além da abertura para interação entre Teologia e Psicologia, um afastamento mais nítido do fundamentalismo explicitado no aconselhamento noutético” (Silva, 2024, p. 123). Este modelo procura relacionar princípios psicológicos e teológicos em benefício do crescimento espiritual, última das seis dimensões³¹ de cuidado explicitado no modelo.

Este modelo é também descrito por Schneider-Harpprecht como modelo da Teologia da Encarnação onde o “aconselhamento é um serviço de diaconia. Ele comunica o evangelho por meio da relação incondicional do amor” (Schneider-Harpprecht, 2016, p. 312) manifestando a presença de Cristo no aconselhamento. Uma crítica a este modelo é o risco da personalização da figura pastoral que pode experimentar certa sobrecarga e responsabilização em caso de frustração das expectativas do aconselhando.

Diferentemente do modelo anterior, o modelo contextual de uma poimênica de libertação estabelece um diálogo maior com a realidade latino-americana, pois se estabelece a partir da interação com os pressupostos da Teologia da Libertação, priorizando uma perspectiva grupal no combate as questões estruturais que prejudicam a sociedade e em decorrência o indivíduo. Este modelo é também descrito por Harpprecht como modelo trinitário, por estabelecer relação com a doutrina da Trindade. Nesse sentido ele afirma:

³⁰ a frustração existencial é que possibilita o vazio existencial, aquele sentimento de que nada pode dar novamente sentido a existência (Silva apud Frankl, 2022, p. 54).

³¹ Seis dimensões: avivar a mente, revitalizar o corpo, renovar e enriquecer relacionamentos, aprofundar a relação com a natureza e a biosfera, Cura e crescimento a nível institucional-social e crescimento espiritual (Silva, 2024, 122-123).

O destino do ser humano é viver em correspondência com o ser de Deus. Conforme o amor é realizado na permeação mútua das três pessoas da Trindade, os cristãos são chamados para viver como criaturas físicas, sendo irmãos e irmãs de Cristo, buscar e experimentar perdão, consolação e reconciliação com Deus e o próximo, viver a fé, a esperança e o amor no Espírito Santo. A compreensão teológica da comunicação no aconselhamento pastoral na base da Trindade permite diferenciar e relacionar o agir de Deus e do ser humano na comunicação. Deus pode utilizar a comunicação fragmentária e imperfeita do ser humano para comunicar o seu amor. O ser humano não é responsável pela comunicação de Deus, mas é chamado para correspondê-la por seu agir refletido no serviço de amor ao próximo (Schneider-Harpprecht, 2016, p. 319).

O ponto de contato entre este último modelo que tem como teórico principal Lothar Carlos Hoch com o modelo anterior preconizado por Howard Clinebell está na abertura para a interdisciplinaridade, em especial com a Psicologia e Sociologia. Nesse sentido ambos os modelos contribuem para a reflexão não fundamentalista quanto ao aconselhamento junto as pessoas com intenção suicida, pois a partir de seus aportes teóricos podem compreender o fenômeno do suicídio de forma mais abrangente. O modelo contextual de uma poimênica de libertação que valoriza o aconselhamento grupal pode, conforme, proposição de Fukumitsu contribuir ainda mais para com o aconselhamento junto as pessoas com intenção suicida.

2.2.3. O Aconselhamento Pastoral em diálogo com a Logoterapia

Em minha Dissertação de Mestrado, posteriormente publicada em livro com o título: *Aconselhamento Pastoral e Logoterapia: Convergências possíveis frente ao Suicídio*, procurei especificar como essa corrente psicológica pode contribuir para o aconselhamento pastoral junto as pessoas com intenção suicida, fazendo-as perceber que a despeito da dor e do sofrimento a vida vale a pena ser vivida.

Procurei na pesquisa relacionar os princípios logoterapêuticos e teológicos em prol de um aconselhamento que possibilitasse caminhos para a ressignificação da vida das pessoas que sofrem e se desesperam da vida. Após discorrer sobre os principais fundamentos da logoterapia foi possível perceber

que tais princípios se coadunavam com princípios do Evangelho, no sentido de apontar a autotranscendência³² para a superação da crise.

Assim, procurei destacar a possibilidade de aconselhar para valores criacionais, vivenciais, atitudinais e de forma mais abrangente para o sentido da vida que deve ser perseguido por aqueles e aquelas que sofrem. Hoch, no texto *A Contribuição da Logoterapia e da Resiliência para o Cuidado Pastoral dos que sofrem: Um diálogo inicial* reafirma a relevância da logoterapia para o aconselhamento pastoral por sua ênfase no sentido da vida que contribui para que o aconselhando aproprie-se da resiliência diante do sofrimento. Ele define resiliência como:

[...] a capacidade humana de extrair do íntimo do seu ser uma reserva extra de forças para superar dificuldades. É como se Deus tivesse colocado dentro de nós, no fundo da nossa alma, um tanque de reserva. E nós precisamos saber disso, acreditar nisso. Assim, quando achamos que o combustível da vida está no fim, saibamos que podemos contar com uma força extra, quase secreta, que habita em nós. Algumas pessoas não acreditam nessa força, não fazem uso dela, e por isso entregam os pontos muito cedo. Outras, em situações extremas, fazem uso dela e, para a surpresa de médicos e de psicólogos, saem curadas ou fortalecidas (Hoch, 2013, p. 386-387).

Anseio que em espaços acadêmicos a logoterapia seja considerada, por estudantes de Teologia que, ainda que não exclusivamente se ocuparão com o exercício do Aconselhamento. Este aconselhamento, deve se orientar pelos princípios bíblicos e teológicos, mas não pode desconsiderar a complexidade do ser humano que no decurso da vida pode experimentar o vazio existencial que por sua vez, pode culminar no suicídio, fenômeno mais bem compreendido por meio da logoterapia, bem como por meio de outros saberes não teológicos.

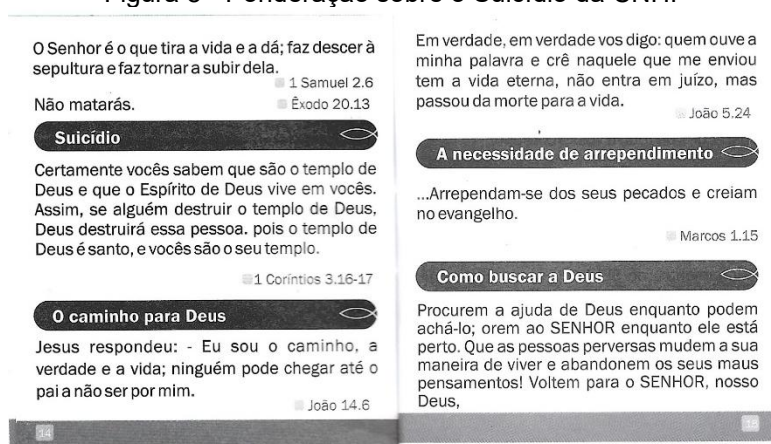
2.3. O Aconselhamento Pastoral na atualidade: Reminiscências da cosmovisão medieval quanto aos suicidas e seu destino

Eu estava de férias e resolvi visitar uma igreja em um culto dominical, ao final do culto depois de ser cumprimentado pelo pastor, presbíteros e alguns

³² Autotranscendência tem aqui o sentido de capacidade de olhar para além de si mesmo frente as frustrações existenciais.

membros da referida igreja, à porta de entrada me ofereceram o livreto mencionado acima. O livreto tinha por título: O que a Bíblia diz sobre: o amor de Deus, sucesso, medo, morte, vida eterna, esperança, salvação, corrupção, sexo, dor, paz, depressão, aborto, casamento, dinheiro, fé e outros. O livreto tinha por objetivo relacionar os temas supracitados com diferentes passagens bíblicas que deveriam orientar quanto a maneira correta de se lidar com os temas apresentados. Para a minha surpresa, a passagem de 1Co 3. 16-17 em epígrafe no início deste capítulo estava relacionada ao tema do suicídio.

Figura 8 - Ponderação sobre o Suicídio da CNHP



CNHP, 2009, p. 14

A postura adotada pela denominação que distribui o livreto gratuitamente por meio de suas igrejas, denota o pensamento ainda presente no evangelicalismo brasileiro de que os que cometem suicídio estão destinados ao inferno. O livreto se propõe obviamente a servir de guia orientador para aqueles que se encontram em crises das mais diversas, no que tange ao desejo de morrer, a orientação é objetiva e sem meios termos, se se matar, morrerá eternamente. Essa postura denominacional acaba por revelar os seus próprios caminhos para a prática do Aconselhamento Pastoral em situações de intenção suicida, caminhos que ainda hoje não conseguiram se desvincular do pensamento teológico medieval quanto ao tema do suicídio. Este pensamento teológico foi se estabelecendo a partir da construção de um imaginário do pós-morte que reservava um lugar para cada grupo de pessoas, incluindo os suicidas.

O que pretendo neste momento é demonstrar o quanto, ainda que subjetivamente, o imaginário teológico medieval, perdura e influencia as práticas de Cuidado e Aconselhamento Pastoral na atualidade. Para tal, reflito sobre algumas concepções medievais quanto ao inferno e ao imaginário que relegou ao suicida um local de sofrimento no pós-morte.

2.3.1. O Imaginário Medieval sobre o inferno e o destino dos que matam a si mesmos

George Minois, um estudioso das mentalidades, afirma que durante a alta Idade Média, estava sob a responsabilidades dos monges conferir ao inferno algumas concepções. Eles o faziam por meio de relatos de inúmeras viagens ao inferno que de certo modo alcançaram status de revelação. A partir da interação com o conteúdo destas viagens, eles elaboraram uma lista de pecados que levavam a danação eterna a suas correspondentes penas (Cf. Minois, 2023, p.59-60).

O inferno das viagens monásticas se popularizou de acordo com Minois no século XII, dentre as principais visões monásticas sobre o inferno Minois destaca “a do beneditino Alberico de Settefrati, por volta de 1130. Tendo entrado em coma, ele é erguido por uma pomba e guiado nos infernos por São Pedro e dois anjos” (Minois, 2023, p. 71). O Inferno de Dante Alighieri, com maior rigor literário e em diálogo com a Teologia Tomista, por certo, foi uma das representações de viagens ao inferno que influenciou o imaginário popular cristão. Na referida obra, sobre os que matam a si mesmo é dito:

Quando alguma alma se separa do seu corpo por sua própria vontade, Minós a manda para a sétima foz. De lá, cai nesta selva escura, brota como uma semente e cresce, até tornar-se um espinhoso arbusto. As Hárpias nutrem-se de nossos galhos e assim nos trazem eterna e intensa dor. Como os outros, um dia retornaremos para reaver nossos corpos, mas nunca mais poderemos vesti-los, pois, injusto seria que tivéssemos algo que rejeitamos. Nós os arrastaremos até aqui onde, nesta triste floresta, nossos corpos serão para sempre pendurados nos galhos de suas almas vis (Dante, Canto XIII, p. 40-42).

Figura 9 - Vale dos Suicidas



Fonte: A Divina Comédia de Dante Alighieri: Ilustração Gustave Doré

A partir dos relatos e imagem acima é possível se pensar na força do imaginário. Sobre o Imaginário, Danielle Perin Rocha Pitta descreve o pensamento de Gaston Bachelard:

Bachelard vai demonstrar que o imaginário, muito longe de ser a expressão de uma fantasia delirante, se desenvolve em torno de alguns grandes temas, algumas grandes imagens que constituem para o ser humano os núcleos em torno dos quais as outras imagens convergem e se organizam (Pitta, 2017, p. 19).

Por certo, o tema do destino do ser humano que atenta contra a própria vida constitui-se grande e nesse sentido, fundamenta e fomenta o imaginário. Em diálogo com o pensamento de Gilbert Durand, Pitta afirma o seguinte:

O imaginário pode ser considerado como essência do espírito, à medida que o “ato de criação (tanto artístico, como o de tornar algo significativo), é o impulso oriundo do ser (individual ou coletivo) completo (corpo, alma, sentimentos, sensibilidade, emoções), é a raiz de tudo aquilo que para o homem existe (Pitta, 2017, p. 20).

A questão que se deve levantar é o quanto o imaginário medieval quanto ao destino dos que cometem suicídio ainda permanece na atualidade e quais as implicações disso. A Teoria do Imaginário é uma área do conhecimento que vem se desenvolvendo a partir de teóricos como Bachelard, Durand dentre outros.

Nesse sentido é preciso ressaltar a diferença entre imaginário e imaginação que pode conduzir a fantasia. Para Clarissa De Franco “a fantasia pode ser um devaneio, uma invenção imaginativa, sem vínculo com o real, enquanto que o imaginário é constituído com base no real” (De Franco, 2010, p. 32). Essa imaginação fantasiosa quanto ao destino dos que se matavam fez com que a Igreja Medieval adotasse algumas medidas a fim de conter as mortes.

2.3.2. As reações eclesiásticas no medievo frente a realidade do suicídio

Em estudos anteriores destaquei que a *condenação* aos que praticavam o suicídio era o último estágio de persuasão eclesiástica para os vivos, sendo precedida pela *proibição e repressão*. Quanto a proibição, teólogos como Agostinho de Hipona e Tomas de Aquino foram extremamente importantes ao destacarem, concomitantemente que a morte de si mesmo era uma afronta ao preceito do decálogo:

Não é sem razão que é possível encontrar nos santos livros canônicos qualquer passo em que se preceitue ou se permita dar-mo-nos a morte, quer para evitarmos algum mal, quer mesmo para conseguirmos a imortalidade. Pelo contrário, devemos considerar-nos disso proibidos por este preceito da lei: **Não matarás** (Santo Agostinho, 1996, Cap. XX, p. 156 – grifo nosso).

Barbagli destaca que Agostinho se valeu do quinto mandamento para tentar conter a prática do suicídio ou morte voluntária por meio da argumentação de que quando Deus desejava transmitir mandamentos aos outros, ele “indicara-o de maneira explícita (“não prestarás falso testemunho contra teu próximo”). Portanto, o suicídio não era diferente do homicídio” (Barbagli, 2019, p.61).

Complementando o pensamento de Agostinho, Tomas de Aquino condenou o suicídio como uma afronta a dívida da vida que deve ser preservada, ao dizer:

Matar-se a si mesmo é absolutamente ilícito, por tríplice razão. Primeiro, porque naturalmente todas as coisas a si mesmas se amam; por isso é que todas naturalmente conservam o próprio ser e resistem, o mais que podem, ao que procura destruí-las. Portanto, quem se mata a si mesmo vai contra a inclinação natural e contra a caridade que todos a si mesmos se devem. Logo,

matar-se a si mesmo é sempre pecado mortal, por ser um ato contrário tanto à lei natural como à caridade. Segundo, porque qualquer parte, pelo que é, pertence ao todo. Ora, cada homem é parte da comunidade e, portanto, o que é da comunidade o é. Logo, matando-se um a si mesmo, comete uma injustiça contra a comunidade, como está claro no Filósofo. Terceiro, porque a vida é um dom divino feito ao homem e dependente do poder de Deus, que mata e faz viver. Logo, quem se priva a si mesmo, da vida, peca contra Deus; assim como quem mata um escravo alheio peca contra o dono do mesmo; e como também peca quem usurpa um juízo sobre uma coisa que lhe não foi confiada. Pois, só a Deus pertence julgar da morte e da vida, conforme aquilo da Escritura: Eu matarei e eu farei viver (Aquino, Questão 64, artigo 5, p. 2149).

Quanto a repressão, conforme explicitado anteriormente, o caminho elaborado pela igreja foi a penitência como forma de evitar ou superar o desespero que conduz ao suicídio. Barbagli destaca também algumas sanções sobre aqueles que tentavam o suicídio com o objetivo de evitar próximas tentativas exitosas, tais sanções poderiam indenizações, exílios, acoitamentos etc. (Cf. Barbagli, 2019, p. 50).

A condenação do suicídio, além dos suplícios dos corpos dos que cometiam suicídio (enforcamento no caso de homens e queima do corpo no caso de mulheres), o uso do inferno como uma espécie de pastoral do medo em que se buscava preservar a vida do desesperado ou de forma geral, regular a moralidade dos cristãos, logrou êxito no contexto medieval. Cabe ressaltar que apesar do êxito dessa espécie de pastoral do medo, houve em algumas circunstâncias efeito colateral à ênfase do inferno como destino daqueles que se matavam, pois como estratégia para preservar a alma, muitos que desejam cometer suicídio, cometiam crimes passíveis da pena capital, o que ficou conhecido como suicídio indireto. A este respeito Barbagli destaca:

De todo modo, ficou claro para os especialistas das leis humanas e divinas que nascera um novo crime da Europa. Em 1766, um respeitável jurista alemão, Karl Ferdinand Hommel, designou-o como “suicídio indireto” e atribuiu a culpa à pregação religiosa. “Pessoas de mau caráter”, escreveu ele, “que têm medo do inferno [...] tendo ouvido do púlpito que nenhum suicida pode se salvar, matam os filhos inocentes dos outros ou outras pessoas adultas (Barbagli, 2019, p.94).

A partir do iluminismo, os postulados da igreja quanto ao inferno começaram a ser questionados. Por exemplo, no Dicionário Filosófico, Voltaire descreve o verbete inferno como “uma invenção destinada a compensar as limitações da justiça humana” (Minois, 2023, p. 123). Minois destaca o pensamento de Diderot nos seguintes termos: “faz tempo que pedimos aos teólogos que conciliassem o dogma das penas eternas com a misericórdia infinita de Deus, e ele não fizeram nada” (Diderot, apud Minois, 2023, p. 123).

A despeito das concepções iluministas que possibilitaram maior abertura na reflexão sobre o inferno, impondo à igreja novas abordagens teológicas, no que tange a questão do suicídio, o recrudescimento teológico que orienta o Aconselhamento permanece em boa medida.

2.3.3. Influência do Imaginário e Teologia Medieval no Aconselhamento pastoral na atualidade

Para demonstrar a influência do imaginário e Teologia Medieval na prática do cuidado e aconselhamento pastoral na atualidade procurei verificar algumas literaturas proeminentes no cenário evangélico, sobretudo, em espaços mais conservadores.

Uma das obras consultadas foi de Jorge Linhares, escritor e pastor Batista, sob o título: *Suicídio*. A referida obra é composta por cinco capítulos que discorrem sequencialmente sobre: 1: o suicídio como um mal silencioso, mas presente; 2: os adolescentes e jovens, como principais “vítimas”; 3: suicídios na Bíblia; 4: o cristão que se mata perde a salvação?; 5: estendendo a mão e abrindo o coração. Destes capítulos, o de número quatro nos interpela, por ser aquele que descreve a opinião do autor quanto ao destino dos que praticam o suicídio.

De modo geral é possível perceber certa abertura no pensamento de Linhares em comparação as visões que ele apresenta como sendo historicamente defendidas pela religião, que são as seguintes:

- 1) Todo aquele que comete suicídio, sob qualquer circunstância, vai para o inferno (posição católica tradicional).
- 2) Um cristão nunca chega a cometer suicídio, porque Deus impediria.
- 3) Um cristão pode cometer suicídio, mas perderá a

salvação. 4) Um cristão pode cometer suicídio, sem que necessariamente perca sua salvação (Linhares, 2015, p. 56).

Em relação ao primeiro item da citação acima, cabe ressaltar que apesar da Declaração sobre a Eutanásia da Sagrada Congregação da Doutrina e Fé datado de 5 de maio de 1980, condenar veementemente o suicídio, o Padre Licio de Araujo Vale aponta que no Catecismo da Igreja Católica, publicado em 1992 há atenuantes: “distúrbios psíquicos graves, a angústia ou medo grave da provação, do sofrimento ou da tortura podem diminuir a responsabilidade do suicida” (Cf. Vale, 2018, p.78). Mais à frente Vale destaca outro ponto do Catecismo que abre a possibilidade de salvação para quem comete suicídio: “não se deve desesperar da salvação das pessoas que se mataram. Deus pode, por caminhos que só ele conhece, dar-lhes ocasião de um arrependimento salutar” (Cf. Vale, 2018, p.78).

Feitas as observações acima, a postura do autor parece se coadunar com o último item da citação, entretanto, perdura na postura teológica do autor, percepções que dialogam com o pensamento medieval quanto ao tema. Após reconhecer que nada pode nos separar do amor de Deus fazendo referência a Romanos 8.38-39, ele afirma: “O suicídio ainda é um grave pecado contra Deus. Segundo a Bíblia, **o suicídio é assassinato**; é sempre errado. Não há nenhuma circunstância que possa justificar que alguém, especialmente um cristão, tire a própria vida” (Linhares, 2015, p. 56 – grifo nosso).

Primeiro é preciso destacar que não há na Bíblia qualquer texto que caracterize o suicídio como assassinato. Na verdade, a relação entre suicídio e assassinato encontra seu embasamento na reflexão medieval e em especial, como já destacado a partir de Agostinho ao relacionar a morte de si mesmo com o mandamento do Decálogo – não matarás. Nesse sentido a afirmação de Linhares está, não exatamente relacionada a uma descrição bíblica, mas sim a uma interpretação que perpassa o imaginário cristão.

Ao ponto em que se percebe no autor, certa postura empática para com aqueles que cometem suicídio e que se despedem da vida por essa *porta de emergência*, termo que utilizo inspirado em Elizabeth Avelino Rabelo³³, e

³³ Termo utilizado pela autora em sua Tese de Doutorado sob o Título: Análise fenomenológica de cartas e bilhetes deixados por pessoas que se mataram.

ênfatiso, *defendo que essa porta jamais deveria ser aberta*, ele encerra o capítulo com a passagem bíblica descrita no início deste capítulo, “Se alguém destruir o Santuário de Deus, Deus o destruirá; porque o santuário de Deus, que sois vós, é sagrado (1Corintios 3.17)”. Há certo contrassenso na exposição do autor ao afirmar a incondicionalidade do amor divino e apresentar um versículo fora de contexto ³⁴ que objetiva, uma pastoral do medo nos moldes medievais, destacando que aquele que se destrói será destruído.

Em *Perguntas Básicas sobre Suicídio e Eutanásia – É certo praticá-los?* Texto produzido por várias autoras e autores americanos e publicado no Brasil pela Editora Cultura Cristã, a pergunta de número vinte aborda a questão do suicídio nos seguintes termos: O suicídio é um pecado imperdoável?

Ao responder essa pergunta, enfatizou-se a misericórdia de Deus que alcança pela fé todos os que creem na morte sacrificial de Jesus. Neste sentido, o suicídio como os demais pecados não seria impeditivo para a salvação desde que a pessoa que o cometeu confiasse “pessoalmente na morte de Cristo na cruz como forma de pagamentos pelos seus pecados” (Bevington et. al., 2004, p. 52). Entretanto, ao início e ao final de sua resposta se faz duas afirmações que tendem a condicionar o céu para quem comete suicídio. A primeira afirmação diz: “De fato, você não pode pedir perdão uma vez que está morto. Por ser o assassinato de si mesmo, o suicídio é pecaminoso” (Bevington et. al., 2004, p. 52), e a segunda afirma:

O suicídio é, normalmente, um ato privado; o que pode ter se passado do ponto de vista espiritual durante aqueles momento (sic) finais de desespero, só Deus sabe. Deus ouve as orações e o clamor de todos os que o buscam e é sempre fiel em responder a esses pedidos (Bevington et. al., 2004, p. 54).

Há nos excertos acima, ainda que de maneira muito subjetiva um condicionamento para a salvação de quem cometeu suicídio, o arrependimento

³⁴ O Contexto da referida passagem bíblica nada diz respeito ao suicídio e tampouco ao inferno. O apóstolo está na verdade exortando para que falsos mestres não destruam a comunhão na comunidade cristã que é tida como templo de Deus. Quem destrói essa comunhão será destruído. Sobre a referida passagem bíblica o biblista Luís Alonso Schökel afirma: “o novo templo não é um recinto, e sim a comunidade cristã; é consagrado, porque nele reside o Espírito. “Destruirá”: aplicação da lei de talião” (cf. Is 33.1). Mary Ann Getty, ao comentar a mesma passagem afirma: “Paulo repete aos seus leitores uma admoestação profética: se alguém destruir o templo de Deus (isto é, a união da comunidade), Deus destruirá essa pessoa (cf. Jo 2.19).

e pedido de perdão no momento derradeiro da morte. Neste caso a vida para além da morte, depende não apenas de Deus, mas também daquele que ao cometer tal ato no momento de desespero deve ser lembrado da inarredável necessidade de reservar alguns momentos para a confissão.

O Aconselhamento Pastoral no Brasil, se orienta, geralmente, por literaturas que servem de fundamentação teórica para as ações nas comunidades eclesiais ou mesmo em espaços não religiosos. Entretanto, é preciso questionar se as abordagens apresentadas nas diferentes literaturas não impõem mais peso àqueles e àquelas que em busca de ajuda espiritual não estão suportando o fardo da vida.

Geralmente as práticas de Aconselhamento Pastoral no Brasil se realizam tomando como parâmetro o modelo fundamentalista preconizado pelo teólogo norte-americano Jay E. Adams, mencionado anteriormente, que ignora a importância de outras áreas do conhecimento humano e defende o uso exclusivo da “Bíblia como único fundamento para conduzir a vida do cristão” (Schneider-Harpprecht, 2005, p. 303). Para Adams:

Também doenças psíquicas têm a sua raiz no pecado concreto da pessoa. O seu método é a conversação que confronta a pessoa com o mal que ela faz (alcoolismo, medo, falta de fé), a responsabiliza pelos seus atos e busca uma nova orientação. O aconselhamento pastoral educa a pessoa por meios diretos para que ela se aproxime do exemplo de Cristo (Schneider-Harpprecht, 2005, p. 303).

Adams expressa o *modus operandi* do aconselhamento pastoral no evangelicalismo brasileiro conservador, ainda que estes sejam permeados de discursos empáticos, em última instância, o aconselhando precisa ser exortado quanto as consequências danosas do suicídio, prevalecendo nestes espaços, a despeito do acolhimento que invariavelmente se tem, a Teologia do Medo.

Procurei neste capítulo discorrer, ainda que brevemente sobre a trajetória do Aconselhamento Pastoral, destacando em seguida o *modus operandi* deste aconselhamento a partir de diferentes correntes teológicas, sobretudo, em relação ao fenômeno do suicídio. A relevância da presente pesquisa se percebe no delineamento de novos possíveis caminhos para o Aconselhamento Pastoral junto aos sobreviventes do suicídio, não mais pela

lógica do medo tão predominante ainda no âmbito eclesial brasileiro, mas a partir da contribuição dos próprios sobreviventes e que assim são denominados por persistirem na vida apesar das intempéries. Essas narrativas que brotam do chão da vida de alguns sobreviventes e que por certo contribuem com a prática do cuidado e aconselhamento pastoral serão apresentadas no próximo capítulo.

3. QUERO TE OUVIR: AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS PELOS SOBREVIVENTES DO SUICÍDIO

O carcereiro despertou do sono e, vendo abertas as portas da prisão, puxando a espada, ia suicidar-se, pois pensou que os presos tinham fugido. Mas Paulo gritou bem alto: Não faça nenhum mal a si mesmo! Estamos todos aqui – Atos 16. 27-28.

Muitos se despendem da vida pela porta de emergência do suicídio por julgarem não haver solução para a crise, desespero ou vazio que enfrentam. Para viver é preciso que os sentidos se apresentem e a maneira pela qual os sentidos podem se apresentar é a preocupação deste capítulo em especial, mas da Tese como um todo.

Assim, neste capítulo minha preocupação em vista de um possível modelo de aconselhamento pastoral está em ouvir, aqueles que denomino de sobreviventes, por estarem ressignificando suas vidas a despeito do desejo de morte que os assolavam ou ainda assolam.

O termo sobrevivente é aplicado na literatura em especial às pessoas enlutadas pelo suicídio, sobretudo, a partir de autoras como Carla Fine e Karina Okajima Fukumitsu. No entanto, no âmbito desta Tese, utilizo expressão *Sobrevivente* para me referir aqueles e aquelas que tendo tentado o suicídio, não lograram êxito. Tal utilização também encontra amparo na literatura, sendo utilizado por Karen Scavacini no livro *História de Sobreviventes do Suicídio* sob a sua organização. No referido livro ao se referir à seleção dos textos que o comporiam Scavacini afirma:

Como se tratava do primeiro concurso literário do gênero, não sabíamos o que esperar, se teríamos muitos ou poucos trabalhos inscritos. Havia três categorias de trabalhos: I) **peças com comportamento suicida ou sobreviventes de tentativas**; II) sobreviventes enlutados pelo suicídio; e III) profissionais que precisaram lidar com o suicídio em algum momento de suas carreiras (Scavacini, 2018, p. 11 – grifo nosso).

Para os ouvir, aprendi que precisava não os julgar e tampouco analisar suas narrativas no sentido de serem elas factíveis ou não, escolher o que é interessante ou não ou o que é coerente ou não. Assim, antes de aproximar

destes sobreviventes e participantes da pesquisa, me aproximei da Pesquisa Narrativa como aporte teórico que me ajudou no caminho da aproximação e da construção conjunta do saber. É sobre essa pesquisa que trato inicialmente neste capítulo antes mesmo de apresentar o trabalho de campo e resultados que dele derivam.

3.1. Fundamentação Teórica da Pesquisa Narrativa

A possibilidade da Pesquisa Narrativa em minha Tese de Doutorado se apresentou em decorrência da Disciplina Eletiva de Doutorado - *Pesquisa Narrativa: Uma epistemologia em construção*, ministrada pela Professora Doutora Adriana Barroso. Apesar de ser uma disciplina pertencente ao Programa de Educação intuía que deveria cursá-la e com anuência da minha orientadora à época, Professora Doutora Blanches de Paula realizei devidamente a matrícula.

A Pesquisa Narrativa alcançou tamanha relevância na pesquisa apresentada que os seus pressupostos emolduram inclusive a linguagem em primeira pessoa comumente utilizada na Tese, pois “nós – os seres humanos – somos organismos contadores de histórias, organismos que, individualmente e socialmente, vivemos vidas relatadas” (Connelly e Clandinin, apud Aragão, 2011, p. 14). Ao longo deste capítulo procurarei apresentar os pressupostos da Pesquisa Narrativa como epistemologia ainda em construção para que no capítulo posterior possa estabelecer de maneira aprofundada a relação desta com a temática proposta da Tese, sobretudo, a partir das histórias vividas e narradas.

3.1.1. A Pesquisa Narrativa como epistemologia em construção

D. Jean Clandinin e F. Michael Connelly são referências na contemporaneidade quanto a Pesquisa Narrativa, mas os próprios autores supracitados deixam entrever a permanente construção deste saber ao descreverem a trajetória de outros autores/pesquisadores na Pesquisa Narrativa

que de certo modo acabaram por influenciar a concepção que eles próprios formulam desta epistemologia em construção.

Em *Pesquisa Narrativa: Experiência e História em Pesquisa Qualitativa* Clandinin e Connelly apresentam teóricos de diferentes epistemologias como Antropologia, Psiquiatria, Psicologia etc. para fundamentar que a despeito dos diferentes campos, a Pesquisa Narrativa ou com Narrativas evidencia-se promissora na contemporaneidade. A relevância da Pesquisa Narrativa e a sua abrangência interdisciplinar é explicitada por Aragão ao afirmar que:

A narrativa ocupa um lugar importante nas mais variadas disciplinas ou campos de saber, talvez porque narrar seja inerente ao ser humano, como eu já disse. Isto quer dizer que narrar constitui uma estrutura fundamental da experiência humana vivida e da comunicação dos seres humanos uns com os outros (Aragão, 2011, p. 15).

As considerações de Aragão convergem com o pensamento de Ricoeur, que contraria a tese de que “as histórias são narradas e não vividas; a vida é vivida e não narrada” (Ricoeur, 2010, p. 197), Paul Ricoeur, defende que uma “vida é apenas um fenômeno biológico enquanto não é interpretada” (Ricoeur, 2010, p. 197), e essa interpretação, ou seja, este processo hermenêutico é devedor da nossa *identidade narrativa*, que aponta para a estrutura fundamental da experiência humana vivida, que é a própria capacidade de narrar, conforme afirmado anteriormente por Aragão. Ao cunhar o termo *identidade narrativa* Ricoeur afirma o seguinte:

Nesse sentido, a compreensão de nós mesmos apresenta os mesmos traços de tradicionalidade que a compreensão de uma obra literária. É assim que aprendemos a nos tornar o narrador da nossa própria história sem que nos tornemos inteiramente o autor de nossa vida. Poder-se-ia dizer que nos aplicamos a nós mesmos o conceito de vozes narrativas que constituem as sinfonias das grandes obras, tais como epopeias, tragédias, dramas, romances (Ricoeur, 2010, p. 210).

A identidade narrativa diz respeito, portanto, a essência do ser que só pode se compreender plenamente a partir da narrativa, ou seja, se

considerarmos a episteme do termo *gnarrare*³⁵, do conhecimento de si mesmo. Entretanto, a despeito da episteme anteriormente apresentada e das várias conceituações do que seria a Narrativa, os pesquisadores narrativos não se ocupam da definição de narrativa, mas sim, da narrativa em si (Cf. Clandinin e Connelly, 1999, p. 84). A narrativa permite a interpretação hermenêutica que objetiva a elucidação de sentido ou sentidos para o viver, assim Josgrilberg afirma:

[...] a hermenêutica trata dos desdobramentos possíveis e de trazer à tona camadas de sentido que um texto encarna. Ainda que não adotamos a interpretação única ou a verdadeira, as interpretações seguem possibilidades que obedecem a normas que controlam o sentido, e as interpretações podem ser complementares ou mesmo conflitantes, sem perderem a razoabilidade da discussão (Josgrilberg, 2024, p. 171).

Ainda sobre a prática narrativa nas diferentes epistemologias Clandinin e Connelly destacam o processo construtivo em que se encontra a própria Pesquisa Narrativa nas palavras de um dos teóricos com os quais dialogam, nos seguintes termos:

Polkinghorne acredita que a pesquisa narrativa é pesquisa que “ainda está em seu estágio inicial. Isso porque inclui dimensão temporal em sua estrutura de organização e é muito diferente da organização formal que põe os “fatos em categoria” (p. 184)” (Clandinin e Connelly, 1999, p. 46).

O caráter ainda construtivo da Pesquisa Narrativa enquanto epistemologia se evidencia, por exemplo, no texto de Maria Isabel da Cunha, considerada, conforme Azevedo et al. (2021, p. 76) uma das pioneiras da divulgação da metodologia no Brasil. Cunha afirma que “constantemente temos usado o expediente das narrativas, tanto em situações de pesquisa como de ensino e observado os processos vividos pelos envolvidos” (Cunha, 1977, p. 186). Aos *processos vividos* supracitados denomina-se de experiência, condição a que se chega por meio do contar e recontar das histórias de vida. Nesse sentido é que Clandinin e Connelly enfatizam que “narrativa é o melhor modo de

³⁵ Lembremos aqui que a palavra narrativa vem do grego *gnarrare*, que seria um modo de manifestar conhecimento, ou seja, tem a mesma raiz de *gnose*, que seria conhecimento (Santos, 2022, p. 58).

representar e entender a experiência” (Clandinin e Connelly, 1999, p. 48), conceito que abordaremos brevemente a seguir.

3.1.2. O conceito de experiência a partir da Pesquisa Narrativa

Clandinin e Connelly discorrem sobre o que entendem por Pesquisa Narrativa de forma mais abrangente na obra, *Pesquisa Narrativa: Experiência e História em Pesquisa Qualitativa*. Na referida obra, ao conceituarem a Pesquisa Narrativa de forma introdutória os autores destacam a sua relação com a experiência nos seguintes termos:

Pesquisa narrativa é uma forma de compreender a **experiência**. É um tipo de colaboração entre pesquisador e participantes, ao longo de um tempo, em um lugar ou série de lugares, e em interação com o milieuso. Um pesquisador entra nessa matriz no durante e progride no mesmo espírito, concluindo a pesquisa ainda no meio do viver e do contar, do reviver e recontar, as histórias de experiências que compuseram as vidas das pessoas, em ambas perspectivas: individual e social. [...] pesquisa narrativa são histórias vividas e contadas (Clandinin e Connelly, 1999, p. 51 – grifo nosso).

Por meio da Pesquisa Narrativa que pode se valer dos mais variados textos de campo³⁶ que posteriormente são transformados em textos de pesquisa, pretende-se compreender a experiência por meio do viver e do contar, do reviver e recontar, como explicitado acima. Clandinin e Connelly não deixam de destacar a influência de John Dewey exerce em suas pesquisas, inclusive no que diz respeito ao conceito de experiência:

Experiencia é um termo chave nessas diversas pesquisas. Para nós, Dewey transforma o termo comum, experiência, de nossa linguagem de educadores, em um termo de pesquisa e, assim, nos dá um termo que permite um melhor entendimento da vida no campo da Educação (Clandinin e Connelly, 1999, p. 30).

³⁶ Clandinin e Connelly discorrem sobre os mais variados e possíveis textos de campo. Apresentam, por exemplo, a escrita de diário, escrita autobiográfica, cartas, conversas gravadas, entrevistas, história de família, experiência de vida e fotografias como textos de campo. Entretanto, não pretendem esgotar as possibilidades, por isso, afirmam que encorajam outros pesquisadores narrativos, e eles próprios a estarem abertos para as possibilidades imaginativas para compor textos de campo (Cf. Clandinin e Connelly, 1999, p. 160).

Na obra *Vida e Educação* que apresenta dois ensaios do pensamento de John Dewey sobre a temática que envolve a escola e o processo de ensino-aprendizagem, Anísio Teixeira que foi discípulo de Dewey apresenta a *Pedagogia de Dewey* como estudo introdutório de onde extraio e compartilho o conceito de experiência que permeia a Pesquisa Narrativa. Na tabela 01 apresentada a seguir compartilho o que Clandinin e Connelly descrevem como arcabouço de pesquisa a partir da visão deweyana de experiência.

Tabela 2 - Visão Deweyana da experiência

Visão Deweyana da experiência	Continuidade	Interação	Situação
Espaço tridimensional da investigação narrativa	Passado, presente e Futuro - 1ª Dimensão	Pessoal e Social - 2ª Dimensão	Noção de Lugar - 3ª Dimensão
Direções da investigação narrativa	Retrospectiva e prospectiva	Introspectiva	Extrospectiva

Adaptado: Clandinin e Connelly, 1999, p. 85

A partir dos conceitos, “*continuidade, interação e situação*”³⁷ que explicitam a visão de Dewey quanto a experiência, Clandinin e Connelly formulam o espaço tridimensional da investigação narrativa onde a *continuidade* está relacionada a primeira dimensão que diz respeito a temporalidade (passado, presente e futuro) e as duas, das quatro direções da investigação narrativa explicitadas da seguinte forma “Por retrospectiva e prospectiva, referimo-nos à temporalidade passado, presente e futuro (Clandinin e Connelly, 2011, p. 85). A *interação* está relacionada a segunda dimensão que diz respeito ao aspecto pessoal e social e por conseguinte à direção introspectiva explicitada da seguinte forma “Por introspectiva, queremos dizer em direção às condições internas, tais como sentimentos, esperanças, reações estéticas e disposições morais (Clandinin e Connelly, 2011, p. 85). Por fim, a *situação* está relacionada a terceira dimensão que diz respeito a noção de lugar que corresponde a direção

³⁷ Ao analisar a pedagogia de Dewey, Anísio Teixeira afirma que a experiência se estabelece a partir **interação** entre agente e **situação** que por sua vez gerará novo agente e nova situação, apontando assim, para o processo sempre **contínuo** da experiência. A experiência ocorrerá de maneira significativa quando nessa interação houver percepção das modificações que se processam entre agente e situação. (Cf. Teixeira, 2010, p.36).

extrospectiva que se refere “às condições existenciais, isto é, o meio ambiente” (Clandinin e Connelly, 2011, p. 85).

A partir dos conceitos de *continuidade, interação e situação*, bem como, do arcabouço da pesquisa narrativa que deles decorrem, o que se pode entrever é o aspecto singular e irrepetível de cada experiência, tendo em vista a sua relação com tantos fatores que não permite conferir a experiência um caráter estático e permanente.

A despeito de os autores mencionados até aqui para fundamentar a Pesquisa Narrativa serem da área da Educação, a metodologia não se restringe a esta importante área, pelo contrário, ela está a serviço de outras áreas do conhecimento humano, cujos pesquisadores pretendem transpor o formalismo tão presente nas produções sob égide de uma objetividade que pretende dar conta do objeto de estudo. Nesse sentido, Franco Ferraroti afirma que, “Há muito tempo tinha a impressão de que essas investigações, se bem que rigorosas do ponto de vista metodológico-formal, consideravam geralmente resolvidos problemas que nem sequer tinham sido abordados” (Ferraroti, 2010, p. 35).

A respeito do formalismo mencionado acima, Clandinin e Connelly destacam que muitos pesquisadores narrativos iniciantes se prendem à exposição de construtos teóricos para posicionar e começar suas pesquisas (Cf. Clandinin e Connelly, 1999, p. 74), mas sem desconsiderar a importância da fundamentação teórica eles ressaltam que a “pesquisa narrativa começa, caracteristicamente, com a narrativa do pesquisador orientada autobiograficamente, associada ao puzzle (enigma) da pesquisa, denominado, por alguns como problema de pesquisa” (Clandinin e Connelly, 1999, p. 74). Dito de outra maneira, é preciso demonstrar ao leitor, porque o tema pesquisado e ou o problema apresentado é pertinente ao pesquisador, como e quando a pesquisa e o pesquisador se entrelaçam narrativamente.

De igual modo, o que proponho a partir da Pesquisa Narrativa enquanto metodologia é transpor o formalismo que por vezes no trato de tudo quanto afeta o humano acaba por ignorar a subjetividade do próprio ser humano que apenas no compartilhar do vivido pode ser plenamente compreendido por meio da experiência vivida, narrada, revivida e recontada. No campo do Aconselhamento

Pastoral, como sub-área da Teologia Prática, pouco se tem refletido sobre o aconselhamento junto as pessoas com intenção suicida ou que já tentaram cometer suicídio, nesse sentido, para além dos importantes arcabouços teóricos, entendo ser de suma importância ouvir e ou ler narrativas que apresentem o vivido por aqueles que no que tange ao objetivo da Tese deixam de ser objetos de pesquisa e se tornam protagonistas, participantes e parceiros na pesquisa.

Portanto, com o objetivo de estabelecer caminhos efetivos para o Cuidado e Aconselhamento Psicopastoral é que me aproximei da Pesquisa Narrativa enquanto metodologia qualitativa para a partir das experiências vividas e narradas estabelecer uma interpretação hermenêutica. Diferentemente de outras propostas metodológicas, como análise de conteúdo, por exemplo, a Pesquisa Narrativa se ocupa do sujeito narrativo e das suas próprias experiências e ressignificação do viver enquanto sobrevivente, ou seja, importa mais a interpretação hermenêutica do experienciado e compartilhado do que as buscas por verdades absolutas e generalizantes. Dentro destes limites que pretendo transitar: entre a vivência e a linguagem, entre o acontecimento e a significação dadas pelos próprios participantes.

3.1.3. O campo como lugar de pesquisa e experiências no viver, contar, recontar e reviver de histórias

Rememoro as aulas com a Professora Adriana Barroso, no primeiro encontro daquela Eletiva do Programa de Educação, a Professora Adriana quis nos ouvir e para isso introduziu a seguinte pergunta que serviria de start para nossas possíveis respostas ou como aprenderia, narrativas: “por que pesquisar sobre este tema é importante para você? Como você chegou a este tema?”. A Professora Adriana estava nos dando a oportunidade de refletir com maior profundidade sobre o porquê das nossas pesquisas e no meu caso em particular, sobre o tema do Suicídio e Aconselhamento Pastoral.

Ao divagar sobre minhas motivações, fui me dando conta de que a minha relação com a temática era mais profunda que previa, mesmo durante o mestrado. E foi aquela indagação inicial, num espaço seguro que me encorajou a descrever a autobiografia e introdução desta Tese, tal como estão. Consegui

perceber que se o tema não fosse profundamente importante para mim, não seria para as outras pessoas também. Pois como destacam Clandinin e Connelly:

Um dos pontos de partida na pesquisa narrativa é a própria narrativa de experiências do pesquisador, sua autobiografia. Esta tarefa de compor nossas próprias narrativas e experiências é central para a pesquisa narrativa. A partir dela, dizemos que é possível compormos narrativas introdutórias conforme o pesquisador começa seu trabalho (Clandinin e Connelly, 2011, p. 85).

Esta clareza e respeito pela minha própria trajetória me ajuda e ajudam os pesquisadores narrativos a se aproximarem de outras narrativas, ou seja, do campo de pesquisa, buscando delinear possíveis encontros e ligações entre elas (Cf. Clandinin e Connelly, 2011, p. 107).

Na interação entre pesquisador e participante, como trazemos conosco nossas experiências explicitadas pelas narrativas nos vemos desafiados para “um processo reflexivo entre o viver, contar, reviver e recontar de uma história de vida” (Clandinin e Connelly, 2011, p. 108) na constante construção de narrativas de experiências vividas. É tendo em mente os postulados da Pesquisa Narrativa, explicitados aqui, ainda que brevemente que desejo me aproximar dos sobreviventes e participantes/parceiros nesta pesquisa.

3.2. Narrativas das experiências vividas pelos sobreviventes ao suicídio

A pesquisa de campo requer do pesquisador e pesquisadora uma série de cuidados e por isso mesmo, obrigações legais. Antes mesmo de contatar possíveis participantes, tive que na condição de pesquisador, submeter o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética da Universidade Metodista de São Paulo por meio da Plataforma Brasil. Tendo cumprido todas as exigências necessárias para que pudesse dar início efetivamente a pesquisa de campo iniciei o processo de entrevistas com aqueles que livremente aceitaram participar. Três pessoas foram escolhidas para a participação, as quais concordaram com o Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e receberam pseudônimos para fins de preservação da identidade.

Os participantes foram esclarecidos quanto ao termo do TCLE, sobretudo, no que diz respeito ao protocolo de manejo de risco. Por se tratar de tema sensível foi ofertado aos participantes apoio psicológico em caso de necessidade. Nesse sentido, caso fosse necessário, o encaminhamento/acompanhamento seria realizado no Núcleo de Psicologia, situado na Policlínica da Universidade Metodista de São Paulo. Foi esclarecido que a Universidade Metodista de São Paulo e o pesquisador seriam responsáveis pela assistência integral e imediata ao participante da pesquisa no que se refere às complicações e danos decorrentes da pesquisa, conforme Resolução 466/2012.

No que diz respeito aos critérios de inclusão ficou estabelecido que os participantes deveriam se declarar sobreviventes do suicídio, bem como, emocionalmente saudáveis para participação da pesquisa. De igual modo, deveriam ser membros de igrejas cristãs, preferencialmente de alguma igreja Protestante Histórica e por fim, deveriam concordar plenamente com os termos do TCLE.

Devo destacar que dos três participantes os dois primeiros entrevistados possuíam maior proximidade comigo enquanto figura pastoral, sendo inclusive aconselhados por mim, em diferentes momentos da vida. Ambos, ao saberem da pesquisa e da necessidade que eu, enquanto pesquisador teria de participantes, se dispuseram a participar sabendo que estariam de alguma forma contribuindo para os resultados práticos da pesquisa. A terceira participante tomou conhecimento da necessidade de participantes para a pesquisa, por meio da minha esposa, por haver certa proximidade entre elas, essa proximidade permitiu que em algum momento o tema do suicídio e da minha pesquisa viessem à tona em suas conversas ocasionais. Imediatamente ela se prontificou a participar, pois gostaria muito de contribuir com a sua experiência.

A proximidade com os participantes acentuou ainda mais minha responsabilidade diante deles e diante das suas experiências vividas e narradas, experiências marcadas pela dor, pelo receio e felizmente pela constante

superação. Transcrevo a seguir as entrevistas em sua essência retirando apenas alguns vícios de linguagem, entretanto, respeitando o uso por vezes coloquial da linguagem.

3.2.1. Entrevista com o participante Antônio Carlos (Participante 01)

O Antônio Carlos é um jovem de dezoito anos que tentou o suicídio por meio da ingestão de medicamentos. No Formulário destinado aos participantes, o Antônio Carlos se declarou de cor branca, homem cisgênero, pertencente a igreja protestante e com Ensino Médio completo. Essas informações se fazem necessárias para conhecimento do perfil dos participantes e sobreviventes do suicídio.

Iniciamos a entrevista às 19 horas como havíamos acordado. Percebi certo desconforto inicial do Antônio Carlos e procurei contornar a situação compartilhando um pouco da minha trajetória acadêmica e relação com o tema do suicídio desde o mestrado, buscando demonstrar a importância de se estudar o fenômeno por ser um tabu e o quanto estava agradecido por ter decidido participar da pesquisa como sobrevivente do suicídio.

O Antônio Carlos se mostrou disponível em responder as perguntas propostas para a entrevista semiestruturada, mas com dificuldade em discorrer de forma objetiva sobre o que estava sendo perguntado o que me levou a outras perguntas com o objetivo de maior fluidez na entrevista. Em diversos momentos percebi pausas reflexivas diante das perguntas, o que poderia significar a necessidade de rememorar experiências ou mesmo cuidado para não verbalizar todas.

Esperava que a entrevista durasse em média 40 minutos conforme proposto, mas diante da postura sucinta do Antônio Carlos encerramos a entrevista e convidei o Antônio Carlos para nova entrevista caso ele sentisse necessidade de compartilhar algo que desejasse. Segue abaixo a transcrição da entrevista:

Pesquisador: Antônio Carlos, primeiro quero te agradecer pela sua disponibilidade em participar desta pesquisa e desta entrevista como sobrevivente do suicídio. Como você ressignificou ou está ressignificando a sua vida após a tentativa de suicídio?

Participante: Silêncio.

Pesquisador: Deixa eu tentar ajudar. O que te levou num primeiro momento a pensar nessa possibilidade do suicídio e levar à sua tentativa?

Participante: Pior que eu não sei direito, não tenho certeza do que me levou a isso. Eu acho que não sei, eu só falo que estava cansado de tudo e quis por fim.

Pesquisador: Não tinha um motivo claro e objetivo?

Participante: Eu acho que não.

Pesquisador: E de onde vinha essa sensação de cansaço?

Participante: Eu acho que pegava um pouco de tudo no meu cotidiano. Escola, também estava... Era, ensino médio. Eu acho que... Tipo, coisas... Nossa, eu não tinha parado para pensar. Não sei, eu acho que estava me sentindo tipo... Como se estivesse vivendo no automático. Como se nada acontecesse, era algo novo, algo diferente. Algo que valesse a pena viver aquilo. Então, para mim não tinha nada que valesse a pena estar vivendo. Então, eu queria não viver mais.

Pesquisador: Entendi. Então, a partir dessa experiência, vamos dizer assim, de desilusão com a vida, o que mudou? Porque você, Antônio Carlos, está vivo. O que mudou?

Participante: Mudou que eu me apeguei mais às pessoas que me apoiaram. Eu também comecei a ter planos para o futuro, planos de carreira, planos profissionais. E... Certamente, agora estou me relacionando... Agora tenho uma namorada também, né? Isso também me ajuda a ter um plano a mais, um objetivo a mais na minha vida.

Pesquisador: Entendi. Então, você considera que o fato de ter uma pessoa contribui para dar sentido à vida?

Participante: Acho que sim.

Pesquisador: O fato de ter projetos, sonhos, metas, contribui para dar sentido à vida?

Participante: Acho que sim. Contribui. É que é tipo... Acho que preenche o vazio que eu sentia.

Pesquisador: Você falou de vazio. Dá para explicar esse vazio ou não?

Participante: Não sei, tipo... Acho que é mais aquele negócio que eu falei, que nada vale a pena viver então... Eu me sentia, sei lá, perdido dentro de mim mesmo. Eu me sentia um estrangeiro em mim mesmo, perdido. Para mim, dentro de mim não tinha nada. Era só vazio, não sentia nada. Eu não tinha vontade de nada. Não sei explicar direito.

Pesquisador: Está ótimo. Qual foi a influência da espiritualidade³⁸ neste processo de resignificação da vida? Da igreja de modo geral. Você falou que é membro de uma igreja tradicional (Histórica). De que maneira a sua espiritualidade na igreja ou fora dela contribuiu para resignificar a vida? Se teve alguma influência ou se não teve?

Participante: Acho que teve, porque... O pessoal da igreja que me apoiou mais mesmo, alguns amigos, o pastor lá. Não sei, porque essa época também estava... Meio perdido também em relação à fé, essas coisas. Também não tinha certeza no que eu acreditava, no que para mim era o certo. Então, eu acredito que... Não sei, a igreja foi uma base para eu estar aqui hoje ainda.

Pesquisador: Quando você fala da espiritualidade, lá naquele tempo em que você pensou em tirar a própria vida, você ainda estava confuso em relação à sua espiritualidade?

Participante: Acredito que hoje, atualmente, eu ainda não tenho certeza absoluta do que eu acredito, mas eu acho que está mais encaminhado.

³⁸ Espiritualidade é um termo amplo que extrapola os limites da religião ou religiosidade, entretanto, no âmbito das entrevistas aos sobreviventes o termo foi utilizado referindo-se a relevância da religião para o desenvolvimento da espiritualidade e conseqüentemente a relevância desta para a resignificação do viver.

Pesquisador: De que maneira o fato de ter pessoas que professam a mesma fé que você, estando ao seu lado, te dando suporte, de que maneira isso fez a diferença?

Participante: Eu posso falar especialmente de uma amiga minha na igreja?

Pesquisador: Claro!

Participante: Como eu tinha esse problema com a fé, eu tinha... Acho que era mais por causa da... Acho que a rixa que tem com a ciência, de coisas que têm mais uma explicação e coisas que não têm tanta explicação. Acho que isso também contribuía para o que eu acreditava. Mas tinha uma pessoa que... Acreditava, acredita, mas acho que foi a primeira pessoa que eu conversei e me ouviu sobre isso. Foi a primeira pessoa que me entendeu e me ajudou também. Acho que estou me perdendo um pouco da pergunta. Qual era a pergunta mesmo?

Pesquisador: A pergunta é: em que sentido a presença de pessoas com a mesma espiritualidade que você, de que maneira essas pessoas contribuíram para você ressignificar a vida? O que significa a igreja ter sido uma base para você?

Participante: Significa que... Tipo, que eles estiveram comigo, me apoiaram, vieram... Falaram comigo, vieram... Queriam me ajudar de verdade. E ainda me ajudam, né? Eles também me ajudaram com psicóloga, quando faço acompanhamento. E acho que só uma coisa mesmo, o mais importante foi o carinho, a atenção que me deram. Me acolheram, me ouviram. Fez-me me sentir acolhido, sabe?

Pesquisador: Antônio Carlos, a gente sabe que tratar desse tema do suicídio, do fenômeno do suicídio, dentro da instituição religiosa, é um tema de cunho moral. Em algum momento você sentiu preconceito por parte de algumas pessoas em relação a isso?

Participante: Acho que não. Pelo menos não que eu senti, não na minha cara, mas... que eu saiba, não.

3.2.2. Entrevista com o participante José (participante 02)

O participante José é um homem cisgênero com 34 anos. Ele se declarou pardo, participante de igreja protestante e com Ensino Fundamental completo. O José se mostrou muito à vontade durante todo o momento da entrevista. Com uma postura muito séria, procurou descrever de forma cronológica suas experiências de vida, discorrendo sobre os fatos mais importantes que levaram às tentativas e à superação das tentativas de suicídio, fazendo dele um sobrevivente. No decorrer da entrevista, ao relatar os episódios de internação clínica pude perceber certo descontentamento em seu semblante, o que ficou evidente também ao verbalizar o ódio que sentia. O José me pareceu estar muito determinado a viver a despeito dos problemas, (termo utilizado com frequência), que a vida pode reservar. Se mostrou contente pela participação ao saber que o intuito seria ajudar no aconselhamento de outras pessoas sobreviventes do suicídio. Segue abaixo a transcrição da entrevista:

Pesquisador: *Muito bem. Primeiro, eu quero te agradecer, José, pela disposição em participar desta pesquisa da Tese de doutorado. Você preencheu o formulário a respeito da entrevista de participantes como sobreviventes do suicídio, e nós vamos bater um papo aqui, de maneira bem livre, você fique à vontade para se expressar, sobre o que te levou à tentativa de suicídio, essa é a primeira pergunta que eu faço. O que te levou a essa tentativa?*

Participante: *Boa noite. O que me levou a essa tentativa foi o problema com o álcool. Eu comecei a beber muito jovem, com 14, 15 anos. Com 18 anos eu já era viciado, mas não sabia ainda que eu era viciado, que eu tinha um problema. Eu já não conseguia ficar um único final de semana sem beber, e aos 18 anos eu perdi o meu pai. Eu confortava essa dor, procurava refúgio para esse problema no álcool, e aí foi piorando.*

A tendência foi só piorar, piorar, piorar. Passou o tempo, as coisas ficaram mais críticas, eu me envolvi em problemas, perdi uma pessoa que eu amava muito também, que era minha ex-namorada. E o problema foi só aumentando, aumentando.

Eu vim para São Paulo há 13 anos atrás, cheguei em São Paulo, o problema com o alcoolismo começou a interferir no trabalho, e perdi o emprego, e não conseguia mais ficar firme em emprego nenhum. E o problema só aumentando. Chegava a data de pagamento, pegava o pagamento, já sabia que tinha problema com o álcool, só que já não tinha controle mais.

Pegava o pagamento e gastava, pegava o vale-transporte e gastava, faltava no emprego. E não ouvia ninguém, brigava com os chefes, com o encarregado, com o líder, brigava com a família que não queria aceitar que tinha esse problema. E aí vieram outros problemas maiores.

Era internação em clínica de reabilitação, onde eu também não aceitava ficar preso, privado da minha liberdade, ficava com muita raiva, muito ódio, e quando eu saía, bebia de novo. No final de semana, eu achava que eu podia beber um gole e uma latinha só. E aí eu saía, bebia de novo, e o problema voltava e voltava pior.

Com o passar do tempo, depois de 5, 6 internações, eu não tinha controle, saía da clínica, passava 15, 20 dias, bebia de novo. E toda vez que eu bebia, vinha a depressão, vinha a tristeza, e aí eu sabia que o pessoal da clínica que ia me buscar, que minha família ia chamar, e eu não tinha um jeito de resolver esse problema, porque eu não conseguia parar de beber, eu achava que eu podia beber uma latinha, e eu achava que eu podia estar nos ambientes onde tinha isso, em festa, em boteco, em barzinho, e, conseqüentemente, sempre voltava de novo o mesmo problema. Eu encontrava um amigo antigo, eles bebiam cerveja, bebiam vinho, e aí sempre voltava o problema do álcool.

Passou um dia, eu arrumei um bico (trabalho informal), fui fazer o bico, peguei um dinheiro emprestado com a minha mãe para fazer esse bico. Esse dinheiro que eu peguei emprestado para pagar a passagem, eu já bebi, fui fazer o bico já mal, e aí eu fiz o trabalho, recebi pelo trabalho, não paguei a pessoa que me emprestou o dinheiro, que no caso foi a minha mãe, cheguei em casa de madrugada, bêbado, sem dinheiro, e arrependido pelo que tinha feito. E aí ali foi a primeira tentativa de suicídio.

Eu peguei uma cartela de remédio, bebi, eu sabia que ia dar problema, se eu bebesse o remédio todo com a bebida, e eu bebi. Ali foi a primeira tentativa de suicídio. E aí o problema só se arrastou, só se agravou, se agravou, se agravou, e o meu último plano era explodir a casa com eu dentro.

Pegar o dinheiro do auxílio e encher a casa de gasolina, lacrar a janela, a porta e tudo, e explodir a casa comigo dentro. E aí era o único jeito de resolver o problema, porque eu não conseguia parar de beber, tirar a bebida da minha vida, assim, 100%. Sempre tinha um cigarro, sempre tinha um vinho, sempre tinha uma latinha, uma cerveja sem álcool, e isso aí que me induzia à queda.

E toda queda era sempre uma pior que a outra. Até um dia que eu parei pra ver, eu falei, se eu fizer isso, eu vou resolver o meu problema. Só que, e a minha mãe? Ela que me gerou, ela que me botou no mundo, ela que cuidou de mim até aqui, e eu vou fazer um negócio desse, eu vou explodir a minha casa, junto com a minha casa vai a casa dela, e ainda o sentimento vai ficar no coração dela, aquela sensação de incapacidade de não ter conseguido me ajudar, de ter permitido que isso acontecesse.

E a partir desse dia eu resolvi mudar de lá, nunca mais botar bebida na minha boca, nunca mais fumar, nunca mais estar envolvido onde tem essas coisas. E eu mudei de lá, mudei de lá há dois anos, nunca mais eu bebi nenhum gole de bebida nenhuma, nem cerveja sem álcool, nem vinho, nada do tipo. Nunca mais fumei, nunca mais tive nenhum tipo de problema com esse tipo de coisa.

Só os problemas normais da vida que a gente tem, mas com bebida nunca mais eu tive problema, nunca mais eu tive vontade de tirar a minha vida. Hoje eu estou frequentando a igreja, que é o lugar onde não tem assuntos relacionados à bebida, e é lá que eu estou encontrando a minha base, o meu alicerce, o lugar seguro que ninguém vai me induzir a me desviar do meu caminho. Então, essa foi a minha história.

Espero que seja de exemplo para quem passa por esse tipo de problema, para quem tem esse tipo de problema, procura uma ajuda e não consegue. Espero que ajude mais pessoas. É isso.

Pesquisador: *Muito bem, José. Obrigado pelo seu depoimento. Me parece, então, que tem uma série de fatores, a perda do seu pai, depois a perda de uma namorada, depois o uso de bebidas, e isso levou à tentativa, uma primeira tentativa e depois um segundo pensamento que não teve tentativa.*

E você só desistiu desse segundo pensamento, que era explodir a casa, por causa da sua mãe. Então, me parece que a sua mãe tem uma contribuição significativa no seu modo de repensar a vida.

Participante: *Sim, tem. Porque o problema é com a gente. Por mais que seja grave, ele é com a gente. É só a gente que pode resolver. Ele fica mais fácil se deixar de ser por a gente. Se for por o filho, ou por a mãe, ou por o pai, ou por amor a alguma pessoa, ou a mãe, ou o pai, ou o filho, fica mais fácil de ser resolvido do que se for pela gente. Porque, para a gente, é muito fácil pegar e jogar tudo para o ar. É eu mesmo, não estou nem aí. Se dane, eu vou me entregar mesmo. Mas quando é para outra pessoa, por amor a uma outra pessoa, no caso foi a minha mãe, eu encontrei força, eu encontrei a saída, e graças a Deus o problema foi resolvido.*

Pesquisador: *Que bom. E qual o papel da espiritualidade neste novo processo de vida sua, como sobrevivente do suicídio?*

Participante: *Da espiritualidade? Para a pessoa conseguir discernir, é essa a palavra correta, discernir um problema, porque resolver um problema, a pessoa tem que tomar uma atitude sábia, ela tem que estar limpa, ela tem que saber o que vai fazer, ela tem que planejar, ela tem que criar uma estrutura, e tem que estar sóbria para conseguir tomar certas decisões na vida, onde é ir morar sozinho, afastar de tudo, assumir a responsabilidade de pagar um aluguel, fazer mercado, água, luz, tudo sozinho. Ele sabe que ali ele pode, que está nas mãos dele, ele pode ou ir por água abaixo de uma vez por todas, ou resolver de vez o problema.*

No meu caso, graças a Deus foi resolvido. Então, a espiritualidade é aí, o centro. Se eu estou bem comigo mesmo, que é na parte espiritual, se eu sei que não estou bebendo, que não estou fazendo nada errado, que não estou enganando,

não estou manipulando pessoas para tirar proveito próprio, isso aí é uma coisa que me faz bem.

Então, se eu estou bem comigo mesmo, naturalmente as coisas vão fluir bem. Essa é a parte da espiritualidade, se a pessoa está mentindo, se está inventando qualquer coisa, enganando, manipulando pessoas para conseguir alguma coisa, ele não está bem. O espiritual não está legal.

Então, se a pessoa está limpo, sabe que está certo, está agindo certo, caminhando certo, não tem como, é impossível dar errado alguma coisa. Então, isso é o que eu tenho a dizer a respeito disso aí, a parte espiritual. Se a pessoa está caminhando certo, não tem como sair errado, é impossível sair.

Pesquisador: *E de que forma a igreja contribui também para a superação da ideia de suicídio?*

Participante: *Tem muita coisa que, quando a gente está no mundo, a gente não sabe. Na parte de igreja, de bíblica, a gente não sabe, não sabe o castigo, o peso que é tirar a própria vida, não sabe de nada, a respeito da parte bíblica. Então, na igreja a gente passa a ter conhecimento sobre essas coisas, sobre mentiras, sobre enganar, prostituição, uso de bebida alcoólica, estar nesses lugares onde tem isso.*

E aí a gente se afasta. Se a gente sabe que não é do agrado de Deus, a gente se afasta. E se a gente se afasta, a gente está fazendo certo. E se está fazendo certo, tudo vai fluir, vai gerar uma boa energia, a pessoa vai trabalhar melhor, vai estar sempre de bem com a vida, vai saber resolver os problemas com mais sabedoria. Então é isso, sabedoria sempre é bom, sempre é bom ter conhecimento. E um conhecimento que é essencial para a vida da pessoa é o conhecimento bíblico.

Acho que todo mundo deveria ter esse conhecimento bíblico, deveria ter. Desde a escola, desde o primário, todo mundo deveria saber isso.

Pesquisador: *Muito bem. Tem alguma coisa que você não disse, que você gostaria de deixar registrado? Já estamos encaminhando aqui para o encerramento.*

Participante: *Eu acho que a gente é tipo um barco em alto mar. Quando a gente está com esses problemas, a gente é um barco furado. E aí é um barco cheio de buraco, furado e está entrando água por todas as partes. E a gente fica ali, tapa um buraco, tira água, tira água, consertando problema por outro problema. Aí eu vou parar o cigarro, vou tomar cerveja, vou parar a cerveja, mas vou fumar um cigarro. Ou eu vou parar os dois, mas vou tomar uma cerveja sem álcool, estou na balada. Então ele está manipulando a situação, consertando o erro por outro erro, e aí continua entrando água. Agora você lacra, tapa todos os buracos, é impossível não dar certo, não tem como.*

Isso que eu tenho a dizer. Toda pessoa que está passando por este tipo de problema, se a pessoa tapar todas as entradas de água, ou seja, sujeira, impureza, não tem como dar errado. É impossível.

Se a pessoa procurar uma igreja, se a pessoa está com depressão, está triste, não quer sair de casa, sai, toma um sol, toma água, faz uma caminhada, arruma um trabalho, faz um exercício e aí vai limpando o corpo, vai limpando os poros, o cérebro vai gerar endorfina e as coisas vão voltar naturalmente. Não tem como dar errado assim.

Pesquisador: *Muito bem, obrigado José pela sua contribuição, pela sua participação.*

3.2.3. Entrevista com a participante Vitória (Participante 03)

A Vitória é uma mulher de quarenta e oito anos e se declarou branca. Ela possui Ensino Fundamental incompleto e têm o Catolicismo Romano como confissão religiosa. A Vitória afirmou que tentou suicídio por três vezes, todas as vezes pela ingestão de excessiva de medicamentos. Na verdade, conforme relatos a seguir, a terceira tentativa pode ser compreendida como intenção, uma vez que foi indireta e subjetivamente interrompida pela presença inocente do filho no cenário. A Vitória é casada, mãe de dois filhos e possui ensino médio incompleto.

A entrevista com a Vitória foi a mais extensa e diferentemente das duas anteriores foi realizada de forma presencial. Uma percepção durante o encontro foi o desejo que a Vitória tinha de narrar a sua experiência com a maior riqueza de detalhes possível.

Em diversos momentos foi possível perceber o aflorar da emoção por meio dos olhos marejados, respiração ofegante e necessidades de pausas para respirar. Ela se mostrava extremamente emocionada, em especial ao se referir a filha que perdeu doze dias após o parto. A entrevista aconteceu em uma loja de variedades que recebe o nome da filha, o que evidencia a sua presença marcante ainda que muito tempo após o seu falecimento. Segue abaixo a transcrição da entrevista:

Pesquisador: *Bom, senhora Vitória, em primeiro lugar quero agradecer a sua disponibilidade em conceder essa entrevista. Eu expliquei que se trata de uma pesquisa acadêmica sobre sobreviventes do suicídio e a sua contribuição será importante no futuro para outras pessoas que passaram pela mesma situação. A primeira pergunta que faço é: o que levou a senhora à tentativa de suicídio?*

Participante: *Então, a primeira tentativa foi uma tristeza profunda, que eu não sabia explicar o motivo dessa tristeza. Eu estava em casa, aí para mim nada fazia sentido. Eu tinha de tudo, eu era uma adolescente, eu tinha o quê? Eu acho que eu tinha de 17 para 18 anos a primeira vez que aconteceu. Aí, uma dor no peito, uma vontade de chorar o tempo inteiro.*

Aí, isso foi se apertando, os dias foram passando, isso foi aumentando. Até que chegou um momento que eu cheguei para minha mãe e falei, aí eu não estou bem, eu estou precisando tomar um remédio que eu não estou me sentindo bem. Ela me deu um remédio, só que na hora que ela me deu o remédio, eu vi o pote cheio de medicação.

Ela me deu a medicação para me melhorar. Quando ela saiu, eu fui lá e tomei o vidro todo, consumi o vidro todo. Aí, as horas passaram, eu comecei a passar mais mal ainda, comecei a vomitar, a ter desmaios.

Até que desacordei, fui para o hospital. Chegando no hospital, os médicos não perceberam que eu tinha consumido um vidro inteiro de medicação. Fizeram

uma lavagem estomacal e falaram que tinha sido um remédio vencido que eu havia tomado.

E assim foi a primeira tentativa. Nem eu sabia como explicar o que estava acontecendo comigo. Eu só sentia vontade quando eu via aqueles remédios. Falei, eu vou acabar com tudo agora. Vou tomar o remédio e pronto. Mas no meu íntimo, eu não sentia nada, só tristeza.

A única coisa que eu sentia era tristeza. Então, aí eu não sabia explicar porque eu acho que eu era muito nova. E nessa época, ninguém falava de depressão, de suicídio. Então, eu não entendia. E aí, o tempo passou. Foi passando.

Quando foi uma época que eu já estava casada, eu tive uma gravidez de alto risco. E durante essa gravidez, eu tive muitos problemas. Comecei a passar com o psicólogo, psiquiatra, porque a cabeça ficou meio turbulenta.

E pela segunda vez, de novo, eu tentei o suicídio.

Pesquisador: *Durante a gravidez?*

Participante: *Não. Depois que a neném nasceu, que veio a falecer, aí um dia eu acordei e falei, não quero mais viver. O que eu tinha de valioso, acabou. Não quero mais sobreviver. Aí fui lá, peguei um monte de medicação de novo, peguei veneno, Baygon, enchi a casa de Baygon e tomei todas as medicações.*

Só que as medicações eram fracas. Era analgésico. Então, na verdade, eles não me fizeram tanto mal. Acho que como da primeira vez já era a medicação mais forte, mas dessa vez só me fizeram dormir. Eu só dormi. Aí dormi, passei o dia inteiro dormindo, a noite inteira dormindo.

Quando eu acordei de manhã, mole, sabe? Aí perguntaram, nossa Vitória, você encheu a casa de veneno e foi dormir com tudo fechado. Falei assim, eu não tinha mais vontade de viver, eu achei que não ia acordar mais. Infelizmente, ou graças a Deus, os remédios não fizeram efeito e nem o veneno.

E eu tô aqui. Aí foi onde eu comecei a fazer um tratamento psicológico, com psiquiatra, com psicólogo, com um diagnóstico como uma depressiva suicida. Toda vez que eu tinha crises, eu tentava o suicídio.

Pesquisador: *Deixa eu só fazer uma interrupção. Na primeira tentativa, você não tinha nenhum motivo aparente?*

Participante: *Não, não tinha.*

Pesquisador: *Você era jovencinha ainda, não tinha nenhum motivo aparente?*

Participante: *Não. Eu sempre tinha minhas crises de ficar triste, me recolher, ficar num canto. Eu sempre tive esses lapsos. Vontade de ficar sozinha e ficar no meu canto. Até o dia que eu tentei a primeira vez.*

Pesquisador: *E tinha histórico de depressão familiar?*

Participante: *Não, na família não. Nunca teve. E eu também não falei para ninguém, fiz escondido, por quê? Porque a gente sempre escutava dos outros assim, ah, fulano tomou um remédio para se matar, sendo que tem tudo, é perfeita a vida e tem frescura. Por julgamento dos outros, eu não procurei ninguém para conversar. Porque eu fiquei com medo de a turma me julgar por aquilo que eu estava fazendo.*

Então eu fui e fiz. E como ninguém na época percebeu que era que tinha acontecido, os médicos deram como se fosse uma intoxicação, então eu deixei quieto, não falei com ninguém. Mas já da segunda vez, eu já falei.

Falei, não! Eu tinha vontade de me matar. Me veio na cabeça a tristeza, a falta da filha que tinha falecido, me veio tudo aquilo, me deu uma louca, eu fui lá e resolvi acabar com a minha vida.

Pesquisador: *E ela foi gravidez de risco e já de imediato ela faleceu?*

Participante: *Então, o primeiro mês de gravidez eu já descobri que era uma gravidez de alto risco, os médicos queriam fazer aborto, eu não concedi, eu quis levar a gravidez até onde eu conseguisse.*

Aí com cinco meses ela nasceu. Aí ela passou doze dias viva e depois veio a falecer.

Pesquisador: *E como que você conseguiu, Vitória, ressignificar a sua vida de modo a não ter outras tentativas de suicídio?*

Participante: *Então, isso aconteceu na terceira tentativa que eu fiz.*

Pesquisador: *Ah, teve uma terceira?*

Participante: *Teve, teve uma terceira tentativa. Depois que eu perdi a minha filha, os médicos disseram que eu não podia mais ser mãe, que eu não podia mais engravidar, mas eu sentia falta de um filho. Aí o que eu fiz? Eu larguei tudo que era medicação, porque eu tomava remédio depressivo, eu tomava remédio controlado, eu tomava um monte de medicação pelo que aconteceu com a minha filha e pelo meu estado mental.*

Aí eu larguei tudo, sem orientação médica, sem nada, e resolvi engravidar. Correndo o risco de acontecer tudo outra vez, mas eu resolvi. Aí durante esse período eu engravidei e eu tive uma gravidez, outra vez de alto risco, mas dessa vez pior ainda.

Eu passei praticamente os nove meses internada no hospital para poder ter o bebê. Aí nasceu, meu filho nasceu, graças a Deus deu tudo bem, deu tudo certo. Eu vim embora para casa, fiquei em casa, mas não voltei a tomar remédio psiquiátrico, nem nada.

E um certo dia, acho que ele tinha um ano, um ano e meio, uns dois anos mais ou menos assim, eu acordei de novo com aquela angústia, aquela dor no peito, aquela tristeza. Eu falei, não, não estou bem. E aquilo me apertava, aquilo me agoniava.

Outra vez me veio a tentação de tomar remédio. Aí eu fui, peguei todos os remédios que eu já tinha guardado da outra vez, peguei todos, pus na cama e fui desencapsular todos os remédios para tomar todos. Quando meu filho acordou e pulou nas minhas costas, disse, mãe, eu te amo.

Aí aquilo cortou meu coração. E me veio um negócio na mente dizendo, não, eu não posso mais tentar isso de novo. Eu não posso mais fazer isso.

Eu tenho um motivo para viver. Eu tenho que lutar contra isso, contra esse desejo. Peguei todos os remédios e joguei fora. E dali em diante eu procurei um médico, conversei com o médico, aí o médico falou, a gente vai ter que fazer um tratamento sério, você vai tomar medicação para depressão e vai ter que ocupar

a sua mente, vai ter que começar a ocupar a mente. Aí eu entrei nas medicações, comecei a tomar corretamente, diariamente, certinho. Comecei a fazer a academia que o médico mandava, que falou que fazia bem para a mente, que tinha um hormônio que faz bem.

Aí eu comecei a fazer, aí comecei a trabalhar, comecei a trabalhar fora. E toda vez que vinha aquela tristeza e aquela vontade, eu parava, pensava e procurava um escape. Não, não vou fazer nada comigo.

Eu vou sair, eu vou respirar, eu vou escutar música, eu vou ocupar minha mente com outra coisa para não cair na tentação de tentar de novo. E assim tem sido. Desde então, toda vez que me vem aquela vontade, aquela tristeza, eu já sei.

Não, eu tenho que correr atrás de algo que cubra essa tristeza. Porque essa tristeza vem do nada. Às vezes você está bem, você está na melhor fase da sua vida, aí você acorda de manhã, o que eu estou fazendo aqui? Para que eu estou aqui? Para que eu sirvo? Você se faz um monte de pergunta e não sabe a resposta para nenhuma delas.

Aí é onde você começa a pensar besteira. Hoje é o que eu faço. Começa a vir esses pensamentos, eu largo tudo, vou andar, vou conversar com as pessoas e conto do que eu passei.

Hoje eu não tenho mais vergonha de chegar para as pessoas e falar eu passei por isso, eu preciso de ajuda, eu preciso de um abraço. Não quero falar nada, eu quero só um abraço. Não, eu preciso conversar.

Aí eu falo. É assim que eu tento me manter hoje firme. Procurando ajuda e tentando dar ajuda também àqueles que necessitam.

Porque muita gente chega, quando sabe do que aconteceu comigo, vem me perguntando, mas o que você fez para sair disso? E o que eu falo? É ter controle mental, a gente aprender a se controlar. E é aquele negócio, não tem cura. Por mais que você tome remédio, você vai estar sempre à mercê dos pensamentos negativos. E também ter um foco, procurar ocupar sempre a mente, estar sempre focado em algo.

Pesquisador: *Me corrija se eu estiver errado. Uma das questões que contribuiu para que você superasse isso também, você acabou de dizer que não tem cura, de quando em quando essa tristeza vem. Mas a família, você mencionou lá atrás que o filho ainda criança disse eu te amo, e isso fez você refletir de novo. A família tem um papel importante nesse processo?*

Participante: *Muito, muito. E o ideal era tanto a esposa, o marido, os filhos prestar atenção um no outro. Porque muitas vezes, eu digo por experiência própria, muitas vezes eu acordo de manhã com uma vontade enorme de chorar. Eu me sento na mesa para tomar café, eu não consigo nem comer.*

Mas o meu marido, o meu filho e a minha filha já sabem. Aí eles esperam o meu tempo. Quando eu quero falar, se eu quero dizer o que está acontecendo, o que não está, mas eles não saem de perto de mim.

Estão sempre ali do meu lado. E depois que passa, que eu me recomponho, aí eles perguntam, quer conversar? Aí se eu estou a fim de conversar, eu falo, não, vamos conversar. É sobre isso, isso, eu acordei assim, assim, assado. Ou se não, quando perguntam assim, quer conversar? Eu não, não quero. Aí eles já sabem, eles vêm todos de uma vez e me abraçam, ficam abraçados comigo. Pronto, aquilo dá um acalento, um... Aí a sensação vai passando. É assim, família é tudo, tudo. É isso.

Pesquisador: *Uma última pergunta, Vitória. Qual o papel, se é que houve algum papel, da religião ou da espiritualidade neste processo também de ressignificar a vida?*

Participante: *Tem, tem muito. Porque a partir do momento que você começa a... Como é que eu posso te explicar? A ver que tem um ser maior na sua vida, um ser que está ali presente a cada momento. Porque em todas as minhas tentativas, não deram certo porquê? Porque sempre eu tive a proteção de um ser maior, foi Deus na minha vida. E ele sempre me pôs anjos na minha vida, para me mostrar, não, não é assim, você tem outro caminho a seguir.*

E através da religiosidade, a gente se apega mais, a gente conversa mais, a gente aprende mais. Então a religião é um grande caminho a seguir.

Pesquisador: *A sua confissão religiosa é católica?*

Participante: *Sou, sou católica.*

Pesquisador: *E durante as crises, você chegou a conversar com alguma liderança da sua igreja sobre isso?*

Participante: *Nas primeiras vezes, não. Nas primeiras vezes, eu não conversava com ninguém. Agora, da última vez, sim, eu procurei... Eu comecei a trabalhar na igreja com pessoas que passavam pelo mesmo que eu.*

E recebi apoio de quem também já tinha passado outras vezes. E não só na igreja católica. Eu procurei outras religiões também, eu não procurei só uma. Eu procurei onde eu me sentiria bem, a conversar, a falar. E graças a Deus, eu fui recebida, em todas que eu procurei, fui recebida muito bem. E ouvi muitas palavras que ajudaram.

E ainda ajuda. Porque muitas vezes a gente vai fazer um trabalho, não precisa ser na igreja católica, às vezes a gente vai fazer um trabalho na igreja evangélica, no centro, para conversar com as pessoas. E acho que toda palavra vinda de Deus é válida nesse momento.

E eu acho que a igreja tem um... Como que eu posso dizer? Um papel muito importante. Um papel muito importante para essas pessoas. Porque muitas vezes a pessoa procura, tenta o suicídio por não ter apoio em casa, por não ter apoio na própria igreja.

Vai atrás, aí só escuta balela. Ai, que não tem motivo, ai, que não sei o quê. E não, a gente tem que ter ouvido para escutar. E aceitar que ali tem um problema.

Pesquisador: *Quando você procurou essas lideranças, houve alguma espécie de escândalo, de repressão, ou foi de acolhimento e de escuta?*

Participante: *Todas que eu procurei foi de escuta. Já pessoas, quando eu procurei diretamente pessoas sem se envolver em religião, aí sim teve alerta, sabe? Não é, como uma menina tão nova tentar aos 18 anos, tentar o suicídio uma vez.*

O segundo dá até para entender, mas o terceiro tinha tudo na vida. Mas das pessoas, não da religião, entendeu? Da religião, todos que eu procurei eu tive... Me escutaram, não me julgaram. Me escutaram, me aconselharam, disso eu não tenho o que falar.

Mas das pessoas, isso é torturante. Eu acho que se lá da primeira vez eu tivesse tido apoio das pessoas, eu não tinha tentado a segunda e a terceira vez.

Pesquisador: *Entendi. Eu acho que tá bom! Você contribuiu com muitas coisas. Você trouxe relatos de uma intimidade grande e eu pude perceber na sua fala, no seu olhar, muita sinceridade. Eu quero te agradecer e nós vamos encerrando por aqui essa entrevista, tá bom?*

Participante: *Tá.*

3.2.4. Considerações preliminares sobre as narrativas

A proposta do próximo capítulo é o estabelecimento de caminhos para o Aconselhamento Pastoral, sobretudo, levando-se em consideração as experiências vividas e narradas pelos sobreviventes. Nesse sentido, o trabalho de campo objetivou ouvir tais sobreviventes para que a partir da interação entre os sobreviventes (participantes) e pesquisador, fosse possível a reflexão de tais caminhos. Antes de apontar tais caminhos, faço uma digressão apontando percepções a respeito das narrativas de cada participante.

O participante Antônio Carlos não explicitou com clareza as motivações para a tentativa de suicídio, entretanto afirmou sentir um vazio e falta de propósito na vida. A intenção suicida após uma única tentativa foi superada ao receber apoio de familiares e comunidade de fé e conseguir estabelecer projetos para o próprio futuro. Um relacionamento afetivo contribuiu para a ressignificação e motivação para o viver. Sobre a fé e o apoio da igreja, Antônio Carlos destacou que foram fundamentais naquele período difícil. Tal apoio e acolhimento no âmbito religioso se deu no ouvir e ser compreendido por outros, especialmente pelo pastor que viabilizou tratamento psicológico e por uma amiga na igreja que ouvia sem julgamento. Enfim, a interação positiva e o cuidado

recebido foram elementos essenciais em sua jornada de superação. Mesmo diante dos conflitos no que diz respeito ao binômio fé/razão, Antônio Carlos não deixou de frequentar o espaço religioso, por encontrar ali, como já afirmado, meios para superar a sua crise, incluindo apoio espiritual e psicológico.

A história narrada pelo José envolve uma luta contra o alcoolismo que o levou a problemas sérios, incluindo tentativas de suicídio. Após se dar conta do impacto que suas ações teriam na vida de sua mãe, ele decidiu mudar, afastando-se do álcool e encontrando apoio na espiritualidade. Ele destaca a importância de estar bem consigo mesmo espiritualmente para tomar decisões sábias e enfrentar os desafios da vida. Ao encontrar conhecimento e orientação na igreja, ele conseguiu afastar-se de comportamentos autodestrutivos e encontrar um caminho positivo. A metáfora do barco furado ilustra como ele percebe a necessidade de eliminar todas as fontes de problemas para alcançar a estabilidade. Procurar ajuda na igreja, sair de casa, tomar sol, beber água, fazer exercícios e arranjar um trabalho pode, na percepção do José, ajudar a combater a depressão, pois estimula o bom funcionamento cerebral. A espiritualidade de José parece ser calcada em princípios muito bem delimitados onde o certo e o errado são claramente distinguidos. Tal distinção é central para o seu equilíbrio emocional e afastamento do vício.

Já a história narrada pela Vitória evidencia uma luta contra a depressão desde a sua juventude. Um termo constante na narrativa da Vitória é tristeza, sentimento experimentado com intensidade em diferentes momentos da vida, a tristeza parece decorrer em grande medida dos questionamentos quanto ao viver em algumas situações, sem resposta objetiva.

A Vitória demonstrou em diversos momentos da fala que o sentimento de ausência de sentido acabava por se tornar gatilho para as tentativas de suicídio, mesmo quando aparentemente tudo estava bem, pois mesmo havendo constituído família o desejo de morrer ainda continuava a perseguindo. Foi possível perceber o quanto a família ocupa lugar importante na ressignificação do viver da Vitória, sendo os familiares (esposo e dois filhos) o suporte necessário quando ela não está bem emocionalmente.

Quando teve a intenção suicida pela terceira vez, ficou evidente que o sentido do viver se apresentou para ela, pela afirmação singela do filho ainda criança que disse que a amava. A Vitória demonstrou valorizar o papel da medicina no bem-estar emocional, destacando que após tomar corretamente os medicamentos indicados pelo psiquiatra e após participar de sessões de psicoterapia sentiu melhoras significativas.

De igual modo, destacou o quanto a espiritualidade tem contribuído em sua condição de sobrevivente do suicídio, pois quando precisou foi acolhida sem julgamento pelos líderes da própria igreja e de outras vertentes religiosas. Na igreja ela atua voluntariamente na ajuda com pessoas com depressão ou que, como ela, já passaram pelas mesmas situações de tentativa de suicídio. A atuação voluntária da Vitória no espaço religioso demonstra a sua gratidão e senso de responsabilidade frente ao drama do suicídio que pode ser experimentado por outras pessoas.

Comum em todos os participantes da pesquisa foi o método na tentativa do suicídio pela ingestão excessiva de medicamentos. Evidencia-se que o método não se restringe a determinada faixa etária, sendo comum, tanto em adolescentes (participantes 01 e 03), jovens (participante 03) e adultos (participantes 02 e 03) considerando as temporalidades explicitadas nas narrativas.

Outro fato importante diz respeito a formação. Com exceção do participante 01, que pretende continuar os estudos em nível de graduação, os demais possuem baixa escolaridade, inclusive o participante 01 quando da tentativa de suicídio, o que confirma as estatísticas de maior incidência de suicídio ou tentativa em grupos com menor grau de escolaridade.

As motivações para as tentativas de suicídio se apresentaram subjetivas e objetivas em algumas narrativas. O participante 01 não soube precisar as motivações objetivamente, afirmando apenas sentir um vazio, uma falta de propósito. O mesmo pode ser dito da participante 03 ao afirmar que era acometida por enorme tristeza, por não compreender o porquê do viver. O participante 02 destacou a morte do pai como fator determinante para o

alcoolismo e numa crescente de problemas derivados do uso do álcool e outras substâncias, à tentativa de suicídio.

No que se refere as direções da investigação narrativa, ressalto o seguinte em relação aos participantes. Retrospectivamente e prospectivamente falando, evidenciou-se no momento da pesquisa de campo o antagonismo entre passado e futuro no que diz respeito as experiências dos sobreviventes, pois as tentativas de suicídio deixaram de ocorrer frente a capacidade de ressignificação da vida no presente com vistas ao futuro sempre em construção.

O futuro possível como reflexão do presente resultava da introspecção dos sobreviventes que na sociabilidade puderam experimentar sentimentos que fomentavam a vida, como o amor, pertença, esperança, responsabilidade etc. Por fim, extrospectivamente falando a intenção suicida foi aparentemente superada pela ressignificação da própria experiência consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

3.2.5. Temas centrais para o estabelecimento de caminhos para o Cuidado e Aconselhamento Pastoral

Em especial a partir das narrativas dos participantes 01 e 03 foi possível perceber a importância do tratamento psicológico, no primeiro caso sendo recomendado pelo pastor do participante e no segundo caso tendo a relevância reconhecida pela própria participante. Assim, tendo em vista o objetivo da Tese, o aconselhamento em sua perspectiva *psicopastoral* será destacado, sendo este um importante tema.

Ficou evidente nas narrativas dos participantes 02 e 03 que o amor pelos entes familiares, mãe no caso do participante 02 e esposo e filhos no caso do participante 03, foi sentimento determinante para superar o desejo de tirar a própria vida. Evidencia-se em ambos os casos a atitude autotranscendente e postura de autodistanciamento, no olhar para o outro e para além dos próprios problemas. Em relação ao participante 01, a ressignificação do viver também encontra aporte no estabelecimento de um relacionamento afetivo, ainda que

como motivo a *posteriori* e não *apriori*. Assim, a *autotranscendência* e autodistanciamento se apresentam na pesquisa como um importante tema que subsidiará os caminhos para o Aconselhamento Psicopastoral.

Outro tema importante que subsidiará possíveis caminhos para o Aconselhamento foi explicitado pelo participante 01 e a participante 03. Ambos destacaram a importância de serem acolhidos em suas angústias, sendo escutados sem julgamento. Essa escuta empática se coaduna com os pressupostos da abordagem de Carl Rogers, portanto, o aconselhamento centrado no sobrevivente se apresenta como caminho indispensável no Cuidado e Aconselhamento Psicopastoral.

4. CAMINHOS PARA O ACONSELHAMENTO PSICOPASTORAL NA PREVENÇÃO INDICADA AO SUICÍDIO A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS

Fiquei muito alegre por ter encontrado alguns de seus filhos que andam na verdade, de acordo com o mandamento que recebemos do Pai. E agora, senhora, peço-lhe, não como se escrevesse mandamento novo, mas o mesmo que temos tido desde o princípio: que nos amemos uns aos outros. E o amor é este: que andemos segundo os mandamentos de Deus. Este mandamento, como vocês ouviram desde o princípio, é que vocês vivam nesse amor – 2João 1. 4-6

O texto em epígrafe me lembra do amor como mandamento supremo e da sua potência para a promoção da vida. Gosto de pensar que o amor gratuito provoca mudanças inimagináveis. O trabalho de Aconselhamento Pastoral deve ser pautado no amor que promove vida. Este amor se explicitará no ouvir e no aconselhar visando o crescimento e transformação do ser humano em crise.

Assim, a partir do arcabouço teórico e vivencial apresentado até o momento, neste capítulo me ocupo em delinear caminhos para o Aconselhamento Psicopastoral³⁹, em especial junto às pessoas que no esgotamento do viver tentaram o suicídio. Essas pessoas são reconhecidas na Tese como sobreviventes que nessa condição podem e muito contribuir para a ressignificação do viver de tantos que por vários motivos e ou fatores, tentam desistir da vida.

A contribuição das narrativas dos sobreviventes é atestada pela Pesquisa Qualitativa, pois esta sustenta a aplicabilidade e transferibilidade de situações específicas para o geral, sobretudo, a partir do paradigma fenomenológico-interpretativo em que a credibilidade descritiva é atestada pela “fidelidade do que se viu e ouviu” (Amado e Vieira, 2014, p. 361), a credibilidade interpretativa é atestada no “captar fielmente o ‘ponto de vista’ ou a ‘perspetiva’ dos atores – incluindo-se aqui, as suas intenções, crenças, afetos e avaliações”

³⁹ A partir deste capítulo o termo “Psicopastoral” será comumente utilizado em detrimento do termo “Pastoral”, tendo em vista a proposta de Aconselhamento a partir dos resultados da pesquisa de campo a partir das narrativas e contribuições dos participantes sobreviventes do suicídio.

(Cf. Amado e Vieira, 2014, p. 362) e a credibilidade teoria é atestada no “isomorfismo e na coerência entre os dados recolhidos junto das pessoas observadas e na construção interpretativa e teórica realizada pelo observador” (Cf. Amado e Vieira, 2014, p. 362). Como pesquisador me ocupei de resguardar a credibilidade das narrativas nas perspectivas aqui apresentadas, possibilitando a aplicabilidade e transferibilidade das respectivas narrativas, ainda que se tenha de tomar cuidado com as generalizações.

Ao se pensar no Aconselhamento junto aos sobreviventes necessário se faz, explicitar conceitos não muito convencionais no âmbito eclesiástico. Prevenção Indicada é um destes conceitos. Recorrendo a literatura apresento na Tese a expressão *Prevenção Indicada* para referir-se ao aconselhamento junto aos sobreviventes do suicídio.

A Prevenção Indicada é realizada com indivíduos e populações que já apresentam um risco considerável e/ou começaram a manifestar o comportamento- alvo (Bertolote, 2012). Têm como alvo indivíduos vulneráveis – aqueles que já apresentam tentativa de suicídio prévia ou apresentam sinais de alerta (WHO, 2014). Considerando que uma tentativa de suicídio prévia é o maior preditor de suicídio na população em geral, indivíduos que tentaram suicídio são considerados de alto risco. Assim, a identificação dessas pessoas, o acompanhamento e monitoramento do caso, além do suporte, são componentes chave de uma estratégia de prevenção do suicídio (WHO, 2014) (ESPPR VIRTUAL, 2019, p. 18)

Fica explicitado a partir da citação acima que prevenção indicada se constitui ação extremamente importante, pois as tentativas de suicídio sempre tendem a maiores constâncias e letalidades. Por prevenção indicada se entende o acompanhamento do sobrevivente de diferentes formas, ou seja, pelos familiares, pelos diferentes órgãos relacionados a saúde mental, incluindo o apoio comunitário, apoio que inclui a relevância que determinado espaço religioso pode dar à espiritualidade para a superação da intenção suicida. Assim é afirmado:

Na Prevenção do Suicídio a Prevenção Indicada é realizada com indivíduos e populações com risco evidente de comportamentos suicidas ou que já se engajaram nesse comportamento. Como exemplo de Prevenção Indicada na Prevenção do Suicídio considera-se o acompanhamento próximo de pessoas que já tentaram o suicídio, especialmente nos dias e semanas que se

seguirem da tentativa (Bertolote, 2012). É necessário fazer esse acompanhamento próximo a pessoas que apresentem algum tipo de comportamento suicida, além de pessoas com transtornos mentais fortemente associados com suicídio, tais como transtornos do humor, esquizofrenia e abuso de álcool e outras substâncias (WHO, 2010a). Se faz necessária a avaliação e manejo de transtornos mentais e uso de substâncias e, no caso dos indivíduos que já apresentam comportamento suicida, deve-se proceder com a avaliação e manejo desse comportamento (WHO, 2014). É importante desenvolver programas de manejo de crise para indivíduos que se automutilaram ou tentaram suicídio e, casos tenham necessitado de internação, é necessário que seja feita um monitoramento antes e depois da alta, com o objetivo de garantir que esse indivíduo irá continuar os tratamentos propostos e necessários. Após a alta deve ocorrer o seguimento e apoio comunitário, com constante monitoramento, garantindo o bem-estar desse usuário. Essa proposta de seguimento é bastante eficaz, pois costuma aumentar a adesão ao tratamento, além de reduzir o número de reinternações. O cuidado oferecido deve promover o fortalecimento da rede de apoio desse indivíduo, além de melhorar o seu funcionamento psicossocial (WHO, 2014) (ESPPR VIRTUAL, 2019, p. 18-19).

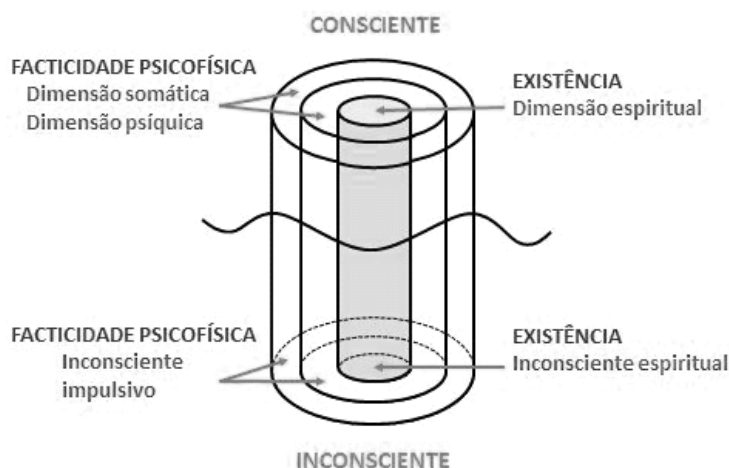
Nas linhas que se seguem o delineamento de caminhos para o Aconselhamento Psicopastoral na prevenção indicada ao suicídio levará em consideração, a multiplicidade disciplinar para a compreensão do fenômeno e em especial as contribuições dos sobreviventes⁴⁰ como participantes na construção desta reflexão. Nesse sentido, a contribuição da Tese para o campo da Ciências da Religião encontra-se no estabelecimento de aporte teórico em perspectiva psicopastoral que propicie aos agentes pastorais o cuidado efetivo junto àqueles e àquelas que lidam com o drama do suicídio.

Por psicopastoral me refiro as possibilidades do aconselhamento a partir do trabalho em rede como será melhor explicitado, mas também na compreensão e utilização adequada das ferramentas disponibilizadas por teóricos como Viktor Frankl e Carl Rogers. Frankl e Rogers apresentam significativas contribuição para o Cuidado e Aconselhamento Psicopastoral concomitantemente focando-se nas possibilidades de sentidos que podem se apresentar ao aconselhando e na postura do aconselhador frente ao aconselhando. No que diz respeito ao aconselhando, Frankl apresenta a

⁴⁰ Para melhor diferenciação entre as narrativas dos sobreviventes e as citações bibliográficas opto por transcrever as primeiras em parágrafos com formatação em itálico.

ontologia dimensional para afirmar que o ser humano é biopsicoespiritual, pois “Enquanto somente se falar de corpo e mente é evidente que não se pode estar falando da totalidade” (Frankl, 2017, p.23). Essa compreensão do humano é explicitada na figura abaixo.

Figura 10 – Dimensão Biopsicoespiritual



Adaptado de FRANKL, 2017, p. 24.

Este ser humano que na concepção frankliana não se reduz ao psicofísico tem na dimensão espiritual “a sua característica mais específica” (Frankl, 2017, p.23), lhe permite agir dominado não apenas pelo Id, mas orientado pelo eu, pois “No amor, nenhum eu é impulsionado por um id – no amor, um eu se “decide” por um tu” (Frankl, 2017, p.23) e nessa capacidade de decidir reside a responsabilidade para com a vida em seus múltiplos aspectos, inclusive diante da crise que fomenta o suicídio.

Quanto a postura do agente pastoral frente ao aconselhando as proposições de Rogers se apresentam efetivas, possibilitando um olhar mais centrado no sobrevivente e descentralizado do agente em reconhecimento de que o processo de aconselhamento não se trata de hierarquização do saber, mas de companhia na caminhada rumo a resignificação do viver.

4.1. O Aconselhamento Psicopastoral: Propostas de trabalho em rede junto aos sobreviventes

O aconselhamento que se propõe libertador, deve ser na percepção do autor e de outros teóricos, um aconselhamento amparado teologicamente e em constante diálogo com outras áreas do conhecimento humano. Dentre tantas áreas, a Psicologia se apresenta como área do conhecimento humano que não deve ser ignorada.

A importância da Psicologia aparece de forma objetiva ou subjetiva nas narrativas dos três participantes. Por exemplo, o participante 01 deixa transparecer a partir da sua interação social na igreja, a gratidão pelo fato de terem viabilizado a ele o tratamento psicológico. Nesse sentido ele afirmou:

“Queriam me ajudar de verdade. E ainda me ajudam, né? Eles também me ajudaram como psicóloga, quando faço acompanhamento. E acho que só uma coisa mesmo, o mais importante foi o carinho, a atenção que me deram. Me acolheram, me ouviram. Fez-me me sentir acolhido, sabe?” (Antônio Carlos).

O aporte psicológico não aparece de forma objetiva na narrativa do participante 02, mas ele recorreu a termo próprio da área da Psicologia o que pode denotar alguma relação ainda que pela via do tratamento público. Assim ele afirma:

“Se a pessoa procurar uma igreja, se a pessoa está com depressão, está triste, não quer sair de casa, sai, toma um sol, toma água, faz uma caminhada, arruma um trabalho, faz um exercício e aí vai limpando o corpo, vai limpando os poros, o cérebro vai gerar endorfina e as coisas vão voltar naturalmente” (José).

Já a participante 03 demonstrou com muita clareza a importância do tratamento psicológico e psiquiátrico para a superação das crises, destacando que apenas conseguiu melhorar após tomar corretamente os medicamentos

“E dali em diante eu procurei um médico, conversei com o médico, aí o médico falou, a gente vai ter que fazer um tratamento sério, você vai tomar medicação para

depressão e vai ter que ocupar a sua mente, vai ter que começar a ocupar a mente” (Vitória).

Conforme já descrito anteriormente o reconhecimento da importância do tratamento psicológico e psiquiátrico não é unânime no âmbito religioso. Vertentes religiosas cristãs mais conservadoras tendem a ignorar a relevância da interdisciplinaridade para o efetivo cuidado humano. No caso do aconselhamento, predomina ainda hoje, o aconselhamento noutético preconizado por Jay Adams onde o uso da Psicologia não é estimulado, pelo contrário, é desencorajado.

A despeito deste preconceito eclesialístico ainda presente em muitas igrejas cristãs, os participantes da pesquisa destacaram o apoio que receberam de suas respectivas lideranças para o acompanhamento psicológico como meio de combate a intenção ou tentativas de suicídio. Este apoio e os efeitos que dele decorrem apontam no âmbito desta pesquisa para a relevância do trabalho psicopastoral no cuidado junto aos sobreviventes do suicídio.

Com o termo *psicopastoral*, pretendo primeiramente destacar a importância do trabalho em rede, ou seja, o cuidado desenvolvido pelo agente pastoral⁴¹ e pelo profissional da saúde com o objetivo de contribuir com o sobrevivente. Este esclarecimento se faz necessário devido a possibilidade de se confundir com a prática da Psicoterapia Pastoral. A respeito da Psicoterapia Pastoral, para Francisco Lotufo, o pastor pode realizar a psicoterapia quando devidamente preparado ainda que conforme o excerto abaixo não deva:

Há espaço para que o pastor realize psicoterapia. Este, seguramente, já realiza a ajuda psicológica informal. Este espaço é bem definido e exclui a doença mental. Quando esta não existir, o pastor está autorizado a realizar um trabalho psicoterápico. Entretanto, para isto é necessário treinamento, supervisão e conhecimento de um corpo teórico sistemático que explique e que o instrumentalize para esta tarefa. Apesar de haver espaço para a prática psicoterápica esta envolve riscos, como a centralização e a psicologização da fé, com perda da dimensão espiritual por parte da igreja. Por estes motivos, é minha opinião, que a psicoterapia deve ficar restrita a outras

⁴¹ O termo Agente Pastoral será recorrentemente utilizado para se referir a pastoras, pastores ou leigos que atuam em suas respectivas comunidades no Cuidado e Aconselhamento Pastoral.

peças participantes do corpo de Cristo com dons e talentos nesta área (Lotufo Neto, [s.d.], p. 21).

Diferentemente de Lotufo que abre a possibilidade apesar de não aconselhar, Uriel Heckert entende que é preciso “saber os limites da ajuda pastoral, encaminhando os casos que necessitem de algum profissional” (Heckert, [s.d.], p. 04). Para Heckert “escapa ao campo do Aconselhamento Pastoral o uso de recurso e técnicas próprias da Psicologia e da Psiquiatria, a não ser que o Pastor alie as qualificações específicas dos profissionais destas áreas” (Cf. Heckert, [s.d.], p. 04).

Clinebell por sua vez entende que o conselheiro pastoral pode praticar a psicoterapia pastoral desde que tenha treinamento apropriado para isso, ou seja, tenha conhecimento dos métodos das diferentes correntes psicoterápicas. Entretanto, Clinebell reconhece que a Psicoterapia Pastoral demanda tempo maior o que poderia comprometer o cuidado e aconselhamento pastoral de curto prazo no qual mais pessoas poderiam ser atendidas e beneficiadas (Cf. Clinebell, 2016, p. 362).

Apesar de possível, a Psicoterapia Pastoral é desaconselhada pelos autores acima. Isso não significa que a ajuda psicológica não aconteça no âmbito do Aconselhamento Pastoral, pois são os agentes pastorais que muitas pessoas em desespero recorrem imediatamente por não terem acesso rápido e de baixo custo ao tratamento psicológico. É neste sentido que Hoch afirma:

Com a crescente estratificação social que se verifica na América Latina em geral e no Brasil em particular, a busca por auxílio psicológico e psicoterapêutico passou a ser um privilégio para alguns poucos abastados. Fica a pergunta: a quem recorre o pobre para trabalhar os efeitos psicológicos do desemprego, da submoradia, da fome, da doença e da incerteza sobre o dia de amanhã? Para mim é evidente que todo esse quadro gera angústia, desespero e revolta. [...] No redescobrir da sua vocação de ser ouvido do povo, a Igreja precisa ter consciência de que a libertação individual e coletiva inclui a dimensão psicológica. Processos religiosos são sempre também processos psíquicos (HOCH, 1985, p. 269).

A realidade da estratificação social impõe aos espaços religiosos a demanda do cuidado com o ser humano na sua integralidade e essa recorrência

ao âmbito religioso no momento de crise denota a ajuda psicológica informal presente nos aconselhamentos. Hoch destaca ainda que:

toda pessoa no trato com seus semelhantes faz uso da psicologia e de mecanismos de persuasão dos quais nem sempre tem consciência. Isso vale também para o agente pastoral ao lidar com dificuldades de outra pessoa. Assim sendo, e já que é inevitável o em prego da psicologia, é preferível que isso seja feito de forma consciente e responsável. Até porque em não sendo uma atitude consciente e planejada, existe o perigo do agente se tornar vítima dos seus mecanismos inconscientes, como por exemplo, o desejo de exercer autoridade e poder sobre o seu interlocutor ou a necessidade de ter pessoas que dependam dele. [...] Quantos suicídios por causas ignoradas têm a sua origem numa depressão que ninguém, nem mesmo o pastor, soube identificar (Hoch, 1975, p. 261).

Conforme excerto acima é inegável a relevância do conhecimento da Psicologia enquanto área de conhecimento distinta da Teologia por parte do agente pastoral. Tal conhecimento proporciona melhor atuação e proteção para conselheiro e aconselhando, entretanto, o que se propõe neste tópico⁴² ao se fazer uso do termo psicopastoral é de fato o trabalho em rede.

4.1.1. A atuação Psicopastoral no espaço religioso e clínico

Retomo a proposição de Lotufo Neto “Por estes motivos, é minha opinião, que a psicoterapia deve ficar restrita a outras pessoas participantes do corpo de Cristo com dons e talentos nesta área” (Lotufo Neto, [s.d.], p. 21), para apontar uma forma de atuação psicopastoral, ou seja, aquela que poderá ser feita no espaço religioso por voluntários da área da saúde e pelo agente pastoral local.

Neste caso o estabelecimento de grupos de apoio aos sobreviventes deverá levar em consideração a atuação apropriada de cada parte da liderança, o apoio psicoterapêutico por meio do psicólogo e o apoio espiritual por meio do agente pastoral. Ao psicólogo caberá neste trabalho em grupo a ajuda por meio

⁴² Como se verá posteriormente o uso do termo “Psicopastoral” se aplicará à utilização consciente de alguns princípios da Psicologia como ferramenta no ministério pastoral, sem, contudo, ignorar a importância do encaminhamento clínico, quando este se fizer necessário.

da sua vertente psicoterápica, ao agente pastoral caberá o suporte espiritual ao sobrevivente, obviamente, levando-se em consideração os melhores caminhos para o aconselhamento a partir de uma postura interdisciplinar e não fundamentalista.

Karina Okajima Fukumitsu ressalta a importância da criação de grupos de apoio, diferenciando-os em dois: “a psicoterapia em grupo propriamente dita e o encontro de pessoas que apresentam a mesma demanda. Ambos tem a finalidade de oferecer amparo, apoio, suporte e acolhimento” (Fukumitsu, 2021, p. 75). Em seu texto *Sobreviventes enlutados por suicídio*, há inclusive, um modelo de grupo de apoio a ser utilizado para uma possível implantação.

Na impossibilidade de um trabalho em rede no espaço religioso devido a ausência de profissional voluntário da área saúde, nada impede que o agente pastoral se valha do espaço apenas para o encontro de *pessoas que apresentam a mesma demanda*, conforme grupo proposto por Fukumitsu, sendo o facilitador que terá o diferencial pastoral que em muito poderá agregar, sobretudo, se o grupo formado possuir essa informação de antemão.

Além desta proposta psicopastoral no trabalho interativo entre psicólogo e agente pastoral, não se deve ignorar a relevância da comunidade de fé como um todo no papel terapêutico a ser prestado àqueles que dela se aproxima em crise. Sem nenhum demérito aos psicólogos e psiquiatras, Aloiso Said Bacelar afirma que:

Muitos indivíduos necessitados, inclusive, têm se deslocado das comunidades cristãs para os *settings* dos psicólogos e psicanalistas, algo que pode estar associado ao afastamento das igrejas do exercício de sua função terapêutica, bem como a percepção, por parte de algumas comunidades, de que o consolo pode ser postergado o espaço religioso (Bacelar, 2018, p. 172).

Para o autor mencionado acima, a comunidade cristã (e a meu ver isso pode ser dito em relação a outras expressões de fé) pode contribuir para com a saúde integral da pessoa que busca apoio por meio do seu acolhimento ao possibilitar espaço para a *confissão* que possibilita o florescimento da vida, para o *perdão* que oportuniza profundo sentimento de libertação e retomada da

radiância existencial, para a *oração intercessória* que coloca indivíduos à mercê da graça de Deus e demonstra o real interesse da igreja pelos que sofrem, para o *contato físico* que denota o acolhimento por meio da manifestação compaixão, para o *louvor* que reconhece o agir de Deus dentre tantas outras possíveis ações (Cf. Bacelar, 2018, p. 172-173).

Por fim, o agente pastoral poderá estabelecer uma rede de apoio psicológico, tanto no âmbito público quanto privado e encaminhar pessoas do grupo sempre que houver necessidade do suporte psicológico e psiquiátrico.

4.1.2. O encaminhamento psicoterápico como dimensão do Cuidado e Aconselhamento Pastoral

Agentes pastorais que se preocupam com o pleno desenvolvimento dos aconselhados precisam reconhecer a relevância da clínica para o tratamento psicoterápico. Na atual conjuntura não cabe mais disputa que quer fazer acreditar que apenas uma área do conhecimento consegue dar conta da totalidade que é o ser humano em sua complexidade existencial.

A crise entre o Gabinete e o Divã precisa ser superada, pois já se demonstrou que a religião não é uma ilusão patológica como propunha Freud, mas uma dimensão que pode promover bem-estar devido a intrínseca relação entre espiritualidade e saúde mental. De igual modo, faz parte do Cuidado e Aconselhamento genuinamente pastoral o encaminhamento/sugestão do aconselhado para o tratamento clínico reconhecendo assim, a relevância dos profissionais da saúde.

Por questões de cunho ético não se espera que psicólogos encaminhem seus pacientes a determinada vertente religiosa, por outro lado, cada dia mais os psicólogos têm levado em consideração a religiosidade/espiritualidade dos seus clientes no processo de cura. Um exemplo disso é o que se denomina de Coping Religioso. Por *Coping Religioso* se entende:

O processo pelo qual as pessoas, por meio de sua religião, tentam entender e/ou lidar com importantes exigências pessoais ou situacionais em suas vidas é denominado de coping religioso

(Pargament, 1997). Coping religioso, portanto, descreve o uso da fé e de crenças religiosas para facilitar a solução de problemas e prevenir ou aliviar as consequências emocionais negativas de circunstâncias de vida que são estressantes (Brito et.al., 2016, p. 203-204).

As pesquisadoras e pesquisador descritos acima atestam no estudo intitulado “*Coping religioso de pessoas em psicoterapia: um estudo preliminar*” o quanto os participantes recorreram a religião para lidar com as situações estressoras da vida e o quanto essa recorrência se mostrou valorizada pelos psicoterapeutas.

Nesse sentido, o receio arcaico de uma desvalorização da religião pelo psicólogo ou psiquiatra não deve basilar a sugestão do agente pastoral ao encaminhamento psicológico quando se faz necessária, tal receio pode acabar por denotar mais o desejo de aprisionar o aconselhando em determinado sistema religioso que a preocupação com a sua transformação e crescimento espiritual.

Se é verdade que o Coping Religioso tem se mostrado como estratégia de cura na clínica, o trabalho pastoral não cessará no devido encaminhamento, pelo contrário, mais uma vez, ainda que não acordado com o psicólogo ou psiquiatra o trabalho de rede se efetivará neste caso também, pois considerando a espiritualidade da pessoa, o espaço religioso e tudo quanto ele pode oferecer ainda será requerido. Esclarecido a relevância do encaminhamento clínico por parte dos agentes pastorais, nos próximos tópicos, como já ressaltado, o uso do termo psicopastoral se referirá à prática do Aconselhamento e Cuidado Pastoral a partir do uso ferramental da Logoterapia e do Aconselhamento Centrado na Pessoa – ACP.

4.2. Aconselhando para a autotranscendência

Autotranscendência é uma expressão que indica a capacidade de olhar para além dos próprios problemas. É nesse sentido que Viktor Frankl utiliza o termo. Ele afirma:

O que entendo por autotranscendência nada tem a ver com o além; significa que o homem é tanto mais humano quanto mais é ele mesmo, quanto mais ele se supera e se esquece a si

próprio na dedicação a uma tarefa, a uma coisa ou a um companheiro. Eu não sei se já ocorreu aos senhores que o olho humano também é autotranscendente; sua capacidade de perceber o mundo circundante depende, absolutamente, de que ele não seja capaz de se perceber a si mesmo. Quando é que o olho se vê a si mesmo – exceto no espelho? (Frankl, 1978, p.56).

Foi possível perceber nas narrativas dos participantes essa disposição para a autotranscendência que contribuiu para a superação das tentativas de suicídio. Quando perguntado sobre as motivações para viver o participante 01 afirmou que:

“Mudou que eu me apeguei mais às pessoas que me apoiaram. Eu também comecei a ter planos para o futuro, planos de carreira, planos profissionais. E... Certamente, agora estou me relacionando... Agora tenho uma namorada também, né? Isso também me ajuda a ter um plano a mais, um objetivo a mais na minha vida” (Antônio Carlos – grifo nosso).

O participante 02 destacou que perdas familiares desestabilizaram seu ser e possibilitaram o início da ingerência de álcool e outros psicoativos que o levou posteriormente às tentativas de suicídio. Por outro lado, a ressignificação do viver se mostrou efetiva por meio da preocupação autotranscendente com a mãe, a pessoa na qual mais pensava no caso de um provável suicídio. Sobre este sentimento pela mãe o participante 02 afirmou:

*“E toda queda era sempre uma pior que a outra. Até um dia que eu parei pra ver, eu falei, se eu fizer isso, eu vou resolver o meu problema. **Só que, e a minha mãe? Ela que me gerou, ela que me botou no mundo, ela que cuidou de mim até aqui, e eu vou fazer um negócio desse, eu vou explodir a minha casa, junto com a minha casa vai a casa dela, e ainda o sentimento vai ficar no coração dela, aquela sensação de incapacidade de não ter conseguido me ajudar, de ter permitido que isso acontecesse” (José – grifo nosso).***

Mais a frente em sua narrativa o participante 02 apresenta uma reflexão que aponta para a importância da autotranscendência, como caminho de superação das tentativas de suicídio.

“É só a gente que pode resolver. Ele fica mais fácil se deixar de ser por a gente. Se for por o filho, ou por a mãe, ou por o pai, ou por amor a alguma pessoa, ou a mãe, ou o pai, ou o filho, fica mais fácil de ser resolvido do que se for pela gente. Porque, para a gente, é muito fácil pegar e jogar tudo para o ar” (José).

De igual modo, a participante 03 demonstrou em sua narrativa a preocupação com o filho quando iria pela terceira vez tentar o suicídio.

*“Aí eu fui, peguei todos os remédios que eu já tinha guardado da outra vez, peguei todos, pus na cama e fui desencapsular todos os remédios para tomar todos. Quando meu filho acordou e pulou nas minhas costas, disse, mãe, eu te amo. **Aí aquilo cortou meu coração. E me veio um negócio na mente dizendo, não, eu não posso mais tentar isso de novo. Eu não posso mais fazer isso**” (Vitória – grifo nosso).*

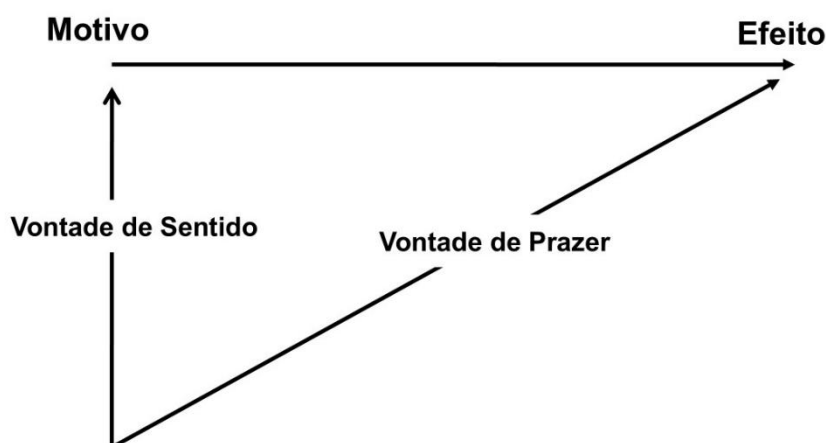
As posturas autotranscendentes observadas nas narrativas dos participantes demonstram a importância do aconselhamento para a autotranscendência, pois aqueles que se desesperam da vida precisam ser lembrados de que suas vidas são valiosas para outras pessoas e vice-versa.

A postura autotranscendente se torna efetiva a partir da tomada da consciência do ser humano. Essa tomada de consciência é perceptível nas narrativas partilhadas anteriormente, em especial quando o participante José indaga “e a *minha mãe?*” e quando a participante Vitória se confronta ao dizer: “*Aí aquilo cortou meu coração. E me veio um negócio na mente dizendo, não, eu não posso mais tentar isso de novo. Eu não posso mais fazer isso*”, na postura de ambos os participantes se evidencia o explicitado na *figura 10*, compartilhada anteriormente, no que diz respeito ao inconsciente espiritual que caracteriza a ontologia dimensional do ser humano para Frankl e que emerge para a dimensão consciente possibilitando o encontro do sentido ou *vontade de sentido* que possibilitará decisões autotranscendentes e portanto, responsáveis.

O Aconselhamento autotranscendente encontra respaldo nas Escrituras Sagradas Aliás, as Escrituras, quero reiterar, deve ser a ferramenta primordial no Aconselhamento, sobretudo, lançando mão de princípios e valores que contribuam no exercício do aconselhamento e não meramente no uso e abuso fundamentalista da Bíblia com o objetivo de culpabilizar aqueles e aquelas que já se encontram feridos.

O ministério de Jesus se mostrou assim, autotranscendente pois a despeito dos anseios e angústias humanas (Mt 26; 39-44). prosseguiu em obediência a sua vocação amando os seus até o fim (Jo 13.1). No sermão da Montanha por exemplo Jesus enfatizou “bem-aventurados os que tem fome e sede de justiça, porque serão saciados” (Mt 5. 6). O termo bem-aventurado do grego *makarioi* tem o sentido de felicidade, mas tal felicidade é resultado de uma disposição anterior, ou seja, a fome e sede de justiça. É nesse sentido que Frankl afirma: “Como estava certo Kierkegaard ao afirmar que a porta da felicidade se abre para fora e que, quando alguém tenta arrombá-la, não faz mais do que fechá-la” (Frankl, 2015, p. 66). Na figura abaixo se ilustra a felicidade na proposição de Frankl como efeito colateral e não como busca obsessiva que deste modo seria frustrada pela vontade de prazer que nunca cessa.

Figura 11 - A felicidade como efeito da vontade de sentido como motivo



Adaptado de Frankl, 2015, p. 67.

A vontade de sentido aponta para um motivo que não é autocentrado, por isso, diz respeito à responsabilidade do EU diante do OUTRO como caminho de plena realização espiritual, pois:

Se há no ser humano uma vontade de prazer e uma vontade de poder, há também uma vontade de sentido. Essa vontade de sentido aponta para a dimensão espiritual do ser humano, que não deve ser guiado pelos impulsos, mas pela livre decisão de um Ser que se sabe responsável (Silva, 2024, p. 87).

Para aqueles que atentam contra a própria vida, a felicidade estaria no cessar do sofrimento por meio da ação impulsiva do suicídio pela vontade de poder. Essa “felicidade” ilusória que se pretende encontrar na morte se apresentará efetivamente na vida entregue ao outro como motivo. A partir dessa disposição responsável pode-se aconselhar para os valores criacionais, vivenciais e atitudinais que darão sentido a existência. A respeito destes valores Frankl destaca que eles podem ser alcançados “1. Criando um trabalho ou praticando um ato; 2. Experimentando algo ou encontrando alguém; 3. Pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável” (Frankl, 2021, p. 135). A seguir procuro relacionar cada um destes valores com as narrativas dos participantes com o propósito de apontar possíveis caminhos para o Aconselhamento Psicopastoral junto aos sobreviventes.

4.2.1. Aconselhando para a autotranscendência por meio do valor criacional

Vazio é uma expressão que denota a dimensão da crise experimentada por quem a menciona. O vazio se dá em relação a alguma coisa e aqui ele é percebido em relação a existência, que na perspectiva da pessoa em crise, perdeu o sentido. O vazio existencial é na perspectiva de Viktor Frankl resultado da perda do instinto e da tradição, o que fará com o que ser humano desfeito de sua autonomia descaí para o conformismo ou para o totalitarismo, que significa respectivamente, fazer o que os outros fazem ou fazer o que os outros querem que façamos. Assim ele afirma:

Quando a consciência é sistemática e metodicamente reprimida e sufocada, o resultado é ou o conformismo ocidental ou o totalitarismo oriental, dependendo se os “valores” excessivamente generalizados pela sociedade são simplesmente oferecidos ou impostos (Frankl, 2017, p. 87).

O vazio pode ser também percebido a partir de outra expressão presente nos escritos de David Le Breton, o que ele chama de “*branco*”, onde o ser “desaparece no blank (em inglês, espaço desocupado, vazio). Ele mantém sua existência como uma página em branco para não se perder ou correr o risco de ser envolvido, atingido pelo mundo” (Le Breton, 2018, p. 14).

O vazio pode ser percebido no esvaziamento do ser que apenas sobrevive sem expectativas e experiências vivificantes, mas que obedece às ordens das coisas para demonstrar aos observadores que tudo vai aparentemente bem. No fundo, entretanto, há uma profunda desilusão que denota o abismo existencial que anseia pelo fim. Frente ao vazio, sentidos precisam ser encontrados para a ressignificação do viver. Os sentidos que não são criados, mas encontrados fomentam a autotranscendência e na perspectiva logoterapêutica os sentidos são encontrados por meio dos valores que irão preencher o vazio.

A expressão vazio aparece na narrativa do participante 01. Quando perguntado se os novos projetos davam sentido à vida ele respondeu: “Acho que sim. Contribui. É que é tipo... Acho que preenche o vazio que eu sentia” (Antônio Carlos). O vazio ou o que Le Breton chama de branco, uma espécie de antessala do vazio, também pode ser percebido na seguinte narrativa do participante 01:

“Eu me sentia, sei lá, perdido dentro de mim mesmo. Eu me sentia um estrangeiro em mim mesmo, perdido. Para mim, dentro de mim não tinha nada. Era só vazio, não sentia nada. Eu não tinha vontade de nada. Não sei explicar direito” (Antônio Carlos).

Sobre este perceber-se estrangeiro em si mesmo é interessante o que Le Breton afirma sobre a tentativa do adolescente/jovem se desfazer do personagem:

A indiferença para consigo suscita a exposição a um perigo que não é mais percebido como tal, já que, neste caso, o jovem não se habita mais totalmente. Para esse jovem, a intenção é menos a de morrer do que a de desaparecer. Trata-se de despojar-se do seu personagem, de não ter mais de sustentá-lo. Essa atitude testemunha a impossibilidade de ser um indivíduo, de empenhar-se como sujeito da própria existência (Le Breton, 2018, p.83).

Na narrativa do participante 01 também a expressão “*cansado*” deve ser considerada, pois o cansaço foi apresentado também como motivação para pôr fim em tudo. O cansaço era em relação a rotina cotidiana, onde a escola de

maneira geral e o Ensino Médio de forma específica são enfatizados como experiências que faziam parte do automático.

“Pior que eu não sei direito, não tenho certeza do que me levou a isso. Eu acho que não sei, eu só falo que estava cansado de tudo e quis por fim. [...]. Eu acho que pegava um pouco de tudo no meu cotidiano. Escola, também estava... Era, ensino médio. Eu acho que... Tipo, coisas... Nossa, eu não tinha parado para pensar. Não sei, eu acho que estava me sentindo tipo... Como se estivesse vivendo no automático” (Antônio Carlos).

O cansaço na sociedade atual é descrita por Byung-Chul Han como um cansaço solitário que “calado, como teria de permanecer, forçava a violência” (Han, 2017, p.72), violência que no caso do participante 01 descambou na tentativa de suicídio. Entretanto, a despeito do vazio e do cansaço, uma vez ouvido e socorrido o participante 01 pode ressignificar o viver a partir do valor criacional.

Este valor criacional fica explicitado quando o participante 01 fala da importância dos novos projetos para o preenchimento do vazio que sentia. Projetos que se percebem no “ter planos para o futuro, planos de carreira, planos profissionais” (Antônio Carlos). Por certo, para se abrir para o valor criacional a pessoa em crise precisa ser desafiada para tal. Assim, Robert C. Leslie destaca: “é claro que aceitar a responsabilidade de executar tarefas de vida, de realizar valores criativos, requer uma etapa intermediária: alguém precisa apresentar o desafio” (Leslie, 2013, p. 98). A respeito de Jesus Leslie afirma: “com mais frequência, pelo menos na narrativa evangélica Jesus apresenta o desafio de modo incisivo: “Vai! Vende! Dá! Vem! Segue!” (Leslie, 2013, p. 98).

Na Dissertação de Mestrado procurei dar ênfase na relação entre Jesus e Pedro para o estabelecimento de valores criativos na vida deste, a partir dos desafios apresentados por Jesus. Apenas a título de diversificação de personagens pois desafiados foram vários por Jesus, destaco o episódio de interação entre Jesus e a mulher denominada de *mulher adúltera* pelo título posteriormente inserido na narrativa bíblica. Num contexto de enorme desvalorização da mulher, aquela em especial que estava no limiar entre a vida

e a morte, devido a acusação dos algozes mais de Jesus que dela própria, foi liberta do apedrejamento pela sabedoria de Jesus que obrigou todos à reflexão sobre pecado.

O desafio de Jesus proposto à mulher foi de nova vida “vá e não peques mais (Jo 8.11), mas tal desafio foi apresentado apenas após Jesus demonstrar acolhimento e interesse pela vida da mulher. Aquela mulher que teve a vida preservada a partir do cuidado pastoral de Jesus tinha agora diante de si o desafio criativo de fazer diferente ou de recriar a sua própria história de vida. O que Jesus fez e que agentes pastorais devem estar habilitados a fazer é despertar a consciência das pessoas para novas e criativas possibilidades de vida, para isso, além do conhecimento bíblico e da aplicabilidade de princípios inerentes a este conhecimento, outra ferramenta importante é o afeto a ser ofertado pelo conselheiro e acolhido pelo aconselhando visando a plena transformação e ressignificação da vida.

4.2.2. Aconselhando para a autotranscendência por meio do valor vivencial

O valor vivencial como já afirmado se apresenta na experimentação de algo ou no encontro de alguém, em outras palavras, na entrega ao sentimento do amor que possui o potencial de promover mudanças inimagináveis. Para Frankl:

[...] através do seu amor a pessoa que ama capacita a pessoa amada a realizar essas potencialidades. Conscientizando-a do que ela pode ser e do que deveria vir a ser, aquele que ama faz com que essas potencialidades venham a se realizar (Frankl, 2021, p. 136).

Este valor vivencial se percebe em especial nas narrativas dos participantes 02 e 03, quando demonstram o amor pelos familiares como impeditivo para o suicídio. O participante 02 revelou o afeto em especial pela mãe causa motriz do seu apego à vida e da própria ressignificação do viver. Já a participante 03 demonstrou este amor afetivo pelos filhos e esposo. Não há que se duvidar que este amor demonstrado é resultado do amor recebido, pois

conforme o excerto acima o amor recebido capacita o amado à realização das suas potencialidades, no caso, a própria disposição para amar.

Na vivência ou experimentação do amor a vida ganha novo sentido tornando-se antídoto contra o desejo de colocar fim à existência. Sabendo disso, compete aos agentes pastorais, este aconselhar para os valores vivenciais, desafiando a pessoa em crise a trazer à memória o amor recebido que implica na oferta de amor que se traduz no compromisso efetivo para com a vida.

Um exemplo bíblico do que explicito acima se encontra no livro de Atos dos Apóstolos 16.27-34, passagem bíblica utilizada como epígrafe no capítulo terceiro. Na ocasião, imaginando que os prisioneiros haviam fugido após um terremoto que ruiu as portas da prisão o carcereiro pretendeu tirar a própria vida, imaginando ser a melhor solução para o seu dilema, tendo em vista, as punições que poderia sofrer dos seus superiores por haver falhado na guarda de prisioneiros. Na ocasião a palavra de Paulo foi crucial para a preservação da vida, pois percebendo a intenção do carcereiro afirmou: “Não faça nenhum mal a si mesmo! Estamos todos aqui” (At 16.28). Que motivos teria Paulo para impedir aquela morte, se por meio dela teria ainda mais facilidade para fugir? O gesto de amor a um desconhecido possibilitou que o carcereiro fosse posteriormente o cuidador das feridas de Paulo e do seu companheiro Silas. Em suma, o amor potencializou o amor.

Já foi destacado nos capítulos anteriores o poder mimético que a morte por suicídio enseja sobre outras pessoas. No exercício do amor, aqueles que tendem a desistir da vida podem contribuir para a fomentação de mais vida naqueles que amam. Nesse sentido Elizabeth Lukas afirma:

Quanto à família, é uma típica argumentação logoterapêutica trazer à consciência das pessoas sob risco de suicídio a hipoteca terrível que seu ato significaria para os demais membros da família. Diversas mães com depressão grave puderam ser convencidas, desta maneira, de desistir totalmente de sua ideia de suicídio, como uma renúncia, heroica realizada consciente e voluntariamente ao assumir corajosamente uma vida, que lhes parecia destituída de valor, a fim de poupar os filhos da “maldição da imitação”. É uma renúncia que, não raramente, tem o efeito de trazer novamente sentido à sua vida, a qual, de repente, não parecia mais tão valorizada (Lukas, 1985, p.188).

O aconselhamento autotranscendente para o valor vivencial deve apontar para o amor que possui o potencial de transformar vidas e dar sentido a existência marcada pelo vazio. Este amor, princípio bíblico fundamental, mas sentimento tão antigo quanto o é o ser humano em seu relacionamento interpessoal, não deve ser desconsiderado na interação entre conselheiros e aconselhados, pois de fato, o amor liberta.

4.2.3. Aconselhando para a autotranscendência por meio do valor atitudinal

Tomar uma atitude frente a inevitabilidade do sofrimento é um imperativo que nos impõe o viver. Entretanto, a atitude autotranscendente não se coaduna com a postura egoísta⁴³ que busca no suicídio a resolução de determinados problemas que o sugere e do qual, muitos não conseguem fugir.

A atitude autotranscendente será percebida ou descoberta com maior facilidade justamente com a ajuda de um facilitador que consiga apresentar a vida sob outra perspectiva para aqueles que estão imersos no próprio sofrimento. É atribuída a Viktor Frankl a frase “Quando a situação for boa, desfrute-a. Quando a situação for ruim, transforme-a. Quando a situação não puder ser transformada, transforme-se”. Tal frase apesar de não ser encontrada literalmente em seus escritos resume bem o seu pensamento quando afirma: “mesmo se a pessoa não puder mudar a situação que causa o seu sofrimento, pode escolher sua atitude” (Frankl, 2016, p.170).

O pensamento de Frankl nos exorta a assumirmos uma postura diante da realidade seja ela favorável ou desfavorável. Neste último caso, a pessoa em crise depara-se com o que Frankl denomina de tríade trágica. Na dissertação de Mestrado, posteriormente publicada como livro, faço uma breve explanação da tríade trágica conforme explicitada por Frankl:

Ao referir-se ao sofrimento (dor), Frankl argumenta que mesmo nele é possível encontrar um sentido quando este sofrimento se torna inevitável. [...] Ao referir-se ao segundo aspecto da tríade trágica, a culpa, Frankl observa que ela não deve ser negada, mas superada a partir de sua admissão. Foi neste sentido que

⁴³ O termo egoísta é utilizado aqui no sentido Durkheimiano apontando para a pouca interação social e no sentido proposto por Barbagli quando se morre por si mesmo.

ele proferiu palavras assertivas que motivaram muitos prisioneiros a mudanças significativas, conforme observamos no capítulo anterior. Por fim, quando Frankl reflete sobre a morte como terceiro aspecto da tríade trágica, convida-nos prioritariamente a considerar a brevidade da vida. Tal dimensão nos obriga a encarar a vida com maior responsabilidade, levando-nos a fazer o melhor uso possível de cada momento de nossa existência (Silva, 2024, p. 138-139).

Na verdade, Frankl está enfatizando a resiliência presente no ser humano que é capaz de se refazer apesar da tragédia. Essa resiliência é denominada nos escritos franklianos de “poder desafiador do espírito humano” (Frankl, 2021, p.169), ou seja, a capacidade de agir responsavelmente em busca de uma vida feliz. Tal felicidade, entretanto, precisa de uma razão, um motivo para ser encontrada, assim, os agentes pastorais podem atuar como facilitadores na descoberta destes motivos ou razões que possibilitarão a vivência da felicidade.

Um personagem bíblico que pode servir de inspiração diante da experimentação da tríade trágica é Jó. Se não houvesse em Jó um compromisso inarredável para com a vida, ele poderia ter sucumbido frente a dor, sentimento de culpa e morte. Não me interessa aqui se o relato de Jó foi verídico ou se se tratava de uma novela bíblica, mas sim de encontrar em Jó uma figura arquetípica para o sofrimento humano que não precisa se render às vozes externas ou internas “amaldiçoe a Deus e morra⁴⁴”, mas pode numa atitude responsável e espiritual ressignificar o viver.

Como Jó, o ser humano em crise deve ser lembrado que diante da dor, a fé pode se estabelecer como caminho de superação do vazio. Diante do sentimento de culpa, o amor de alguém que se importa pode mudar tudo e diante da morte, a esperança faz emergir milagrosamente a vida. O que proponho é o olhar e o apropriar-se das virtudes teológicas quando a tríade trágica atravessa o ser.

⁴⁴ Jó 2. 9b.

4.3. Aconselhando para o Autodistanciamento

O autodistanciamento é outro princípio da Logoterapia que pode contribuir no processo de cuidado e Aconselhamento Psicopastoral. De acordo com Frankl o autodistanciamento se torna possível por meio da técnica logoterapêutica denominada de intenção paradoxal.

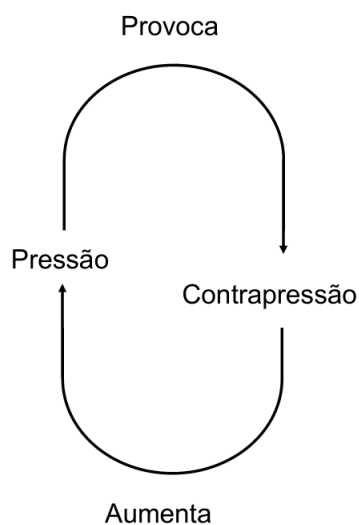
A intenção paradoxal se aplica diante de três padrões patogênicos⁴⁵ que Frankl classifica como neurose de angústia, neurose obsessiva e neurose sexual. Na neurose de angústia o paciente é dominado por uma ansiedade antecipatória que faz com que ele tema que aconteça o que efetivamente mais teme, estabelece-se uma espécie de medo do medo, como por exemplo, um infarto, desmaios ou qualquer outro receio paralisante que por ser assim, gera a agorafobia que resulta na fuga, evitando-se inclusive sair de casa (Cf. Frankl, 1991, p. 34). Na neurose obsessiva, a característica não é a fuga como na neurose de angústia, “mas sim a luta, o combate das ideias obsessivas (Frankl, 1991, p. 35), enquanto no que diz respeito a neurose sexual o paciente “luta por alguma coisa, e ele o faz buscando prazer sexual” (Frankl, 1991, p. 51).

4.3.1. Aconselhando para o autodistanciamento por meio da Intenção Paradoxal

No que diz respeito a intenção suicida penso que a intenção paradoxal frente a neurose obsessiva se aplica perfeitamente, pois o que se teme é “transformar em realidade ideias obsessivas de conteúdo criminoso, fazendo alguma coisa contra alguém ou **contra si próprio**” (Frankl, 1991, p. 35 – grifo nosso). Diferentemente do “medo do medo” presente na neurose de angústia, na neurose obsessiva o medo é de si próprio (Cf. Frankl, 1991, p. 35). No medo de si próprio o neurótico obsessivo tende a lutar contra si mesmo, ocasionando, porém, uma contrapressão à pressão anterior. A figura abaixo explicita o que acabo de mencionar:

⁴⁵ Etimologicamente o termo tem origem no grego e se refere a origem do sofrimento. Pathos= dor/sofrimento e genos= origem/nascimento.

Figura 12 - Padrão patogênico da neurose obsessiva



Adaptado de Frankl, 1991, p. 36

Para se evitar o ciclo vicioso de pressão e contrapressão que apenas fomenta a obsessão por meio da luta, Frankl propõe que uma “passividade adequada do paciente – [...] pode ir tão além que as ocorrências obsessivas cairiam num tipo de atrofia por inatividade” (Frankl, 2016, p. 133). A passividade adequada enquanto intenção paradoxal estaria relacionada a uma derreflexão, mas apenas é possível ignorar algo, ou seja, fazer a derreflexão solicitada, à medida que se passa ao largo desse algo, à medida que a pessoa passa a existir para outra coisa (Cf. Frankl, 2016, p. 210).

Nesse sentido, a passividade adequada, que ignora o sintoma por meio da derreflexão e ironiza o sintoma por meio da intenção paradoxal, acaba por fomentar uma atividade adequada que deixa o sintoma à margem e passa a existir em direção a algo (Cf. Frankl, 2016, p. 211). De maneira especial, foi possível perceber o autodistanciamento, essa capacidade de deixar de lutar contra a obsessão na narrativa da participante Vitória. Em determinado momento ela afirmou:

“Eu tenho que lutar contra isso, contra esse desejo” (Vitória).

A expressão “*lutar contra isso*” não deve ser compreendida como luta no sentido identificado na neurose obsessiva, pois do contrário o resultado seria

maior “suicidofobia” (Frankl, 2016, p. 190), mas sim, no sentido de agir passivamente. Mais à frente ela também disse:

“Aí eu comecei a fazer, aí comecei a trabalhar, comecei a trabalhar fora. E toda vez que vinha aquela tristeza e aquela vontade, eu parava, pensava e procurava um escape. Não, não vou fazer nada comigo. Eu vou sair, eu vou respirar, eu vou escutar música, eu vou ocupar minha mente com outra coisa para não cair na tentação de tentar de novo. E assim tem sido. Desde então, toda vez que me vem aquela vontade, aquela tristeza, eu já sei. [...] Começa a vir esses pensamentos, eu largo tudo, vou andar, vou conversar com as pessoas e conto do que eu passei” (Vitória).

A passividade adequada da Vitória a levou a desocupar-se das intenções suicidas e se ocupar com outras coisas ou pessoas. Foi possível perceber na Vitória a partir da sua consciência espiritual o seu compromisso para com a vida a despeito das lutas internas. A capacidade de autodistanciamento presente na Vitória tem possibilitado que ela abra espaço para outras ações e para a ressignificação da própria vida.

4.3.2. O Autodistanciamento de alguns personagens bíblicos

O autodistanciamento é percebido em diferentes personagens bíblicos. Por exemplo o autor de Lamentações, mesmo diante do sofrimento opta por “trazer a memória o que lhe poderia dar esperança” (Lm 3.21). O autor poderia ter se consumido diante da tragédia que vislumbrava no presente, mas optou por encontrar sentido no futuro. Mesmo em correntes por causa do Evangelho, Paulo manifestava e estimulava a igreja para que se alegrassem sempre no Senhor (Cf. Filipenses 1).

De igual modo, dentro de uma infinidade de personagens possíveis, menciono o próprio Jesus que diante da inevitabilidade da própria morte, frente sua postura autotranscendente e obediente aos valores do Reino afirmou em oração ao Pai “não seja como eu quero, mas como tu queres” (Mt 26.39) demonstrando, assim, em seu autodistanciamento a passividade e atividade adequadas.

Aconselhar para o autodistanciamento não significa convidar o aconselhando a esquecer suas próprias dores e inquietações existenciais, pelo contrário, é um convite para que sabendo de si, possa optar livremente por lutar não sucumbindo as condições psicofísicas. Tal qual a autotranscendência, o autodistanciamento não se alcança na imposição externa, mas na disposição interna, no emergir do consciente espiritual, nesse sentido, o agente pastoral pode apenas ser facilitador no processo de autodistanciamento e rompimento do ciclo que promove a neurose obsessiva.

4.4. A relevância do Aconselhamento Psicopastoral centrado no sobrevivente

As entrevistas semiestruturadas com os participantes da pesquisa aconteceram virtualmente (as duas primeiras) e presencialmente (a última) conforme sequência apresentada no terceiro capítulo. O Antônio Carlos, participante 01 afirmou em determinado momento que na igreja havia sido ouvido e acolhido e de igual modo a Vitória, participante 03, também relatou a importância de ser ouvida sem julgamentos, tais testemunhos me fizeram pensar na importância da empatia, ainda que essa palavra não tenha sido utilizada por eles. A importância da empatia percebida nas narrativas me preparou para exercitá-la no ouvir atentamente a participante 03 (Vitória) que por diversos momentos não conseguiu conter o choro provocado pelas memórias e pelo partilhar das suas experiências, olho no olho, não mediada pela tela do computador.

Após a entrevista com a Vitória me retirei do local muito reflexivo e tamanha reflexão me fez retornar e ofertar um abraço que foi carinhosamente aceito. Essa experiência me fez pensar na importância da escuta empática, pois o afeto tende a afetar aqueles que se sentem solitários em seus dramas. Para além da escuta empática, outros pressupostos da abordagem rogeriana se apresentam como relevantes, por isso, o termo aconselhamento centrado no sobrevivente.

Falar sobre o drama do suicídio constitui-se num enorme tabu ainda em nossos dias. Esse tabu se explicitou no âmbito da pesquisa a partir da dificuldade

para encontrar participantes com disposição e coragem de narrar suas próprias experiências. Quanto aqueles que se dispuseram me interpelava o texto sagrado, “tire as sandalhas dos pés, porque o lugar em que você está é terra santa” (Êxodo 3. 5), pois falar de algo tão difícil requer de quem ouve o respeito e a capacidade de não julgar, ao tempo em que na interação pesquisador e participantes precisamos ser autênticos. Na perspectiva rogeriana se faz necessário, portanto, além da escuta empática, a consideração positiva incondicional e a congruência, termos que serão explicitados nos tópicos seguintes em correlação com o aconselhamento psicopastoral centrado no sobrevivente. Antes, porém, julgo necessário uma breve explicitação biográfica de Carl Rogers.

4.4.1. Carl Rogers e o processo de tornar-se pessoa

Carl Rogers se descreve em *Tornar-se Pessoa* como um ser educado no âmbito de uma família religiosa com valores morais rígidos que fizeram aflorar o sentimento de culpa frente a realização de coisas que se configurariam como pecado a partir da moralidade aprendida e apreendida. A respeito da influência religiosa nas coisas mais comuns ele afirma: “mesmo as bebidas não alcoólicas tinham um aroma de pecado e lembro-me do meu leve sentimento de culpa quando bebi meu primeiro refrigerante” (Rogers, 1997, p. 6). Por influência do pai, dedicou-se à agricultura inicialmente ingressando no curso de Agricultura, mas sendo no próprio ambiente estudantil influenciado para a vocação religiosa.

No Union Theological Seminary começou a se preparar para o que denomina de “missão religiosa” (Rogers, 1997, p. 8), intento que foi posteriormente frustrado devido, inclusive, a possibilidade de reflexão teológica e vocacional com liberdade oferecida pelo Union. Ao final de um congresso organizado pelos discentes que buscava levantar questões ou dúvidas por eles próprios, Rogers chegou a seguinte conclusão:

Tomava-se para mim terrível *ter* de professar um certo número de crenças para poder me manter na profissão. Eu queria encontrar um campo no qual pudesse estar seguro de que a minha liberdade de pensamento não sofreria restrições (Rogers, 1997, p. 9).

O desencantamento com a confessionalidade religiosa fez com que Rogers se aproximasse da Psicologia e Psiquiatria, área em que se realizou como profissional e como ser humano em busca de um sentido para a vida. Entretanto, a realização profissional foi marcada por desilusões necessárias para o seu amadurecimento enquanto psicólogo clínico. A tríplice desilusão é descrita por ele nos seguintes termos: “desilusão em relação a uma autoridade, em relação ao material e em relação a mim mesmo” (Rogers, 1997, p. 11).

Em relação a autoridade o que caracterizou sua desilusão foi o entendimento de que o conhecimento não cessa e que determinada perspectiva psicológica pode não dar conta de tudo. Em relação ao material, a sua desilusão se deveu ao fato de perceber posteriormente em algo que apreciava um “tipo de interrogatório judicial em que o entrevistador conseguia convencer a mãe das suas motivações inconscientes e levá-la a admitir a sua culpabilidade” (Rogers, 1997, p. 12). E em relação a si mesmo, quando se deu conta, enfim, de que não ele, mas a própria pessoa/cliente “que sabe aquilo de que sofre, qual a direção a tomar, quais problemas são cruciais, que experiências foram profundamente recalçadas” (Rogers, 1997, p. 13).

A desilusões necessárias experimentadas por Rogers fizeram como que ele formulasse o Aconselhamento Centrado na Pessoa (ACP), enfatizando inicialmente a ideia do aconselhamento *não-diretivo*, termo que foi substituído posteriormente por *centrado na pessoa/cliente*, reafirmando que não se tratava de processo terapêutico sem algum procedimento objetivo por parte do conselheiro, como se poderia interpretar a partir do termo *não-diretivo*, mas que o papel do terapeuta era o de contribuir para que a pessoa pudesse encontrar seus próprios caminhos para a superação da crise, fosse ela, de que ordem fosse.

Esse crescimento da pessoa se dá na perspectiva rogeriana a partir de algumas atitudes facilitadoras e que são, a partir das narrativas dos sobreviventes aplicáveis na prática do Aconselhamento Psicopastoral na prevenção indicada ao suicídio.

4.4.2. O Aconselhamento Psicopastoral e o empoderamento do sobrevivente para a vida

Dentre as atitudes facilitadoras, a congruência se apresenta como caminho de empoderamento do sobrevivente para uma vida mais significativa e repleta de sentido. O termo congruência na perspectiva rogeriana aponta para a autenticidade do terapeuta diante do seu cliente o que permite ao cliente ser igualmente congruente. Por congruência Rogers afirma:

Com este termo, procura-se significar que os sentimentos que o terapeuta estiver vivenciando estão disponíveis para ele, disponíveis para sua consciência e ele pode viver esses sentimentos, assumi-los e pode comunicá-los, se for o caso. Ninguém realiza plenamente esta condição e, portanto, quanto mais o terapeuta souber ouvir e aceitar o que se passa em si mesmo, quanto mais ele for capaz de assumir a complexidade dos seus sentimentos, sem receio, maior será o seu grau de congruência (Rogers, 1997, p. 71).

Essa capacidade do terapeuta em se colocar diante do seu cliente sem as máscaras que o impedem saber estar diante de uma pessoa autêntica, possibilitará a sua própria transformação e empoderamento para ser quem se é. Nesse sentido Rogers afirma que “quanto mais autêntico e congruente o terapeuta for na relação, maior possibilidades (sic) haverá de que ocorram modificações na personalidade do cliente” (Rogers, 1997, p. 72). A congruência diz respeito muito mais a atitude do terapeuta que poderá reverberar positivamente na personalidade do cliente.

No Aconselhamento Psicopastoral, também se requer uma atitude congruente entre o agente pastoral e o sobrevivente. Ao primeiro compete vivenciar a experiência do momento em sua plenitude, ou seja, desejar estar ali, se interessar em ouvir o sobrevivente, se interessar pela perspectiva apresentada pelo sobrevivente com o objetivo de compreendê-lo melhor. Estes sentimentos, se sinceros serão congruentes, se o agente pastoral demonstrar e desejar o que demonstra, pois o apenas demonstrar sem desejar, implicará na

incongruência do seu próprio ser. A congruência percebida trará benefícios para o processo de aconselhamento.

A congruência possibilitará no sobrevivente diante do aconselhamento a liberdade necessária para ser quem se é e para a partir da própria congruência traçar caminhos para o empoderamento de si. Sandro José Gomes afirma que:

O crescimento pessoal é impedido na medida, em que o sujeito vai se negando e assim estará distorcendo outras experiências e criando novas ocasiões de incongruência, portanto a abordagem centrada na pessoa viabilizaria ao método empoderador o alcance de seus objetivos primordiais (Gomes apud, Gomes, Silva & Gomes, 2012, p. 180).

Gomes denomina de método empoderador, o modo pelo qual o aconselhamento se dá, visando o empoderamento ou crescimento da pessoa aconselhada. Neste método não é apenas o agente pastoral que observa, é ele próprio, observado em sua congruência ou incongruência o que possibilitará a depender da mensagem que passa para o aconselhando/sobrevivente a possibilidade do seu empoderamento ou não naquele processo de aconselhamento.

4.4.3. A escuta empática no Aconselhamento Psicopastoral a partir de uma abordagem Rogeriana

As atitudes facilitadoras a partir da perspectiva rogeriana são imbrincadas umas às outras, mas não se confundem. Assim, a compreensão empática, outra atitude facilitadora se relaciona, mas diverge na congruência por não apenas explicitar interesse, mas por desejar compreender o mundo do cliente. Por compreensão empática Rogers conceitua:

Captar o mundo particular do cliente como se fosse o seu próprio mundo, mas sem nunca esquecer esse caráter de "**como se**" - é isso a empatia, que surge como essencial no processo terapêutico. Sentir a angústia, o receio ou a confusão do cliente como se se tratasse de sentimentos seus e, no entanto, sem que a angústia, o receio ou a confusão do terapeuta se misturassem com os do cliente, tal é a condição que estamos tentando descrever (Rogers, 1997, p. 327 – grifo nosso).

Gomes procura relacionar a atitude facilitadora de compreensão empática com o método de interação pessoal no Aconselhamento Psicopastoral ao afirmar que:

Este método tem por fundamento a demonstração positiva da percepção da presença do outro. Para que exista interação pessoal efetiva é necessário que as pessoas se reconheçam enquanto sujeitos na relação comunicativa. [...] Neste método a perspectiva de empatia defendida na abordagem centrada na pessoa de Rogers é fundamental (Gomes, 2012, p. 184).

É relacionando a compreensão empática com o método de interação pessoal que penso na escuta empática como disposição imprescindível no aconselhamento a partir das experiências dos sobreviventes e participantes da pesquisa, pois essa escuta empática possibilitou o crescimento destes e por certo, possibilitará o crescimento daqueles e daquelas que lutam com o drama do suicídio. O Participante Antônio Carlos explicita a importância da escuta em sua narrativa ao afirmar: “*Significa que... Tipo, que eles estiveram comigo, me apoiaram, viram... Falaram comigo, viram... Queriam me ajudar de verdade*” (Antônio Carlos).

A escuta empática deve além de manifestar interesse pelo que o sobrevivente tem a dizer, procurar explicitar diante dele compreensão do que diz, como se estivesse em seu lugar, “*como se*”, para utilizar a expressão rogeriana. Este *como se*, é importante para que o agente pastoral não se perca ou se confunda com o próprio sobrevivente, mas apenas evidencie empatia e plena compreensão dos sentimentos que expõe diante de si.

4.4.4. O acolhimento no Aconselhamento Psicopastoral a partir da abordagem Rogeriana

Além da congruência que visa o empoderamento e da escuta empática que avisa ao aconselhando o quanto o agente pastoral se importa e compreende ou pelo menos tenta compreender o que sente, o acolhimento deve se estabelecer como premissa do Aconselhamento Psicopastoral na Prevenção

Indicada ao Suicídio. Na verdade, a escuta empática e o acolhimento se personificam por meio do agente pastoral como seres de mãos dadas com o aconselhando/sobrevivente até que ele tenha condições de caminhar sozinho.

O acolhimento pode ser comparado à consideração positiva incondicional, terceira atitude facilitadora preconizada por Rogers. Essa atitude facilitadora “trata-se de um sentimento positivo que se exterioriza sem reservas e sem avaliações. A expressão a que se recorreu para designar a situação foi "consideração positiva incondicional"” (Rogers, 1997, p. 72). Em outras palavras, trata-se da capacidade do ouvinte ouvir sem julgar, ao tempo em que demonstra uma preocupação real com o aconselhando/sobrevivente sem quaisquer condicionamentos. Nas palavras de Rogers é:

[...] sentir uma calorosa preocupação pelo seu cliente- uma preocupação que não é possessiva, que não exige qualquer gratificação pessoal. É simplesmente uma atmosfera que demonstra: "Eu me preocupo"; e não "Eu me preocupo com você se comportar desta ou daquela maneira" (Rogers, 1997, p. 326).

O que pode ter levado determinado sobrevivente a inúmeras tentativas de suicídio? Este questionamento deve ser feito, mas ao se ouvir os fatores precipitantes, predisponentes ou quaisquer outros fatores que incidiram sobre o sobrevivente, o agente pastoral pode sucumbir à tentação do juízo. Os juízes estão sempre a espreita com julgamentos apressados “Ah, que idiota, Ah, mas é um fraco mesmo” (Fukumitsu, 2019, p.60), ainda podem insinuar “egoísmo ou falta de Deus no coração” (Fukumitsu, 2019, p.60) e agentes pastorais nada congruentes com a essência da sua vocação e sem empatia podem trilhar por este caminho.

Por outro lado, quanto mais expressam consideração positiva incondicional que se expressa no acolhimento, mais os agentes pastorais poderão contribuir para que o sobrevivente ressignifique mais a sua própria vida. Guardados os limites de interação entre o agente pastoral e sobrevivente do suicídio, ele poderá e muito, contribuir para o crescimento do sobrevivente. De modo geral, a respeito das atitudes facilitadoras Rogers afirma:

Quanto mais o cliente percebe o terapeuta como uma pessoa verdadeira ou autêntica, capaz de empatia, tendo para com ele

uma consideração incondicional, mais ele se afastará de um modo de funcionamento estático, fixo, insensível e impessoal, e se encaminhará no sentido de um funcionamento marcado por uma experiência fluida, em mudança e plenamente receptiva dos sentimentos pessoais diferenciados. A consequência desse movimento é uma alteração na personalidade e no comportamento no sentido da saúde e da maturidade psíquicas e de relações mais realistas para com o eu, os outros e o mundo circundante (Rogers, 1997, p. 77).

A partir das narrativas dos participantes da pesquisa e sobreviventes do suicídio, os pressupostos de Carl Rogers no que tange ao Aconselhamento Centrado no Cliente são plenamente aplicáveis ao Aconselhamento Psicopastoral na prevenção indicada ao suicídio, pois, o objetivo deve ser que o aconselhando/sobrevivente possa dar sentido a sua existência resignificando a sua própria vida. Estes serão empoderados a partir da congruência do agente pastoral e deles próprios, a partir da escuta empática que se envolve e busca compreender e do acolhimento incondicional que possibilita ao aconselhando/sobrevivente ser quem se é, transformando-se no que for necessário para o bem viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente Tese é resultado das minhas inquietações objetivas e subjetivas quanto ao fenômeno do suicídio. Essas inquietações me levaram em primeiro lugar à necessidade de conhecer o fenômeno a partir de diferentes perspectivas, pois o amor pela vida me interpelava quanto ao porquê do flerte de tantos com a morte.

Como seres conscientes da própria finitude, pensava e ainda penso, que a vida deve ser experimentada da melhor maneira possível, administrando-a bem, neste curto espaço de tempo que nos lega a existência. Essa convicção me levou aos estudos no intuito de ajudar aqueles e aquelas que lidam com o drama do suicídio, entretanto, ao me conscientizar da complexidade do fenômeno fui levado à reflexão de que na maioria das vezes o suicídio não é uma opção dentre várias possíveis para aqueles que sofrem, sendo estes na verdade, vítimas do suicídio imposto pelo meio que culpabiliza o ser, ao tempo que ignora ou viabiliza as condições subjacentes ao suicídio.

O suicídio é multifatorial e multicausal, no corpo da Tese procuramos explicitar isso a partir de diferentes campos epistemológicos. Por isso mesmo, diferentes áreas do conhecimento humano precisam cada vez mais se unirem para melhor compreensão do fenômeno em benefício das pessoas. Em decorrência da natureza da pesquisa, que visa subsidiar agentes pastorais para o cuidado junto aos sobreviventes, a Teologia, precisa estar na vanguarda dessa abertura epistemológica reconhecendo suas próprias limitações e dependência de epistemologias contemporâneas, ao passo que precisa efetivamente abandonar os pressupostos medievais que culpabilizam a pessoa vítima do suicídio e a classifica pelo seu ato, como suicida que se desesperou por não confiar em Deus.

Os modelos de aconselhamento pastoral experimentados no âmbito dos espaços eclesiais precisam ser colocados sob suspeita quando almejam o crescimento da pessoa em crise, ou com intenção suicida, mas ao mesmo tempo a culpabiliza com a mera exposição de textos bíblicos, sobretudo, no aconselhamento noutético. Um olhar abrangente para a realidade brasileira se faz necessária e as questões de gênero, raça e condições sociais não podem

ser ignoradas, pois, essas questões são atravessadas pelo fenômeno do suicídio.

No âmbito desta pesquisa este atravessamento de raça e gênero, sobretudo, na questão homoafetiva, não pode ser aprofundada para além dos apontamentos feitos no capítulo primeiro, tendo em vista que dois dos participantes se declararam brancos e heteronormativos e um dos participantes se declarou pardo e heteronormativo. Por sua vez, o participante que se denominou pardo não apontou em sua narrativa a implicação étnica para as tentativas de suicídio, ainda que essa questão, possa ter o atravessado subjetivamente.

Como apontei anteriormente, devido a complexidade do tema, poucos se dispuseram à participação, ainda que resguardadas as identidades como previsto no TCLE. Assim, ouvir outros sobreviventes e possíveis participantes se apresenta como desafio de futuras pesquisas para maior compreensão de processos de aconselhamento. Por este momento, o explicitado na presente Tese no que diz respeito aos caminhos para o Aconselhamento Psicopastoral na prevenção indicada junto aos sobreviventes do suicídio não exclui os ditos grupos minoritários, considerando a aplicabilidade e transferibilidade, próprios da pesquisa qualitativa.

As pessoas que não logram êxito em seu intento ao suicídio, repito, como vítimas em uma sociedade que fomenta o suicídio, não podem ser estigmatizadas diante do tabu que ainda cerca o tema. Por isso, essas pessoas precisam ser ouvidas em suas dores para que a partir destas dores, caminhos para um aconselhamento que efetivamente contribua para a vida possam ser delineados, pois sem a voz efetiva daqueles que sofrem e que sobrevivem ao drama do suicídio o aconselhamento tende ao clericalismo que hierarquiza as relações e condiciona a pessoa sobrevivente apenas a receptáculo de conhecimento para resolver o seu drama.

A contribuição desta Tese no âmbito das Ciências da Religião está para além da reflexão sobre o fenômeno do suicídio, da denúncia aos espaços eclesiais que deveriam ser espaços fomentadores de vida no olhar e escuta sensível àqueles que tem muito a dizer e contribuir, inclusive para novos

paradigmas nos âmbitos da Teologia Prática e do Aconselhamento Pastoral propriamente dito, no ouvir os sobreviventes do suicídio tendo como apoio metodológico a Pesquisa Narrativa enquanto epistemologia extremamente relevante para a pesquisa qualitativa e, no apontar a partir da interpretação hermenêutica das narrativas o cuidado e aconselhamento psicopastoral como proposta de abordagem. A presente proposta é, portanto, devedora também daqueles e daquela que narraram suas experiências, permitiram os registros textuais e me possibilitaram conhecer parte da textura de suas vidas tão preciosas.

Por meio do modelo de Aconselhamento Psicopastoral pretende-se, conforme apresentado na pesquisa, a superação dos modelos já sedimentados, mas que mais estigmatizam que promovem a libertação daqueles e daquelas que lidam com o drama do suicídio. Trata-se, portanto, de um modelo, aberto à interdisciplinaridade, sobretudo na correlação dos saberes teológicos e psicológicos. Assim, o Cuidado Aconselhamento Psicopastoral incluem, como se percebeu nas narrativas dos sobreviventes em correlação com arcabouço teórico, a autotranscendência e o autodistanciamento como caminhos para a superação da crise, pois sentidos para o viver se apresentam quando encaramos a existência de maneira autotranscendente e responsável a partir do emergir do ser espiritual na concepção frankliana e quando nos distanciamos de nós mesmos rompendo o ciclo de pressão e contrapressão.

De igual modo, no presente modelo, se torna importante a abertura para uma escuta genuinamente empática onde os sobreviventes do suicídio possam se expressar livre e confiantemente sentindo-se empoderados e novamente compromissados com a vida apesar das suas adversidades.

O Aconselhamento é sempre endereçado às pessoas que recorrem a ajuda pastoral em decorrência de alguma situação limite que suscita ajuda. Para cada situação é certo que determinadas abordagens serão mais assertivas que outras. No que diz respeito ao Aconselhamento Psicopastoral na prevenção indicada ao suicídio, minha esperança e expectativa é que a pesquisa apresentada seja uma contribuição significativa para o âmbito pastoral e para além dele, junto aos sobreviventes do suicídio, pois é realmente a partir destes

e em solidariedade a eles, que caminhos sobre o viver foram delineados na pesquisa. Entretanto, o delineamento dos caminhos apresentados, não encerra a caminhada e a necessidade de contínua reflexão do fenômeno do suicídio na perspectiva aqui adotada, ou seja, de valorização da vida e de ressignificação do viver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Filipa. **Efeito de Werther**. *Análise Psicológica* (2000), 1 (XVIII): 37-51. Disponível em: Acesso em: 09 de agosto, 2023.

A Flauta Mágica – **libreto**. Disponível em: <<http://www.calatonia.org/download/a-flauta-magica-libreto/>> acesso em 09 de agosto de 2023.

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/inferno.pdf>> Acesso em 05 de Março. 2024.

AMADO, João. VIEIRA, Cristina C. **A validação da investigação qualitativa**. *In: Manual de investigação qualitativa em educação*. Portugal. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.

AQUINO, São Tomas. **Suma Teológica**. Questão 64, Artigo 5. Disponível em: <<https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teologica.pdf>>. Acesso em 05 de Março. 2024.

ARIÉS, Phillippe. **História da morte no ocidente: Da Idade Média aos nossos tempos**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2017.

Associações entre uma campanha brasileira de conscientização sobre suicídio e tendências de suicídio de 2000 a 2019: análise de ponto de junção e descontinuidade de regressão. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0165032724013661> acesso em: 06 de novembro de 2024.

AZEVEDO, Adriana Barroso. BORREGO, Cristhiane Lopes. VILELA, Elaine Gomes. **Pesquisa Narrativa: uma proposta metodológica a partir da experiência**. *Revista Estudos Aplicados em Educação*. São Caetano do Sul, SP | v.6 | n. 12 | p. 75-84 | 2021.

ALVES, Felipe Rocha. SANTOS, Thalyta Brito Rafael dos. SOUZA, Evanice Avelino de. **Falta de reconhecimento profissional: principal motivo de estresse em policiais militares**. *Rev Bras Med Trab*. 2022;20(3):438-444.

ARAGÃO, R. M. R. de. **Memórias de formação e docência: bases para pesquisa narrativa e biográfica.** In: CHAVES, S. N.; BRITO, M. dos R. de (Orgs). *Formação e Docência: perspectivas da pesquisa narrativa e autobiográfica.* Belém: CEJUP, 2011.

BACELAR, Aloisio Said. **Por um Aconselhamento Pastoral Integral a partir do diálogo entre Teologia e demais Ciências Humanas.** Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2018.

BASTOS, Daniela Freitas. LUZ, Rodrigo. **Experiências contemporâneas sobre a morte e o morrer. O legado de Elisabeth Küber-Ross para os nossos dias.** São Paulo. Summus, 2019.

BENAVIDES, Mario Fernando Hernández. ROSERO, Dario Javier Guerrero. ***Validación del modelo cúbico del suicidio para la predicción de la conducta suicida en estudiantes de bachillerato de la ciudad de Ipiales.*** Project Report. Universidad de Nariño - SIREN, Pasto, Colombia, 2010.

BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado. Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião.** São Paulo: Paulus, 1985.

BERTOLETE, José Manoel. **O suicídio e sua prevenção.** São Paulo: Editora Unesp, 2012.

BEVINGTON, Linda K. CUTRER, William. CONNINGHAM, Paige C. DEMY, Timothy J. KILNER, John F. O'MATHÚNA, Dónal P. STUART, Gary. **Perguntas básicas sobre Suicídio e Eutanásia. É certos praticá-los?** São Paulo: Editora Cultura cristã, 2004.

BÍBLIA SAGRADA. **Traduzida em português por João Ferreira de Almeida.** Revista e Atualizada no Brasil. 2ª ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. 896p.

BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO 33. **Secretaria de Vigilância em Saúde. Ministério da Saúde.** Volume 52. Setembro de 2021.

BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO 04. **Secretaria de Vigilância em Saúde. Ministério da Saúde.** Volume 55. Fevereiro de 2024.

BOTEGA, Nery José. **Comportamento suicida: epidemiologia**. Psicologia USP – Volume 25 – número 3. 2014, páginas 231-236.

BRITO, Hérica Landi de; SEIDL, Eliane Maria Fleury; COSTA-NETO, Sebastião Benício. **Coping religioso de pessoas em psicoterapia: um estudo preliminar**. Contextos Clínicos, vol. 9, n. 2, Julho-Dezembro 2016.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2018.

CASSORLA, Roosevelt M. S. **Suicídio**. São Paulo: Editora Blucher, 2017.

CHAVES, Aldamir Ribeiro. **Quando a vontade de viver parou**. In: SCAVACINI, Karen. (org.). História de sobreviventes do suicídio. São Paulo. Instituto Vita Alere, Benjamin Editorial, 2018.

CLANDININ, D. Jean. CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: Experiência e História em Pesquisa Qualitativa**. Uberlândia. Edufu, 2011.

CUNHA, Maria Isabel. **Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino**. Revista da Faculdade de Educação. v.23, n.1/2, p.185-195, jan./dez. 1997.

COBB JR. John. **Homossexualidade e Bíblia**. In: Homossexualidade perspectivas cristãs. Tradução de Jaci Maraschin. São Paulo: Fonte Editorial, 2008.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE HOMENS PRESBITERIANOS – CNHP. **O que a Bíblia diz sobre: O amor de Deus, sucesso, medo, morte, vida eterna, esperança, salvação, corrupção, sexo, dor, paz, depressão, aborto, casamento, dinheiro, fé e outros**. Igreja Presbiteriana do Brasil, 2009.

D' ASSUMPÇÃO. Evaldo Alves. **Aspectos culturais e psicológicos da morte**. In: D' ASSUMPÇÃO. Evaldo Alves. D' ASSUMPÇÃO. Gislaine Maria. BESSA, Halley Alves. (Coordenação). Morte e Suicídio. Uma abordagem multidisciplinar. Petrópolis, Vozes, 1984.

ESCOLA DE SAÚDE PÚBLICA DO PARANÁ. **Prevenção do Suicídio**. Secretaria da Saúde/Governo do Estado. 2019.

Estudo mostra que casos de suicídio no Brasil tiveram crescimento maior após Setembro Amarelo; Associação Brasileira de Psiquiatria contesta. Disponível em:< <https://g1.globo.com/saude/noticia/2024/09/30/estudo-mostra-que-casos-de-suicidio-no-brasil-tiveram-crescimento-maior-apos-setembro-amarelo-associacao-brasileira-de-psiquiatria-contesta.ghtml>>. Acesso em 8 de novembro de 2024.

FERRAROTI, Franco. **Sobre a autonomia do método biográfico.** In: FINGER, Mathias. NÓVOA, António. (org.). O método autobiográfico e a formação. São Paulo. Paulus, 2010.

FITZPATRICK, Elyse M. JOHNSON, Dennis E. **Aconselhamento a partir da Cruz.** São Paulo: Vida Nova, 2018.

FUKUMITSU, Karina Okajima. **Sobreviventes enlutados por suicídio: Cuidados e intervenções.** São Paulo: Summus Editorial, 2021.

DE FRANCO, Clarissa. **A cara da morte. Os sepultadores, o imaginário fúnebre e o universo onírico.** Aparecida/SP. Ideias e Letras, 2010.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração.** São Leopoldo: Sinodal. Petrópolis: Vozes, 2021.

_____. **Psicoterapia e Sentido da Vida.** São Paulo: Quadrante, 1989.

_____. **Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. **O sofrimento de uma vida sem sentido: Caminhos para encontrar a razão de viver.** São Paulo: É Realizações, 2015.

_____. **A Psicoterapia na prática.** Campinas, SP. Papyrus, 1991.

_____. **Teoria e Terapia das Neuroses. Introdução à logoterapia e à análise existencial.** 1. Ed - São Paulo: É Realizações. 2016.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos.** São Paulo. Companhia das Letras, 2012.

GOMES, Sandro José. **Terapia Centrada no Cliente no Aconselhamento Pastoral**. PSIQUE – ISSN 1647-2284 – N.º 8 – Janeiro-Dezembro 2012 – pp. 163-188.

HECKERT, Uriel. **O Aconselhamento Pastoral**. In: Psicologia e ajuda pastoral. São Paulo: Nascente Livraria e Editora, s/d.

HIDALGO, Carla. **Fica, vai ter bolo**. In: SCAVACINI, Karen. (org.). História de sobreviventes do suicídio. São Paulo. Instituto Vita Alere, Benjamin Editorial, 2018.

HOCH, Lothar Carlos. **Psicologia a Serviço da Libertação, Possibilidades e Limites da Psicologia na Pastoral de Aconselhamento**. São Leopoldo: Estudos Teológicos, 1985.

JOSGRILBERG, Rui. **O que é Hermenêutica?** Revista do NUFEN. Phenomenology and Interdisciplinarity, 2024.

LEENAARS, Antoon A. **Edwin Shneidman on suicide**. Norwegian Institute of Public Health, Division of Mental Health, Department of Suicide Research and Prevention. Suicidology Online 2010; 1:5-18.

LE BRETON, David. **Desaparecer de si: Uma tentação contemporânea**. Petrópolis. RJ: Vozes, 2018.

LEITH, John H. **A Tradição Reformada: uma maneira de ser a comunidade cristã**. São Paulo: Pendão Real, 1997.

LINHARES, Jorge. **Suicídio**. Belo horizonte: Editora Getsêmani, 2015.

MINOIS, George. **História do inferno**. São Paulo: Editora Unesp, 2023.

_____. **História do Suicídio**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

MOSÉ, Viviane **Nietzsche hoje: sobre os desafios da vida contemporânea**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2018.

NETO, Francisco Lotufo. **O Pastor e a Psicoterapia**. In: Psicologia e ajuda pastoral. São Paulo: Nascente Livraria e Editora, s/d.

NEVES, Flávio José de Lima. **O suicídio na perspectiva psicanalista**. In: Morte e Suicídio: Uma abordagem Multidisciplinar. Petrópolis. Editora Vozes, 1984.

NIEDERKROTENTHALER, T., VORACEK, M., HERBERTH, A., TILL, B., STRAUSS, M., ETZERSDORFER, E., EISENWORT, B., & SONNECK, G. (2010). **Papageno v Werther effect**. BMJ, 341, c5841. <https://doi.org/10.1136/bmj.c5841>.

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de. MOTT, Luiz. **Relatório do Grupo Gay da Bahia** – 1. ed. – Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia. Departamento de saúde mental transtornos mentais e comportamentais**. Genebra, 2000.

PAULA, Blanches de. SILVA, Vardilei Ribeiro. **Logoterapia e Teologia: uma hipótese autotranscendente para o aconselhamento pastoral junto às pessoas com tendências suicidas**. Revista Caminhando v. 25, n. 3, p. 51-63, set./dez. 2020.

RICOEUR, Paul. **A vida: uma narrativa em busca de narrador** In: Escritos e conferências I, trad. Edson Bini, São Paulo, Loyola, 2010.

ROGERS, Carl. **Tornar-se pessoa**. São Paulo. Martins Fonte, 1997.

SATHLER-ROSA, Ronaldo. **Aconselhamento Pastoral**. In: Fernando Bortolletto Filho (Org.). Dicionário Brasileiro de Teologia. São Paulo. Aste, 2008.

SANTOS, Rodrigo Ferreira dos. **Memórias na comunidade atlântica: um estudo a partir do romance les fantômes du brésil (2013)**. Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, 2022.

SCAVACINI, Karen (Org.). **Histórias de sobreviventes do suicídio**. São Paulo: Instituto Vita Alere, Benjamin Editorial, 2018.

SCHIPANI, Daniel S. **O caminho da sabedoria no Aconselhamento Pastoral**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

Schneider-Harpprecht, Christoph. **As transformações do aconselhamento pastoral até hoje**. Estudos Teológicos São Leopoldo v. 56 n. 2 p. 306-320 jul./dez. 2016.

_____. **Aconselhamento Pastoral** *In*: Teologia Prática no Contexto da América Latina. São Leopoldo. Sinodal/Aste, 2005.

SILVA, Vardilei Ribeiro da. **Aconselhamento Pastoral e Logoterapia: Convergências possíveis frente ao suicídio**. Porto Alegre. Editora Fi, 2024.

SILVA, Vardilei Ribeiro da. PAULA, Blanches de. DE FRANCO, Clarissa. **Suicídio e luto no contexto da pandemia de COVID-19: Análise psicossocial dos atravessamentos de gênero e religião**. Mandrágora, v.28, n. 2, 2022, p. 141-164.

SUICÍDIO. Disponível em: < <https://www.who.int/news-room/factsheets/detail/suicide>>. Acesso em: 01 de outubro de 2025.

TEIXEIRA, Anísio. **A pedagogia de Dewey**. Esboço da teoria de educação de John Dewey. *In*: John Dewey / Robert B. Westbrook; Anísio Teixeira, José Eustáquio Romão, Verone Lane Rodrigues (org.). Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

VALE, Licio de Araujo. **E foram deixados para trás. Uma reflexão sobre o fenômeno do suicídio**. São Paulo: Edições Loyola, 2018.

ANEXOS

ANEXO A – TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Você é convidado(a) a participar desta pesquisa intitulada “AS EXPERIÊNCIAS DOS SOBREVIVENTES E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO E ACONSELHAMENTO PSICOPASTORAL NA PREVENÇÃO INDICADA AO SUICÍDIO” que tem como **objetivo**: Ouvir a partir das histórias de vida e ou entrevista semiestruturada as experiências das pessoas participantes, enquanto sobreviventes do suicídio. Contribuir para que o Aconselhamento Pastoral seja mais efetivo, junto às pessoas que tentaram suicídio.

É importante que você leia, ou que alguém leia para você, esse documento com atenção e, em caso de qualquer dúvida ou informação que não entenda, peça ao(a) pesquisador(a) responsável pelo estudo que explique a você. Você não é obrigado(a) a participar desta pesquisa. Ao final desse documento, estará disponível um termo de aceite, para que você o assine caso, após os possíveis esclarecimentos opte por participar da pesquisa.

Você é convidado para a participação da presente pesquisa por ser um (a) sobrevivente do suicídio, para partilha de suas experiências e motivações para o viver a despeito das intempéries da vida.

Será uma entrevista semiestruturada com o objetivo de ouvir as experiências decorrentes da tentativa de suicídio ou mesmo anterior às tentativas. Ocorrerá a captura das suas narrativas, no intuito de elucidar e refletir sobre as suas experiências vividas. Como pesquisador me comprometo em arquivar seus depoimentos resguardando a sua privacidade como pessoa participante. As entrevistas terão duração média de quarenta minutos a uma hora, podendo os participantes serem convidados para nova entrevista havendo necessidade.

Serão realizadas entrevistas semiestruturadas, as quais serão gravadas para posterior transcrição, as gravações serão por meio de gravador de voz e não haverá imagem. O participante será informado no momento do agendamento da entrevista que seu relato será gravado, tendo o direito de aceitar ou não a gravação da mesma. Após a gravação, as entrevistas serão transcritas e os entrevistados receberão a transcrição impressa, para ler o relato e confirmar se está de acordo ou não com a publicação da mesma. Afirmamos a garantia da liberdade da retirada de consentimento pelo participante a qualquer momento, podendo deixar de participar do estudo sem qualquer prejuízo. As entrevistas serão realizadas online em plataforma Google Meet ou presencialmente,

conforme a sua disponibilidade do entrevistado, com duração aproximada de até uma hora e meia, e gravadas. No entanto caso eles preferam na hora por não gravarem lhe darei a opção de responder diretamente ao questionário que estará impresso para realização das perguntas. Afirmamos a garantia da liberdade da retirada de consentimento pelo participante a qualquer momento, podendo deixar de participar do estudo sem qualquer prejuízo.

O participante tem direito à confidencialidade das informações fornecidas. Portanto, as gravações serão armazenadas em uma pasta eletrônica protegida por senha de acesso ao banco de dados. As entrevistas serão coletadas individualmente, catalogadas, analisadas, e divulgadas pelo pesquisador, garantindo que a identificação dos participantes não será revelada, a menos que haja autorização expressa para a utilização de seus nomes, sendo possível o uso de pseudônimos.

Riscos e desconfortos: Os procedimentos a serem adotados podem gerar algum desconforto físico ou emocional, por abordar o fenômeno do suicídio, tema complexo e que implica considerar as subjetividades da pessoa participante quanto ao tema. Por essa razão, como pesquisador me comprometo em viabilizar juntamente com você a ajuda psicológica em caso de necessidade. Nesse sentido, caso seja necessário, o encaminhamento/acompanhamento será realizado no Núcleo de Psicologia, situado na Policlínica da Universidade Metodista de São Paulo. A Universidade Metodista de São Paulo e o pesquisador responsável responsabiliza-se pela assistência integral e imediata ao participante da pesquisa no que se refere às complicações e danos decorrentes da pesquisa, conforme *Resolução 466/2012*. O atendimento no Núcleo tem o valor de 15 reais por sessão, no entanto, as despesas ficarão a cargo do pesquisador em caso de necessidade de atendimento.

Benefícios: Ao participar da pesquisa, você, enquanto pessoa participante, poderá se beneficiar diretamente por meio da interação pesquisador/participante tendo em vista a natureza da pesquisa. Esperamos com o resultado final da pesquisa que redundará na Tese, a apresentação de caminhos para uma melhor compreensão do fenômeno do suicídio e condução do Aconselhamento Pastoral na prevenção indicada ao suicídio.

Esta pesquisa não pretende interromper com os seus tratamentos e nem com suas atividades cotidianas, nosso método de entrevista se adaptará a sua disponibilidade para a data, horário e local que lhe forem adequados. Para o agendamento da entrevista, deverá ser respeitado o cronograma acordado entre nós (pesquisador/participante), ou seja, não excedendo o prazo final para coletas dos relatos.

Durante a realização da entrevista, você poderá solicitar pausas ou interrupção caso entenda que precise de um tempo para descanso ou para tranquilizar-se. A entrevista poderá ser retomada assim que você se sentir confortável.

Retirada de consentimento: Em qualquer momento como participante, você tem garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento, podendo deixar de participar do estudo sem qualquer prejuízo.

Todas as informações coletadas neste estudo serão estritamente confidenciais, ou seja, na transcrição da(s) entrevista(s) constará nome fictício. Somente o pesquisador terá conhecimento dos seus dados. Os dados coletados por meio das narrativas obtidas não serão usados para outros fins, salvo a produção da Tese de Doutorado a ser apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo e de artigos para revistas especializadas, livros, capítulos de livros e produções acadêmicas relacionadas estritamente à Tese.

Como participante você terá acesso a transcrição das entrevistas para devida anuência do teor da transcrição na pesquisa. Como participante você terá acesso a pesquisa após a sua conclusão por meio do link a seguir: <https://metodista.br/stricto-sensu/ciencias-da-religiao/publicacoes/teses> onde constam as publicações das Teses aprovadas.

Como participante você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação. Em caso de necessidade de deslocamento que implique em gastos financeiros, os mesmos serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.

Na hipótese de dano pessoal, o participante da pesquisa que vier a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, têm direito à indenização, por parte do pesquisador, do patrocinador e das instituições envolvidas nas diferentes fases da pesquisa.

Sempre que quiser, poderá pedir mais informações sobre o projeto com o pesquisador – telefone (11) 97507-6521 – ou pelo e-mail: vardilei.ribeiro@terra.com.br; ou, ainda, se você tiver alguma dúvida sobre a validade da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Metodista de São Paulo (CEP-UMESP), Rua Sacramento, 230, Edifício Capa, sala 409, São Bernardo do Campo/SP, telefone (11) 43665814, e-mail: cometica@metodista.br

Acredito ter sido suficientemente esclarecido a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo “AS EXPERIÊNCIAS DOS SOBREVIVENTES E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO E ACONSELHAMENTO PSICOPASTORAL NA PREVENÇÃO INDICADA AO SUICÍDIO”. Eu me informei com o pesquisador Doutorando Vardilei Ribeiro da Silva sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são

os propósitos, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido, ou no atendimento que recebo nesta instituição.

Assinatura do participante

Data ____ / ____ / ____

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante para a participação neste estudo. Sendo que uma via deste documento deve ficar com o participante e outra em posse do pesquisador.

Assinatura do responsável pelo estudo

Data ____ / ____ / ____

ANEXO B – Anuência para a Pesquisa



Eu, Marcelo da Silva Carneiro, coordenador do curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, tenho ciência e autorizo a realização da pesquisa intitulada “AS EXPERIÊNCIAS DOS SOBREVIVENTES E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO E ACONSELHAMENTO PSICOPASTORAL NA PREVENÇÃO INDICADA AO SUICÍDIO.” sob responsabilidade do pesquisador Vardilei Ribeiro da Silva no município de São Bernardo do Campo, Estado de SP. A pesquisa será realizada por meio de escuta de narrativas de participantes sobreviventes do suicídio, em encontros presenciais e on-line pelo google meet.

São Bernardo do Campo, 04 de novembro de 2024.

Coordenador do Curso

Prof. Dr. Marcelo da Silva Carneiro

Orientadora

Prof. Dra. Clarissa De Franco

ANEXO C – Declaração de Responsabilidade do(a) Pesquisador(a)

Eu, Vardilei Ribeiro da Silva pesquisador(a) responsável pela pesquisa denominada AS EXPERIÊNCIAS DOS SOBREVIVENTES E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO E ACONSELHAMENTO PSICOPASTORAL NA PREVENÇÃO INDICADA AO SUICÍDIO, declaro que:

- assumo o compromisso de zelar pela privacidade e pelo sigilo das informações que serão obtidas e utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa;
- os materiais e as informações obtidas no desenvolvimento deste trabalho serão utilizados para se atingir o(s) objetivo(s) previsto(s) na pesquisa;
- os materiais e os dados obtidos ao final da pesquisa serão arquivados sob a responsabilidade do(a) pesquisador Vardilei Ribeiro da Silva - UMESP;
- os resultados da pesquisa serão tornados públicos em periódicos científicos e/ou em encontros, quer sejam favoráveis ou não, respeitando-se sempre a privacidade e os direitos individuais dos sujeitos da pesquisa, não havendo qualquer acordo restritivo à divulgação;
- o CEP-UMESP será comunicado da suspensão ou do encerramento da pesquisa, por meio de relatório apresentado anualmente ou na ocasião da interrupção da pesquisa; assumo o compromisso de suspender a pesquisa imediatamente ao perceber algum risco ou dano, conseqüente à mesma, a qualquer um dos sujeitos participantes, que não tenha sido previsto no termo de consentimento.

São Bernardo do Campo, 04 de novembro de 2024.

Vardilei Ribeiro da Silva

CPF: 041.186.556-08

ANEXO D: Parecer consubstanciado

UNIVERSIDADE METODISTA
DE SÃO PAULO - UMESP

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: A EXPERIÊNCIA DOS SOBREVIVENTES COMO CONTRIBUIÇÃO PARA O ACONSELHAMENTO PSICO-PASTORAL NA PREVENÇÃO INDICADA AO SUICÍDIO

Pesquisador: VARDILEI RIBEIRO DA SILVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 84583724.8.0000.5508

Instituição Proponente: Universidade Metodista de São Paulo - UMESP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.300.580

Apresentação do Projeto:

A presente pesquisa é uma pesquisa de doutorado, realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Metodista de São Paulo.

A pesquisa objetiva estabelecer relação entre a experiência de sobreviventes do suicídio e a Teologia Prática, em especial, o Aconselhamento Pastoral.

O fenômeno do suicídio nos interpela como humanidade desde tempos antigos. Nesse sentido, se faz necessário conhecer o fenômeno para que se possa efetivamente atuar na sua prevenção. Há na literatura muitos materiais teóricos que versam sobre o tema, tendo em vista, os dados alarmantes quanto ao suicídio. Entretanto, no presente projeto, além do aporte teórico necessário, pretende-se a partir das histórias de vida dos próprios sobreviventes, compreender o fenômeno e possíveis caminhos para a superação da crise suicida. Para além da compreensão do fenômeno por meio da participação dos sobreviventes pretende-se contribuir para o aconselhamento psico-pastoral na atualidade. Ansiamos ouvir, aqueles e aquelas que por não encontrarem sentido na vida optaram pela tentativa do suicídio. Estes, de algum modo e por algum motivo, ressignificaram suas vidas ao não lograrem êxito no intento de dar cabo dela. A estes, faz parte do projeto, ouvir, para que a partir de suas próprias narrativas possamos estabelecer caminhos profícuos para o aconselhamento de pessoas em crise. De igual modo, interessa-nos pensar a partir das contribuições dos sobreviventes em um aconselhamento em rede, o que justifica o termo psico-pastoral.

UNIVERSIDADE METODISTA
DE SÃO PAULO - UMESP



Continuação do Parecer: 7.300.580

Assim, o problema que se levanta na pesquisa é a necessidade de materiais teóricos que orientem agentes pastorais para o efetivo cuidado junto aos sobreviventes do suicídio. A hipótese da pesquisa é de que por meio dos relatos dos sobreviventes seja possível refletir a respeito de caminhos para um cuidado pastoral e psico-pastoral, tendo em vista a complexidade do tema e a necessidade de cuidado preventivo em rede. A pesquisa tem como objetivos explicitar o fenômeno do suicídio a partir de diferentes epistemologias, problematizar o conceito e prática do aconselhamento pastoral ao longo da história, explicitar a pesquisa narrativa como recurso metodológico que orientará as entrevistas com os sobreviventes, com o propósito de se conhecer suas experiências. Espera-se que por meio de tais experiências, novos caminhos para o cuidado e o aconselhamento pastoral se estabeleçam. Por fim, pretende-se contribuir para que a temática possa ser tratada de maneira mais aprofundada tanto nos meios eclesiais como acadêmicos.

Como problematização, temos a seguinte pergunta em mente: Como propiciar cuidado efetivo junto aos sobreviventes do Suicídio por meio do Aconselhamento Pastoral, tendo em vista a inexistência de material teórico que oriente tal prática? E a partir desta problematização estabelecemos a priori os seguintes objetivos na pesquisa: 1) Compreender o fenômeno do suicídio; 2) problematizar as práticas atuais de cuidado e aconselhamento pastoral frente a realidade do suicídio; 3) explicitar a pesquisa narrativa como caminho metodológico para compreensão da experiência narrada pelos sobreviventes e compreender o fenômeno do suicídio a partir das narrativas dos sobreviventes; 4) apontar caminhos para o aconselhamento pastoral a partir das experiências dos sobreviventes

O referencial teórico metodológico principal a ser utilizado na pesquisa será qualitativo por meio da Pesquisa Narrativa, que tem por objetivo compreender as experiências vividas por meio das narrativas. Na Pesquisa Narrativa, portanto, o participante não é mero objeto de campo, mas participante ativo que com sua experiência delinear os rumos da própria pesquisa. A metodologia será também por meio da pesquisa bibliográfica sobre o tema, tendo como base as principais obras que abordam o assunto. Os possíveis participantes da pesquisa serão convidados previamente por meio do Formulário Google, a ser disponibilizado em grupos de Whatsapp relacionados a instituições cristãs protestantes (tradicionais/históricas). Os possíveis participantes da pesquisa serão convidados previamente por meio do Formulário Google, a ser disponibilizado em grupos de Whatsapp relacionados a instituições cristãs protestantes (tradicionais/históricas). Dentre os inscritos serão selecionadas 05 (cinco) pessoas para a efetiva participação da pesquisa. A seleção dessas cinco pessoas levará em

UNIVERSIDADE METODISTA
DE SÃO PAULO - UMESP



Continuação do Projeto: 7.300.580

consideração a diversidade de gênero e raça, tendo foco nas faixas etárias de 20 a 49 anos, por serem as mais vulneráveis ao fenômeno do suicídio. Os demais poderão ser convidados em caso de desistência de algum participante. No link a seguir: <https://forms.gle/Vr7s1BuF8PGgABPK9> realizo o convite para a participação da pesquisa, destacando o sigilo e respeitabilidade ao participante. No formulário, além do convite, constam o TCLE e questionários que contribuirão para melhor compreensão do perfil do(a) participante. Os critérios de inclusão serão os seguintes: Ser sobrevivente do suicídio; Declarar-se bem emocionalmente para participar da pesquisa; Ser membro efetivo de alguma Igreja Protestante Histórica; Concordar com os termos do TCLE; Aqueles e aquelas que não se adequarem aos itens acima terão suas possíveis participações excluídas.

As entrevistas poderão acontecer presencialmente ou online a depender da preferência dos participantes. No caso de entrevista online o link permanente disponibilizado será este - Link da videochamada: <https://meet.google.com/tgo-vyaz-umq>, para o caso de entrevistas presenciais, elas serão realizadas na residência do participante. As entrevistas terão duração média de quarenta minutos a uma hora, podendo os participantes serem convidados para nova entrevista havendo necessidade.

O material de campo, uma vez compilado, será analisado por meio da Análise Temática, método que visa a análise de dados qualitativos buscando identificar padrões e temas comuns nas entrevistas.

Objetivo da Pesquisa:

Possibilitar novas abordagens nas práticas de Aconselhamento Pastoral a partir da vida vivida dos sobreviventes do suicídio.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Riscos e desconfortos: Os procedimentos a serem adotados podem gerar algum desconforto físico ou emocional, por abordar o fenômeno do suicídio, tema complexo e que implica considerar as subjetividades da pessoa participante quanto ao tema. Por essa razão, como pesquisador me comprometo em viabilizar juntamente com você a ajuda psicológica em caso de necessidade. Caso seja necessário, o encaminhamento/acompanhamento será realizado no Núcleo de Psicologia, situado na Policlínica da Universidade Metodista de São Paulo. O atendimento no Núcleo tem o valor de 15 reais por sessão, mas é realizada a aplicação da gratuidade se comprovada a situação de vulnerabilidade social. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos,

UNIVERSIDADE METODISTA
DE SÃO PAULO - UMESP



Continuação do Parecer: 7.300.180

conforme Resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde.

Benefícios: Ao participar da pesquisa, você, enquanto pessoa participante, poderá se beneficiar diretamente por meio da interação pesquisador/participante tendo em vista a natureza da pesquisa. Esperamos com o resultado final da pesquisa que redundará na Tese, a apresentação de caminhos para uma melhor compreensão do fenômeno do suicídio e condução do Aconselhamento Pastoral na prevenção indicada ao suicídio.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é de grande relevância social e acadêmica e foi bem delineada pelo pesquisador VARDILEI RIBEIRO DA SILVA, aluno de doutorado da Universidade Metodista de São Paulo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Folha de rosto - Adequado

Declaração de responsabilidade do pesquisador - Adequado

TCLE - Adequado

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2452253.pdf	06/12/2024 18:16:52		Aceito
Outros	cartarespostapendenciasajustada.pdf	06/12/2024 18:15:18	VARDILEI RIBEIRO DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEvirtualmodificado.pdf	06/12/2024 18:14:51	VARDILEI RIBEIRO DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEpresencialmodificado.pdf	06/12/2024 18:14:32	VARDILEI RIBEIRO DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto de Pesquisa CEP modificado.pdf	06/12/2024 18:14:17	VARDILEI RIBEIRO DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	FolhaRostoVard.pdf	07/11/2024	VARDILEI RIBEIRO	Aceito

UNIVERSIDADE METODISTA
DE SÃO PAULO - UMESP



Continuação do Parecer: 7.300.380

Folha de Rosto	FolhaRostoVard.pdf	23:19:16	DA SILVA	Aceito
Declaração de concordância	AnuenciaPesquisa.pdf	05/11/2024 00:08:02	VARDILEI RIBEIRO DA SILVA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracaopesquisador.pdf	05/11/2024 00:07:21	VARDILEI RIBEIRO DA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO BERNARDO DO CAMPO, 16 de Dezembro de 2024

Assinado por:
Lauri Emilio Wirth
(Coordenador(a))

Endereço: Rua do Sacramento, 230, Edifício Capa, sala 419, 4º andar Sala 419
Bairro: RUDGE RAMOS **CEP:** 09.640-000
UF: SP **Município:** SAO BERNARDO DO CAMPO
Telefone: (11)4366-5814 **E-mail:** cometica@metodista.br